

**Universidade de Lisboa**  
**Faculdade de Letras**  
**Departamento de História**



**A cerâmica campaniense do Monte Molião, Lagos.**

**Vanessa Filipa Sitima Dias**  
**Mestrado em Arqueologia**

**2010**

**Universidade de Lisboa**  
**Faculdade de Letras**  
**Departamento de História**

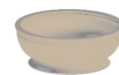


**A cerâmica campaniense do Monte Molião, Lagos.**

**Vanessa Filipa Sitima Dias**

Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa sob orientação da Professora Dr<sup>a</sup> Ana Margarida Arruda dos Santos Gonçalves

**2010**



Para ser grande, sê inteiro: nada  
Teu exagera ou exclui.  
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és  
No mínimo que fazes.  
Assim em cada lago a lua toda  
Brilha, porque alta vive

Ricardo Reis

## **Resumo**

A cerâmica campaniense é uma importante referência quando nos debruçamos sobre os inícios da romanidade. Tal como em todo o Mediterrâneo, esta classe cerâmica torna-se um “fóssil director” na datação dos contextos que documentam o avanço da conquista romana no extremo ocidente da Península Ibérica.

Esta, proveniente de diferentes centros produtores, caracteriza-se pelas suas pastas bem depuradas e de várias tonalidades e pelo seu verniz negro, aplicado por imersão. A sua produção baliza-se entre os séculos III a.C. e I a.C.

O conjunto de cerâmica campaniense do Monte Molião é abundante e formalmente variado. Este, permite-nos o estudo de hábitos de consumo, alterações económico-sociais e a construção de novas realidades arquitectónicas. Quando comparado com os outros conjuntos dos sítios da costa algarvia permite a leitura de padrões de importação e consumo destes materiais, assim como, o enquadramento cronológico da instalação dos novos contingentes itálicos a Sul do actual território português.

Palavras chave: campaniense, Monte Molião, Algarve, romano republicano.



### **Abstract**

Campanian ceramic is an important reference when we focus on the beginnings of the Romanity. As throughout the Mediterranean, this pottery class becomes a "fossil director" in the dating of the contexts that document the progress of Roman conquest in the extreme west of the Iberian Peninsula.

This, coming from different production centers, characterized by their well cleaned clay in various shades and his black polish, applied by immersion. It's chronologically fits between the third and the first centuries.

The set of campanian ceramic of Monte Molião, Lagos, is abundant and varied. This allows us to study consumer habits, economic and social changes and the construction of new architectural realities. When compared to other archeological sites in the Algarve coast, allows reading patterns of import and consumption of these materials, as well as the chronological framework of the installation of new italic people in south of the current portuguese territory.

Keywords: campanian, Monte Molião, Algarve, roman republican.

## Agradecimentos

Um longo caminho possibilitou a realização do presente trabalho, pois este, não ocupou apenas o último ano, outros tantos foram necessários para aquisição de um conjunto de aptidões e conhecimentos indispensáveis para a escrita desta tese. Agradeço, assim, em primeiro lugar, a todos aqueles que fizeram parte do meu processo de aprendizagem e me deram ferramentas que me irão ser úteis sempre.

À Professora Doutora Ana Margarida Arruda, primeiro por se integrar no que referi anteriormente, mas sobretudo por ser a orientadora deste trabalho. Obrigado pela cedência dos materiais, por toda a informação, pela disponibilidade, apoio e paciência em mim depositados nos últimos dois anos.

Ao Dr.º Carlos Pereira e à Dr.ª Elisa de Sousa, o meu grande obrigado, por me mostrarem, realmente, como se faz arqueologia. E, também, ao Carlos pelos esclarecimentos, por toda a informação, textos, disponibilidade e revisão. À Elisa pelos conselhos, textos e atenção.

À Doutora Catarina Viegas agradeço todos os conhecimentos sobre cerâmica que me transmitiu, a bibliografia disponibilizada e a resposta a todas as minhas questões.

Ao Drº André Carneiro, deixo um agradecimento pelas longas conversas que sempre me elucidaram em relação às decisões a tomar e pelas minhas participações nos seus projectos que muitos ensinamentos me trouxeram.

À dr.ª Ana Junceiro, minha “eterna colega de escavação” e ao dr.º José Inverno o meu obrigado pelo carinho, pela preocupação, por ouvirem constantemente a minha conversa sobre cerâmica campaniense, por acreditarem nas minhas capacidades e por fazermos todos parte desta caminhada. E ainda, porque lá me vão aturando por esse Alentejo fora, o que por vezes não é fácil, especialmente quando não me calo.

Àqueles que comigo partilharam as longas sextas-feiras ao longo de um ano, Inês, Marta, Nelson, João, Ana Cristina e Joel.

A todos os que são e sempre foram meus amigos.

E o meu maior obrigado vai para a minha grande família: avós, pais, tios, irmã e primo, que há 23 anos aguentam as minhas muitas birras. Em especial à minha avó, a pessoa que mais me inspira. À minha mãe e ao meu pai, pelo seu esforço que possibilitou a minha chegada a este nível e pela educação que me deram.



## Índice

<b>1. Introdução.....</b>	<b>p.9</b>
<b>2. Breve História da Investigação da cerâmica campaniense.....</b>	<b>p.10</b>
2.1 A evolução do conhecimento sobre a cerâmica campaniense.....	p.10
2.2 O estudo da cerâmica campaniense em Portugal.....	p.18
<b>3. Monte Molião.....</b>	<b>p.35</b>
3.1 Enquadramento geográfico e descrição geológica.....	p.35
3.2 As vias de comunicação.....	p.38
3.3 Síntese sobre a história das investigações e resultados obtidos.....	p.43
3.3.1 Finais do século XIX inícios do século XX.....	p.43
3.3.2 Arqueologia de emergência.....	p.45
3.3.3 O projecto “Monte Molião na Antiguidade”.....	p.48
3.3.3.1 Resumo dos trabalhos e resultados obtidos.....	p.49
<b>4. A cerâmica campaniense do Monte Molião, Lagos.....</b>	<b>p.51</b>
4.1 Metodologia.....	p.51
4.2 Grupos de Fabrico.....	p.53
4.2.1 A cerâmica campaniense do tipo A.....	p.54
4.2.2 A cerâmica campaniense do tipo B caleno.....	p.54
4.2.3 A cerâmica campaniense do tipo B etrusco.....	p.54
4.2.4 A cerâmica campaniense de pasta cinzenta.....	p.55
4.3 Análise.....	p.55
4.3.1 A cerâmica campaniense do tipo A do Monte Molião.....	p.57
4.3.2 A cerâmica campaniense do tipo B caleno do Monte Molião.....	p.58
4.3.3 A cerâmica campaniense do tipo B etrusco do Monte Molião.....	p.60
4.3.4 A cerâmica campaniense de pasta cinzenta do Monte Molião.....	p.60

4.4 Discussão dos contextos.....	p.62
4.4.1 Sector A.....	p.62
4.4.2 Sector C.....	p.64
4.5 Síntese das conclusões.....	p.70
4.6 Catálogo.....	p.74
<b>5. A cerâmica campaniense do Monte Molião no quadro da romanização do Sul do território português.....</b>	<b>p.91</b>
<b>6. Considerações finais.....</b>	<b>p.99</b>
<b>7. Bibliografia.....</b>	<b>p.107</b>
<b>8. Anexos</b>	





## 1. Introdução

O sudeste da Península Ibérica foi, desde muito cedo, permeável aos contactos com as populações que habitavam o Mediterrâneo. Desenvolveram-se rotas de comunicação e circulação de produtos e povos. Hoje, conseguimos, através dos vestígios desses contactos deixados no registo arqueológico, reconstituir parte dessa história, o estudo cultural e económico deste território durante a antiguidade. A cerâmica, não passando de um pequeno fragmento dessa realidade passada, torna-se o documento indispensável na reconstrução, no presente, de actos do quotidiano, de hábitos económico-sociais e de contactos com as populações exteriores, representando ainda o testemunho de episódios históricos que marcaram e mudaram determinado território ou povo.

A costa algarvia e em especial a actual cidade de Lagos é disso exemplo, O Monte Molião, aí sito, demonstra uma longa diacronia na ocupação do espaço, constituindo um importante sítio indígena na Idade do Ferro, cerca de meados do século IV a.C., cedo se integra nas relações com o Mediterrâneo e as suas cidades costeiras. Já nessa época, encontram-se no sítio, materiais provenientes da Baía de Cádiz e cerâmicas gregas de verniz negro. Este processo agudiza-se com a chegada das populações romanas, que se parecem ter instalado em torno dos finais da segunda metade do século II a.C.

Constatação comprovada a partir do estudo do conjunto de cerâmica campaniense do sítio, produção característica do período romano republicano, tema da presente dissertação. Pretende-se através da análise deste tipo cerâmico e da distinção dos diferentes grupos de fabrico presentes no sítio, elaborar um estudo sobre a sua chegada e a sua presença no Monte Molião. Para que esta abordagem seja completa, teremos em atenção a sua proveniência estatigráfica e os materiais desses mesmos contextos, cronologicamente coevos do período ocupacional referido.

Torna-se importante, o enquadramento deste conjunto com os conjuntos de cerâmica campaniense encontrados noutras áreas do Sul do actual território português. Faro, Castro Marim e Mértola, todos objecto de estudos recentes (ARRUDA e PEREIRA, 2008; LUÍS, 2003; VIEGAS, 2009), são tidos, neste trabalho como pontos de comparação, pretendendo-se, em termos gerais, traçar os principais pontos sobre o

consumo da cerâmica campaniense nesta área geográfica de fácil acesso ao Mediterrâneo.

## **2. Breve História da Investigação da cerâmica campaniense.**

### **2.1 A evolução do conhecimento sobre a cerâmica campaniense.**

A cerâmica campaniense, uma produção a torno fabricada em série destinada a ir a mesa, inspira-se ao nível formal e dos fabricos nas cerâmicas áticas (ARRUDA, 1993, p.299) e impõe-se como um dos mais importantes elementos datantes dos contextos de época romano republicana (BÉLTRAN LLORIZ, 1990, p.39).

O primeiro a nomear este tipo cerâmico foi Gian Francesco Gamurrini, num artigo que publicou em 1879 sobre as peças de cerâmica campaniense do Museu Etrusco de Florença (GAMURRINI, 1879). Aí, estas aparecem sobre a designação de “vases etrusco-campaniens” (GAMURRINI, 1879, p39), pois o autor atribuiu a sua origem às influências da cultura grega na Etrúria, tida como o berço da civilização romana (GAMURRINI, 1879, p.39).

Em meados do Século XX, o autor clássico Horácio inspira os investigadores a designarem este tipo de “campana supellex” (HORÁCIO, I, 6, II8). É este o termo que aparece nos trabalhos de A. K. Lake (1934-35) e de Nino Lamboglia (1952). *Campana* o termo anteriormente utilizado por Gamurrini (GAMURRINI, 1879) e também presente no poema “Sátiras” de Horácio (I, 6, II8) e entendendo-se *supellex* como barro (LEWIS, 1879) ou serviço de mesa (ALBERTINI, s.d., p.1564).

De facto, ainda hoje não há certezas de qual seria a verdadeira designação da cerâmica campaniense no quotidiano da época clássica. Por tradição científica, o termo que ainda é mais utilizado é cerâmica campaniense, criado por Nino Lamboglia (1952). Contudo, mesmo na época este gerou polémica, pois havia quem considerasse a designação verniz negro mais adequado (MINGAZZINI, 1966), designando uma realidade cronológica e espacial mais ampla, englobando todos os tipos desta cerâmica e da sua produção em diversas áreas.

Nas décadas seguintes, a desigualdade na designação da cerâmica campaniense manteve-se. No panorama científico actual, existe uma intenção notória de adoptar o termo de cerâmica romana de verniz negro (PÉREZ BALLESTER, 2009).



Quanto ao desenvolvimento do estudo desta cerâmica, Nino Lamboglia foi o primeiro autor a tentar uma sistematização formal e cronológica. “Per una classificazione preliminare de la cerâmica campana” (LAMBOGLIA, 1952) foi apresentada no Congresso de Estudos Lígures em 1950 e transformou-se num marco no estudo da cerâmica campaniense (MOREL, 1981, p.39). Lamboglia, através dos materiais provenientes de *Albintimium*, iniciou uma divisão destas cerâmicas de verniz negro e criou as chamadas três classes universais, A, B e C com base nas diferentes pastas das argilas e tonalidades dos vernizes (LAMBOGLIA, 1952, p.139).

A cerâmica campaniense do tipo A, produzida, desde o século IV a.C até 40 a.C., no golfo de Nápoles, muito provavelmente na ilha de Íschia, foi definida por Lamboglia (1952) e posteriormente dividida em várias fases de produção por Jean-Paul Morel (1981).

Na fase primitiva, de inícios do século IV a 300 a.C., existe uma grande diversidade nas formas e padrões decorativos, é notória a influência das produções Áticas. A fase arcaica, 280 a 220 a.C., corresponde à exportação massiva da cerâmica campaniense tipo A, aliada à grande qualidade do fabrico. A fase antiga, 220 a 180 a.C. e a fase média ou clássica, de 180 a 100 a.C., representam o apogeu na distribuição deste tipo, havendo um consumo massivo destas peças. E na fase tardia, de 100 a 40 a.C., verifica-se uma redução na diversidade de formas produzidas decrescendo também a qualidade (BELTRAN, 1990, p.39, PY, 1993b, p.146, ADROHER AUROUX e LÓPEZ MARCOS, 1996, p.12-15). A par destes aspectos, é nesta fase que se evidencia, nos centros de consumo, a concorrência com a cerâmica campaniense dos tipos B, B caleno e C (PY, 1993b, p146, ADROHER AUROUX e LÓPEZ MARCOS, 1996, p.14-15).

A cerâmica campaniense A é composta por uma pasta muito depurada de cor vermelha rosada, o seu verniz negro apresenta reflexos metálicos cinzentos e azulados e a sua qualidade vai decrescendo (PY, 1993b, p.146, ADROHER AUROUX e LÓPEZ MARCOS, 1996, p.12).

Nas fases arcaicas, antiga e média a decoração é recorrente, compondo-se pela aplicação de estampilhas, sobretudo rosetas e palmetas no fundo interno das formas 5/7, 36 e 55 de Lamboglia (PY, 1993b, p146). Na fase tardia este repertório decorativo desaparece, sendo substituído pela aplicação de círculos incisos e pintura a branco (PY, 1993b, p146).

A cerâmica campaniense do tipo B etrusca, tem uma produção balizada no 2º quartel do século II até finais século I a.C. Como o nome indica provêm de oficinas localizadas na região da Étrúria. Técnicaamente, tem uma pasta muito bem depurada de cor bege/salmão, o seu verniz tem grande qualidade, apresentando um tom negro homogéneo, azulado e sem brilho (ARRUDA, 1993, p.300; PY, 1993c, p.151).

Estas duas produções são efectuadas em modo A (cozedura redutora e arrefecimento oxidante), já a cerâmica campaniense do tipo C é realizada em modo B, ou seja, em ambiente totalmente redutor (MOREL, PICON, 1994, p.44-45).

A cerâmica campaniense do tipo C, data do século II a meados do século I a.C., foi produzida em Siracusa, na Sicília. É caracterizada por uma pasta cinzenta clara e é revestida por um verniz negro na superfície interior da peça, e junto ao bordo no exterior (ARRUDA, 1993, p.300; PY, 1993d, p.153).

Ao nível do consumo externo, este tipo nunca teve uma difusão tão vasta como os outros dois tipos “universais” (PY, 1993d, p.153), sendo raro na Península Ibérica, estando mesmo ausente, até à data, no actual território português (PY, 1993c, p.151, VIEGAS, 2009, p.132).

Formalmente, o autor procedeu a uma numeração de todas as formas presentes no sítio, tendo em consideração a sua cronologia e a classe a que pertenciam, definindo no total, 63 formas (LAMBOGLIA, 1952).

Começam então, a partir da década de 50 a ser publicados trabalhos e artigos documentando a presença destas três classes de cerâmica campaniense em diversos sítios arqueológicos, contextos até à data esquecidos ou ignorados (LUÍS, 2004, p.19).

A *classificazione preliminare* tornou-se incompleta, as novas formas iam-se encaixando incorrectamente naquelas definidas por Lamboglia e tornou-se necessária uma nova abordagem à cerâmica campaniense.

Esta surge apenas nos anos 80, quando o investigador Jean-Paul Morel elabora uma vasta e complexa obra tipológica, *Cerámique Campanienne: Les formes* (MOREL, 1981), que pretende a sistematização pormenorizada das formas deste tipo cerâmico.

Aqui, esquece-se o conceito de classe em detrimento do significado de tipo. Com base em critérios taxonómicos, na obra de Morel, as formas são classificadas numericamente através do seu perfil e dos pormenores deste. Cada forma tem um número de cinco dígitos e uma letra, por exemplo 1234 b1, representando o primeiro a categoria, o segundo o género, o terceiro a espécie, o quarto o tipo acrescentando uma letra e o último dígito corresponde ao exemplar (MOREL, 1981, p.36).



Morel cria um sistema de classificação hierarquizado, que permite ao investigador a tipificação do seu conjunto de materiais em pormenor e a atribuição de cronologias mais específicas do que a *Classificação preliminar* de Nino Lamboglia e ainda que constantemente se consigam aí inserir todas as novas formas que vão surgindo (LUÍS, 2004, p.20).

Nesse momento, a investigação sofre novo impulso. Continuaram a existir problemas no estudo destas cerâmicas de verniz negro. Agora que as formas se encontravam bem definidas, a caracterização técnica destas cerâmicas era realizada ainda com incertezas, as imitações e a distribuição espacial de todas as classes de campaniense eram alvo de grandes dúvidas.

A chamada B-óide fazia parte desse universo de questões. Tendo sido assim chamada por imitar as formas da campaniense B etrusca, considerada a verdadeira (MOREL, 1981, p.46). Neste Grupo, inseriam-se todas as produções de cerâmica campaniense que não se incluíam nos parâmetros definidos por Lamboglia quando criou as três classes universais (LAMBOGLIA, 1952, p.140). Eram designadas de imitações, constituindo um mundo de produção e difusão secundário ao dos tipos A, B e C.

Jean-Paul Morel (1981), negando o termo imitação, prefere a designação de “círculo da B”, ou seja, produções de cerâmica campaniense com características técnicas e formais semelhantes às da oficina da B etrusca, localizadas no Norte da Câmpania e no Lácio Meridional, resultantes da movimentação da mão-de-obra (MOREL, 1981, p.46; PY, 1993c, p.151) e da transmissão de uma tradição de produção (ADROHER AUROUX, LÓPEZ MARCOS, 1996, p.18).

Desde a década de 80, que Luigi Pedroni se debruça sobre estas produções ditas de “imitação”, procurando definir os seus universos de produção e distribuição (PEDRONI, 1981, 1990, 2001).

As escavações sistemáticas na cidade de Valência e no centro produtor de Cales, em Itália, trouxeram novos dados para o correcto enquadramento dos materiais inseridos no universo B-óide (PEDRONI, 2001, p.251).

A ocupação romano republicana de Valência encontra-se bem fundamentada através da grande quantidade de artefactos cerâmicos encontrados em níveis estatigráficos selados. O estudo destes contextos permitiu atribuir uma cronologia a essa ocupação entre 138 a.C. e 75 a.C., com as etapas de fundação, utilização e destruição bem definidas (CALVO GALVEZ, RIBERA I LACOMBA, 1995).

Aí, as importações de centros produtores itálicos são abundantes (MOREL, 1986, p.33).

Paralelamente, em Itália foi escavada uma importante oficina oleira, em Cales, em actividade entre os séculos III e I a.C. (MARÍN JORDÁ, RIBERA I LACOMBA, 2001, p.250).

Com os dados destas duas intervenções, e com o auxílio das análises químicas (MOREL, 1998, p.18), chega-se à conclusão de que parte das peças inseridas nos tipos de campaniense B e B-óide, assim como as produções do grupo Byrsa 661, são, de facto, originárias deste centro produtor e exportadas para o Mediterrâneo entre os séculos III e I a.C. (MARÍN JORDÁ, RIBERA I LACOMBA, 2001, p.250).

A Cerâmica campaniense do tipo B calena foi fabricada em Itália, na região de Cales. Possui uma pasta calcária bege, bem depurada, apresentando um grande número de inclusões (minerais negros e mica) (PEDRONI, 1990, 185-191). O seu verniz é negro, aplicado por imersão, sem brilho e apresenta manchas de várias tonalidades, vermelhas, acastanhadas, esverdeadas (PY, 1993c, p.151, ADROHER AUROUX e LÓPEZ MARCOS, 1996, p.19).

Quanto às decorações, esta produção distingue-se por um losango impresso no fundo interno de algumas formas (MOREL, 1981). O período áureo da exportação desta cerâmica ocorreu entre 184 e 50 a.C. (ADROHER AUROUX e LÓPEZ MARCOS, 1996, p.20).

Com este novo impulso, a investigação sobre as cerâmicas campanienses, em especial sobre as imitações, sofre, novamente, um grande avanço. É de referir a mesa redonda realizada em 1998, em Ampúrias, *La cerámica de vernis negre dels segles II i I a.C. Centre productors mediterranis e comercializació a la Península Ibérica*, (AQUILUÉ ABADÍAS, GARCÍA ROSELLÓ, GUITART DURÀN, 2000). Aqui, é apresentado o conjunto de materiais calenos de Valência, a sua tipologia e enquadramento cronológico.

Um dos pontos de discussão foi a reformulação do termo B-óide, desactualizado e mesmo incorrecto face ao desenvolver da investigação, devendo agora os investigadores referir-se a estes materiais provenientes de Cales, como cerâmica campaniense B calena (VIEGAS, 2009, p.132). Defendeu-se ainda a necessidade do uso das análises químicas para um correcto enquadramento espacial dos materiais (AQUILUÉ ABADÍAS, GARCIA ROSSELÓ, GUITART DURAM, 2000, p.404).



O encontro pretendeu a conjugação e interpretação de novos dados e a sistematização do conhecimento sobre as cerâmicas romanas de verniz negro e a sua proveniência. Foram assim discutidos assuntos controversos como a cronologia da cerâmica campaniense tipo A e os principais aspectos que poderão distinguir as cerâmicas campanienses de verniz negro produzidas na Etrúria e as cerâmicas campanienses de verniz negro provenientes de Cales, cujos dados eram ainda recentes (AQUILUÉ ABADÍAS, GARCIA ROSSELÓ, GUITART DURAM, 2000, p.404).

Dentro do universo de “imitações”, conhecemos, ainda, variados, exemplos, tendo alguns deles conhecido uma distribuição à escala local e regional, com uma área de difusão muito restricta (LUÍS, 2003, p.17). É o caso das produções de cerâmica campaniense de pasta cinzenta do Guadalquivir, de Ibiza, das oficinas de *Rullus*, de *Nikya-Ion* e das três palmetas radiais, da oficina de pequenas estampilhas e de Rosas.

Na península Itálica, conhecemos várias oficinas ligadas a estas produções de “cariz secundário”, nomeadamente a oficina das pequenas estampilhas em Roma, que funcionaria, em meados da segunda metade do século III a.C., sendo a sua característica principal a aplicação de quatro estampilhas em relevo sobre a peça. Possui uma argila amarela-alaranjada e um verniz negro e espesso (BELTRAN, 1990, p.39)

Na oficina de *Rullus* em Lyon, com uma produção tardia, meados do século I a.C., produziam-se pequenos copos com uma marca circular impressa no fundo externo da peça, onde se pode ler *rulli*, *lusimacus rulli st(ati) s(eruus)* ou *Lucrio ru(II)i* (LÓPEZ MARCOS, ADROHER AUROUX, 1996, p.25).

Na Hispânia, conhecem-se vários pequenos centros produtores, como é o caso da oficina das três palmetas radiais, em Rosas, activa na primeira metade do século III a.C., produzindo peças com pastas muito laranja ou rosáceas, decoradas com três palmetas (BELTRAN, 1990, p.41). As peças aqui produzidas distribuem-se no levante peninsular, Rousillon e Languedoc, registando-se também a sua presença na Península Itálica, em Populonia e Ischía (PÉREZ BALLESTER, 2009, p.272 *apud* PRINCIPAL-PONCE, 1998, p. 94-98).

A oficina de *Nikya-Ion*, localizada provavelmente em Ampúrias, produziu entre meados do século III a.C. e 175 a.C. peças com formas similares às da cerâmica campaniense do tipo A, com argila de tons amarelos acastanhados e verniz negro. São características as estampilhas cruciformes com os caracteres *Nikya* ou *Iôn* impressos. Estas produções estão presentes na Catalunha e no Sul de França (BELTRAN, 1990, p.41).

Ainda na província da Hispânia, referimos às oficinas das rosetas nominais, das rosetas nominais sobre estrias e das pequenas páteras, identificadas, tal como as oficinas de Nikya-ion e das três palmetas radiais, em 1978, por Sanmartí Greco, em Ampúrias (BELTRAN, 1990, p.41, *apud* SANMARTÍ GRECO, 1978).

No mesmo artigo, Enric Sanmartí Greco descreve outro tipo de cerâmica de verniz negro proveniente de Rosas (SANMARTÍ GRECO, 1978). Investigações recentes apuraram que existiu aí, durante finais do século II a.C. e século III a.C., uma utilização comunitária dos fornos de cerâmica, não havendo assim uma especialização na produção destas peças (PUIG, MARTÍN, 2006, p.209).

As formas imitam os repertórios das cerâmicas áticas e Cerâmicas campanienses de produção itálica, numa última fase. A coloração da pasta altera-se segundo a temperatura de cozedura do forno, podendo variar entre um tom alaranjado e um vermelho escuro, havendo ainda uma outra produção com argilas beges amareladas (PÉREZ BALLESTER, 2009, p.269). As argilas são todas da área de Rosas. As peças estão cobertas por um verniz negro um pouco vitrificado e denso, com algumas manchas avermelhadas. Praticamente não existe decoração nestas produções, ainda que, por vezes, surjam pequenas estampilhas (PÉREZ BALLESTER, 2009, p.269).

Na Península Ibérica, convivemos também com os fabricos de pasta cinzenta similares à cerâmica campaniense do tipo C, a que Ventura Martínez deu o nome de pseudo-campanienses de pasta cinzenta (1985).

Dentro desta designação, podemos inserir a produção de pasta cinzenta do Alto Guadalquivir (Castulo e Porcuna), situada no século I a.C., onde se destacam as produções oretana e bastetana, com um repertório formal inspirado no da cerâmica campaniense de tipo B (ADROHER AUROUX, LÓPEZ MARCOS, 2000, p.149 a 160). Os fragmentos deste fabrico não apresentam qualquer verniz e a sua superfície era alisada e brunida (VIEGAS, 2009, p.133).

Ainda destes centros produtores do Guadalquivir, destacamos a cerâmica campaniense de pasta cinzenta, que possui um verniz negro, partículas micácias na argila e um losângulo impresso no fundo das peças, semelhante ao que decora os fundos internos das produções de Cales (VENTURA MARTÍNEZ, 2000, p.185). Teve uma difusão à escala regional, encontrando-se exemplares desta produção em sítios do Baixo Guadalquivir e ao longo da costa de Cádiz (VENTURA MARTÍNEZ, 2000, p.185).

Referimos também, neste grupo de produções de pastas cinzentas que reproduzem as formas da cerâmica campaniense, o grupo de Ibiza. Com uma produção entre os





séculos II e I a.C., com pastas cinzentas claras, duras, bem depuradas e um verniz fino, brilhante e cinzento-escuro. A par desta produção, também se conhece da ilha de Ibiza outros grupos com pastas diferentes: ocre, amarela e vermelho-alaranjada. A difusão deste grupo cerâmico é apenas regional (BELTRÁN, 1990, p.41).

Além destes centros de fabrico, conhecem-se vários outros, por exemplo em França, na Ásia menor e no Norte de África que não tiveram uma dispersão dos seus produtos à escala das produções ditas universais (VIEGAS, 2009, p.133).

A reprodução de formas de cerâmica campaniense em cerâmica comum é recorrente nos sítios arqueológicos. Alguns autores consideram este fenómeno as verdadeiras imitações. Trata-se da cópia idêntica das formas em argilas locais e sem a aplicação de qualquer verniz na superfície, por vezes, acrescentando características próprias (LÓPEZ MARCOS, ADROHER AUROUX, 1996, p.27-28; FABIÃO, 1998, p.460).

A difusão destas peças seria apenas local e mostra o crescente sucesso que a cerâmica de verniz negro fazia nos territórios de consumo.

Por fim, não devemos deixar de referir a contribuição mais recente para o enquadramento cronológico das cerâmicas campanienses. Michel Py coordenou em 1993 e 2002 um grande dicionário para o estudo das cerâmicas antigas, utilizando como ponto de partida os materiais provenientes de diversos sítios de Languedoc. Referimo-nos á Lattara 6: *Dicocer: dictionnaire des céramiques antiques (VIIème s. av. n. è. - VIIème s. de n. è.) en Méditerranée nord-occidentale (Provence, Languedoc, Ampurdan)* (PY, 1993a) e a Lattara 14: *Corpus des céramiques de l'Âge du Fer de Lattes*, um complemento á obra de 1993 (PY, ADROHER AUROUX, SANCHEZ, 2001).

Aqui, o autor incluiu o repertório das cerâmicas campanienses registadas nos sítios arqueológicos da região, com os devidos ajustes cronológicos. Constituindo uma revisão à obra de Jean-Paul Morel, a Lattara 6 torna-se, assim, um importante instrumento de pesquisa para o investigador actual.

Concluindo, decorrido pouco mais de meio século no estudo das cerâmicas campanienses, existem ainda questões em constante debate e desenvolvimento. Nino Lamboglia foi o impulsionador da investigação desta realidade artefactual. Apesar das falhas que hoje apresenta, a Classificação Preliminar (1952) foi, a seu tempo, a solução ideal para o início da classificação sistemática das peças de verniz negro que iam

aparecendo, em grande número, nos sítios arqueológicos e logo colocadas de lado, por pouco se saber sobre elas.

A obra serviu ainda para que múltiplos textos fossem publicados nas décadas seguintes, entre eles, a monografia de Jean-Paul Morel (1981), ainda hoje merecedora de consulta pelo vasto conjunto de dados aí contidos.

Com o início de uma arqueologia científica, conseguiu-se enquadrar todos os tipos de cerâmica de verniz negro, que por possuírem diferentes características técnicas, não se inseriam nas classes “universais”. Falamos das produções à escala local/regional influenciadas pelo grande sucesso dos tipos A, B e C nos territórios romanizados.

## **2.2 O estudo da Cerâmica campaniense em Portugal**

Pode dizer-se, que o padrão verificado internacionalmente, quanto à evolução dos estudos sobre a cerâmica campaniense, aplica-se também a Portugal. Antes da década de 50 do século XX, muito pouco há a destacar nos textos científicos sobre a presença de cerâmica de verniz negro romana nos sítios arqueológicos do actual território Português.

Antes desta data, apenas em dois artigos há referência à existência deste tipo cerâmico, o de Marques da Costa sobre o castro de Chibanes, em Palmela (COSTA, 1910) e o de Luís Chaves, sobre o Outeiro da Assenta, em Óbidos (CHAVES, 1915).

No primeiro texto, ao descrever os materiais provenientes da escavação, o autor refere “Uma pequena taça quasi inteira (...) de pasta ainda mais fina e a superfície muito regular e revestida de uma fina camada de tinta negra e brilhante como o verniz” que no exterior “parece ser menos densa e apresenta uns laivos de tom acastanhado” e “...um vaso semelhante a um grande prato circular, de substância e fabrico idêntico ao anterior (...) a tinta negra que a reveste é pouco compacta...” (*Op. Cit.* COSTA, 1910, p.62), referem-se ainda vários fragmentos de fabrico semelhante, cuja pasta apresenta laivos avermelhados ou vestígios de pintura a branco (COSTA, 1910, p.62). Estas peças são incluídas pelo autor no grupo de “pasta fina e homogenea (...) pintada com tinta negra ou vermelha, dotada de um brilho muito vivo...” (COSTA, 1910, p.60).



Parece-nos que Marques da Costa faz referência a dois exemplares de cerâmica campaniense do tipo B caleno, correspondentes às formas 25 e 5/7 de Lamboglia respectivamente (COSTA, 1910, figs. 463<sup>a</sup>/464<sup>a</sup> e 465<sup>a</sup>/466<sup>a</sup>).

Em 1915, Luís Chaves ao publicar os materiais provenientes do Outeiro da Assenta, em Óbidos, menciona pela segunda vez estas cerâmicas (CHAVES, 1915).

Nenhum se refere ao termo “campaniense”, comprovando que, tal como fora do nosso território, as cerâmicas de verniz negro romanas eram praticamente desconhecidas, assim como o texto de Gamurrini sobre as peças do Museu Etrusco (1879).

O termo é utilizado pela primeira vez no XXIII congresso Luso- Espanhol, realizado em Coimbra, no ano de 1956, por A. Viana, O. Da Veiga Ferreira e P. Serralheiro. Estes três autores provam estar já a par da evolução dos estudos arqueológicos na Europa, e utilizam a tipologia criada, recentemente, por Nino Lamboglia na classificação dos fragmentos de cerâmica campaniense referidos no texto (VEIGA, FERREIRA, SERRALHEIRO, 1956).

A *Classificação Preliminar* (LAMBOGLIA, 1952) foi também o método de classificação seguido por Manuela Delgado, quando em 1971 publicou o primeiro estudo de conjunto sobre a cerâmica campaniense em Portugal (DELGADO, 1971). Aí, inclui cerca de uma centena de fragmentos deste tipo cerâmico conhecidos até à data, na maioria depositados no Museu Nacional de Arqueologia (DELGADO, 1971, p.403).

Os dados são tratados quantitativamente e qualitativamente, os materiais são divididos pelas “classes universais”. São também definidas as diferentes imitações, classificadas por Delgado de D a I. É ainda realizada a descrição dos grupos, dos tipos e o desenho das peças (DELGADO, 1971, 406 a 419).

Quase quatro décadas passadas sobre este estudo, apenas podemos fazer referência a três publicações que se debruçaram sobre o conhecimento da existência da cerâmica campaniense em Portugal.

Em 1996, Élvio Sousa ao publicar os fragmentos de cerâmica campaniense provenientes de Sintra, depositados no Museu Regional de Sintra (SOUSA, 1996), apresenta um mapa da presença dos exemplares deste tipo no nosso território, baseado em referências bibliográficas e informação cedida por colegas (SOUSA, 1996, p.40 a 46, **fig.1**).

Contudo, a informação aí registada é muito limitada, apenas sendo indicados os topónimos dos sítios e a referência bibliográfica dos mesmos, não se descrevendo, nem

os tipos de campaniense presentes, nem a sua quantidade ou formas (Sousa, 1996, 41 a 44).

No mesmo ano, Carlos Fabião e Amílcar Guerra apresentam, na revista *Ophiussa*, a cerâmica campaniense proveniente da Lomba do Canho, Arganil. Esta foi uma primeira abordagem à tipologia de Morel (1981), em Portugal (FABIÃO, GUERRA, 1996).

A par dos materiais do acampamento romano, insere-se no texto uma descrição sucinta sobre os exemplares de cerâmica campaniense presentes em sítios arqueológicos portugueses (FABIÃO, GUERRA, 1996, p.116-127).

Esta síntese é bastante completa. Além da cartografia dos sítios, são ainda tidos em conta os tipos de campaniense presentes em cada sítio, as principais formas e quantidades, quando referidas pelos autores dos textos base (FABIÃO, GUERRA, 1996, p.116-122).

Por último, não podemos deixar de mencionar a tese de mestrado de Luís Luís sobre as cerâmicas campanienses de Mértola, publicada posteriormente pelo extinto IPA (2003). Neste texto, o autor dedica um capítulo à análise da cerâmica de verniz negro do actual território português. Este é o trabalho mais recente e o mais elaborado sobre o assunto, contendo todas as referências à presença desta cerâmica, conhecidas até então (LUÍS, 2003, p.17-43).

\*\*\*

A distribuição das cerâmicas campanienses no actual território português é muito desigual (**fig. 1**). No entanto, antes de partirmos para quaisquer pressupostos, temos de ter em consideração os vários aspectos que a investigação do tema comporta.

Em primeiro lugar, os diferentes ritmos de investigação no território. Há certas zonas do país em que a investigação se encontra mais desenvolvida do que em outras. Os centros urbanos e as suas periferias são um destes casos, onde vários factores impulsionam um maior desenvolvimento da investigação arqueológica. A própria dinâmica da cidade obriga a uma arqueologia urbana intensa e, conseqüentemente, possibilita a multiplicidade de dados.

A existência de órgãos ligados ao estudo do património arqueológico é outro aspecto que explica a disparidade dos dados. Por exemplo a investigação e os projectos levados a cabo por museus, unidades de investigação camarárias e institutos ligados ao ensino universitário.



Um outro facto prende-se com os trabalhos levados a cabo em finais do século XIX até meados do século XX. Há, de facto, certas zonas onde desde muito cedo se desenvolveu uma “actividade arqueológica” ligada à curiosidade dos mais leigos. A região Algarvia, os estuários do Tejo e Sado e o Baixo e Centro Alentejanos, foram alvos de trabalhos de inventariação, prospecção e escavação por vários investigadores, como, José Leite Vasconcelos, Estácio da Veiga, António Marques da Costa, Abel Viana, Octávio da Veiga Ferreira, Mário Saa, Bandeira Ferreira, entre outros. O norte de Portugal foi, também, fruto de vários trabalhos nesta mesma época, sobretudo, em torno da cultura Castreja, mas é a região Sul que recebe uma atenção superior.

As diferenças geográficas do território também levantam problemas quando se tenta uma pesquisa de campo. O relevo acidentado e a vegetação densa do Norte do país são um obstáculo para os trabalhos de prospecção sistemática e para os estudos de território. Já nas regiões centro e sul, este tipo de projectos pode ser facilmente executado devido às vastas áreas de planície e aos fáceis acessos a qualquer zona.

Em Portugal, um outro aspecto que pode significar algo para a realidade apresentada, é a diminuição dos projectos de investigação sobre os sítios arqueológicos. É notório o aumento da arqueologia empresarial ligada aos trabalhos de emergência, que revelam, na maioria das vezes, uma falta de metodologia na sua execução, aos estudos de Impacto Ambiental, sobretudo nas zonas rurais, ligados a grandes empreendimentos e cada vez mais, um menor investimento do estado e das instituições nos planos de investigação plurianuais em sítios arqueológicos.

Note-se que a maioria das referências inseridas na tabela, são fruto de achados de superfície ou escavações antigas e foram sintetizadas, em 1996, em dois artigos (FABIÃO, GUERRA, 1996; SOUSA, 1996). Hoje o panorama não se revela assim tão diferente (**fig.1**).

Obviamente, a realidade apresentada no mapa liga-se, também, com os episódios históricos da conquista romana e com a dinâmica de povoamento das sociedades antigas.

Não podemos esquecer, além da funcionalidade destes sítios, enquanto acampamentos militares, anteriores fortificações indígenas ou fundações de origem, o seu âmbito cronológico de instalação e utilização. Pois a conquista romana e a entrada de contingentes militares para a Península Ibérica não foi um processo rápido e uniforme, a geografia do avanço das legiões romanas é progressiva. Tendo início em 218 a.C. culminando no principado de Augusto, o domínio romano constitui-se de

vários momentos de avanços e recuos ligados ao ambiente hostil dos povos que anteriormente aqui habitavam e constantes rebeliões, como foi o caso das guerras lusitanas que se arrastaram durante décadas. A penetração das tropas no extremo ocidente peninsular possui uma cronologia mais tardia face ao momento da sua chegada e às incursões feitas no actual território espanhol, ainda no contexto das guerras púnicas (ALARCÃO, 1974; 1988; BLÁZQUEZ, 1988).

Mesmo dentro do nosso território, a submissão dos povos ao poder romano assume diferentes cronologias, sendo a chegada ao Norte mais difícil do que o acesso aos pontos de povoamento do Centro e Sul, cuja tradição com o comércio marítimo pode, também, explicar a existência de materiais com cronologia mais recuada (ALARCÃO, 1974).

No norte do país, registam-se apenas seis sítios onde este tipo cerâmico está presente. Estes situam-se no litoral e a maioria são castros na sua origem. Os produtos chegariam até aí através das rotas comerciais marítimas, podendo justificar o seu consumo apenas junto à costa (LUÍS, 2003, p.39) (**fig.1**).

Na região centro, o panorama começa a alterar-se, o número de sítios com a presença deste tipo cerâmico aumenta, sobretudo ao longo das margens do Rio Tejo. Nesta última, encontramos importantes sítios, como *Conímbriga* (Condeixa), *Cabeça de Vaiamonte* (Monforte), *Scallabis* (Santarém) e *Olisipo* (Lisboa), prováveis acampamentos militares romanos, como a Lomba do Canho (Arganil) e Chões de Alpompe (Santarém) e outros pontos que foram alvo das movimentações das tropas romanas, como comprova a presença de cerâmica campaniense mais antiga do território português (FABIÃO, GUERRA, 1996, p.121-122). O estuário do Tejo assume-se como meio de distribuição destas peças, as embarcações seguiriam o seu curso até Santarém, Chões de Alpompe e Monte do Castelinho (Vila Franca de Xira) (LUÍS, 2003, p.40)

O sul do país é, sem dúvida, a zona onde a presença da cerâmica campaniense é mais numerosa, sendo nas zonas do baixo Alentejo e do Algarve litoral que se regista um maior número de ocorrências.

O estuário do Sado, o Rio Guadiana, e o Arade teriam aqui o mesmo papel que o Rio Tejo, serviriam de canais secundários nas importações destas peças (LUÍS, 2003, p.40), fazendo-as chegar às zonas mais interiores do país, por exemplo Setúbal, Chibanes, Alcácer do Sal, Castelo da Lousa, Serpa e Mértola (**fig.1**).

Os pontos de grande importância no consumo destas cerâmicas encontram-se no Baixo Alentejo, como o exemplo de Mértola e Mesas do Castelinho, em Almodôvar e



na costa algarvia, continuando uma longa tradição de comércio com o Mediterrâneo. Castro Marim (*Beasuris*), Faro (*Ossonoba*) e o Monte Molião (Lagos) são os testemunhos da grande quantidade de produtos mediterrâneos com que se abasteciam os portos do extremo sul da península ibérica.



Figura 1: A distribuição da cerâmica campaniense em Portugal  
(Adaptado do google earth)



Quanto às classes presentes nestes sítios, os resultados variam em função do número de sítios e do número de fragmentos (**fig. 3**). Na análise destes resultados, existem alguns condicionalismos que devemos ter em conta. Em primeiro lugar, as referências aqui inseridas resultam de diferentes trabalhos, sejam eles escavação, prospecção ou achados fortuitos, a grande parte dos lugares aqui referidos não foi objecto de projectos de investigação e/ou estudo, contrariamente ao que acontece com uma minoria, por exemplo, os casos de Lomba do Canho (Arganil) (FABIÃO e GUERRA, 1996), Mértola (LUÍS, 2003), Faro e Castro Marim (VIEGAS, 2009). Estes, alvos de intervenção arqueológica, consequentes estudos académicos e posterior publicação. Situação que origina resultados desiguais quando consideramos a presença, em número de fragmentos, destas classes cerâmicas em Portugal.

Condição, também, relacionada com a controvérsia na designação das classes de campaniense, outro aspecto que deve ser levado em consideração pois nos diversos textos são utilizados diferentes termos no que diz respeito a uma mesma realidade, aí, as produções do tipo B caleno são também designadas de B-óide ou círculo da B.

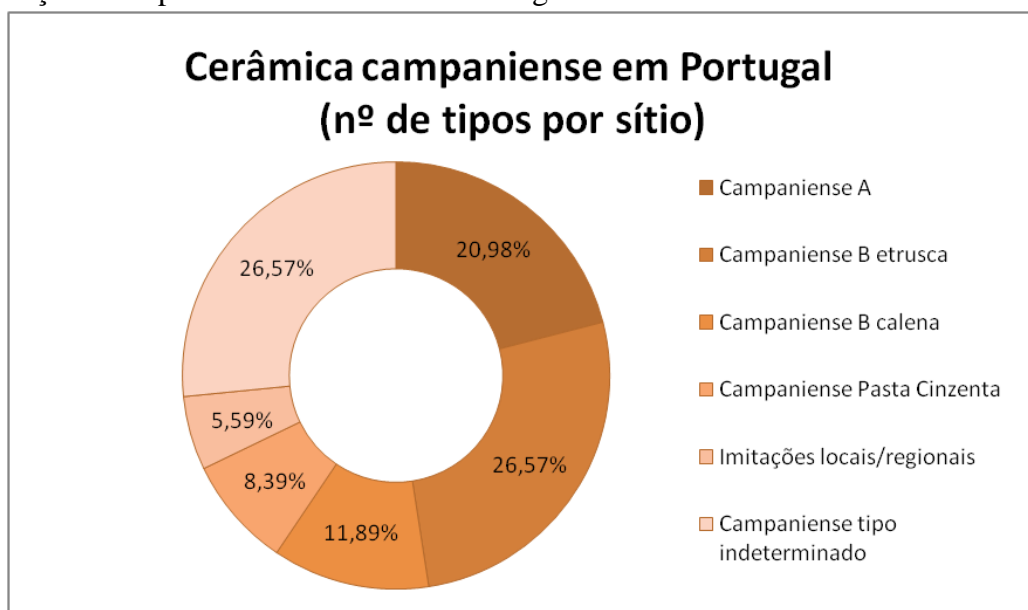


Figura 2: Distribuição dos tipos de cerâmica campaniense em Portugal

Se fizermos uma análise dos tipos de campaniense presentes nos 89 sítios representados no mapa (**fig.1**), verificamos que são as referências á campaniense A e à chamada “B verdadeira” que predominam, cuja presença abarca um horizonte cronológico mais vasto e a produção das formas tardias tem uma maior representação. Estes resultados merecem alguma ponderação, pois, apoiados no conhecimento actual, pode-se presumir que a campaniense B de Cales teve uma igual ou maior difusão no nosso território na romanidade, estando presente em importantes pontos de povoamento,

possuindo aí um peso considerável nas importações de verniz negro de época romana (Coimbra, *Conímbriga*, Santarém (*Scallabis*), Vaiamonte, Alcácer do Sal, Castelo da Lousa, Mértola e sobretudo no Algarve) (**figuras 2 e 4**).

As importações de pasta cinzenta e imitações de produção local/regional têm também um peso considerável nos sítios arqueológicos, demonstrando a popularidade destas cerâmicas finas no extremo ocidente da Península.

Referimos ainda, que mais de um quarto dos sítios arqueológicos possuem fragmentos de produção indeterminada, condicionando resultados mais específicos (**fig.2**).

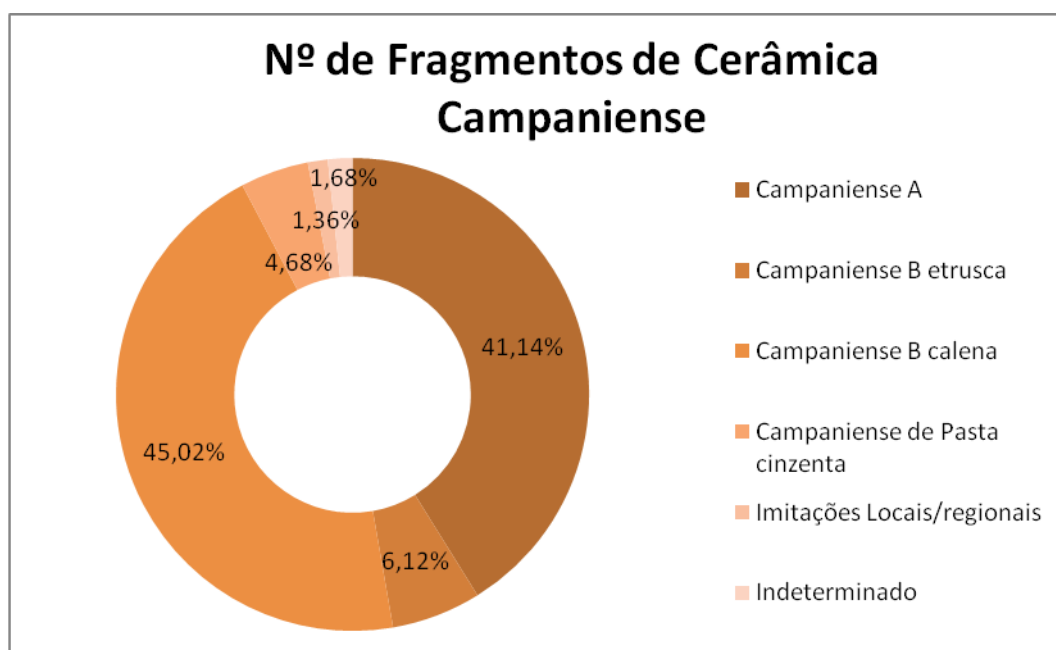


Figura 3: Distribuição da cerâmica campaniense em Portugal, por nº de fragmentos.

Ao olharmos para um segundo gráfico (**fig. 3**), estes resultados alteram-se substancialmente no que diz respeito às produções do “círculo da B”. O número de fragmentos de cerâmica campaniense do tipo B caleno é muito superior aos da cerâmica campaniense do tipo B etrusco, disparidade provocada, em parte, pela contabilização de grandes colecções, como a de *Conímbriga* (DELGADO, 1971), Vaiamonte (FABIÃO, 1996) e sobretudo do Castelo da Lousa (LUÍS, 2010), de Mértola (LUÍS, 2003), Monte Molião, Faro e do Castelo de Castro Marim (VIEGAS, 2009).

A cerâmica campaniense do tipo A, uma das produções de maior difusão espacial, em conjunto com a cerâmica campaniense B calena, são os tipos que possuem um peso de importações mais significativo no abastecimento ao nosso território.

A cronologia das peças de cerâmica campaniense A conhecidas em território português situa-se entre os séculos II e I a.C. Enquadrados nesta cronologia temos os



materiais de Vaiamonte, Serpa, Conímbriga (Condeixa), Santarém, Lisboa, *Miróbriga* (Santiago do Cacém), Alcácer do Sal, Mértola, Faro e Castro Marim. As formas 27, 28, 36 e 31 de Lamboglia, aí presentes, enquadram-se nas produções de meados do século II a.C. (FABIÃO, GUERRA, 1996, p. 121; FABIÃO, 1998, p.302; Luís, 2003, p.101-104, 111; VIEGAS, 2009, P.137, 414). Contudo, há evidências de peças mais arcaicas, como os exemplares de campaniense A de Coto da Pena, em Viana do Castelo e Vaiamonte (Monforte), remontando às importações de finais do século III a.C. (FABIÃO, GUERRA, 1996, p. 121; FABIÃO, 1998, p.302).

A par da campaniense A, no século I a.C., os tipos B etrusco e B caleno ganham relevância com os fabricos de Cales em maiores proporções (figura 3). Inserem-se aqui os materiais da Lomba do Canho (Arganil), Cabeça de Vaiamonte (Monforte), do estuário do Sado, do Castelo da Lousa, de Mértola e do Litoral Algarvio (FABIÃO, GUERRA, 1996, p.121; LUÍS, 2003, p.111-112; 2010, p.111 a 130; VIEGAS, 2009, p.127-501). Quanto à tipologia dos fragmentos, predominam as formas 1, 3 e 5/7 de Lamboglia (figura 4; FABIÃO, GUERRA, 1996, p.121; LUÍS, 2003, 101-104;VIEGAS, 2009, p.139-141, 415-416).

Como casos pontuais, temos *Conímbriga* (Condeixa), Cabeça de Vaiamonte (Monforte) e o Castelo Velho de Veiros (Estremoz), onde as formas 2, 3, 4, 5 e 7 de Lamboglia se inserem em meados da segunda metade do século II a.C., representando os materiais mais antigos de campaniense B em Portugal (FABIÃO, GUERRA, 1996, p.121).

O gosto pelas produções de pasta cinzenta enquadra-se, também, no universo cronológico do século I a.C., cujas formas mais difundidas seriam a taça 1, o copo 2 e o prato 5/7 de Lamboglia (FABIÃO, GUERRA, 1996, p.122; VIEGAS, 2009, p.420).

Concluindo, a cerâmica campaniense assume-se como o principal serviço de mesa entre meados do século II e o século I a.C., quando, por volta da segunda metade do século I a.C. é substituído progressivamente pelos fabricos de pasta fina e verniz vermelho (FABIÃO, GUERRA, 1996, p.122).

Está representada em vários tipos de contextos, desde os acampamentos militares das legiões romanas (Lomba do Canho), castros indígenas (Coto da Pena e Santa Luzia), povoados fortificados posteriormente romanizados (*Conímbriga*, Santarém, Lisboa e Castro Marim, p.ex.) e nos níveis de fundação de importantes *ciuitates* romanas (*Bracara Augusta* (Braga), *Aeminium* (Coimbra) e *Miróbriga* (Santiago do Cacém)) e nas *villas* romanas mais antigas (LUÍS, 2003, p.40).

Num primeiro momento, a sua chegada à península deveu-se às campanhas militares romanas da conquista do território. De facto, o mapa da distribuição destas peças no vale e a sul do Tejo (**fig. 1**) é confluyente com a campanha de *Décimus Június Brutus* á Península Ibérica, explicando a presença de produções arcaicas no interior alentejano (FABIÃO, GUERRA, 1996, p.123).

As rotas comerciais marítimas foram outro meio de chegada destes produtos ao nosso território, explicando a larga presença de cerâmica campaniense nas regiões mais litorais, e mantendo a tradição com o comércio mediterrâneo (ADROHER AUROUX, LÓPEZ MARCOS, 1996, P.15-17; FABIÃO, GUERRA, 1996, p.123; LUÍS, 2003, p.38, VIEGAS, 2009, p.498).

Nº	Sítio	Tipo	Nº frag	Forma	Ref. Bibliográfica
1	Coto da Pena (Viana do Castelo)	Cer. Campaniense do Tipo A	1	indeterminada	Silva, 1986, p.136
2	Santa Luzia (Viana do Castelo)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	1	pé	Silva, 1986, p.136
3	Lanheses (Viana do Castelo)	Cer. Campaniense do Tipo B calena	1	bordo	Almeida, 1990, p.198
4	Braga (Bracara Augusta)	Cer. Campaniense	ind.	indeterminada	Sousa, 1966, p.166
4	Braga (Bracara Augusta)	Cer. Campaniense do Tipo C (p. Imitação de pasta cinzenta)	ind.	indeterminada	Alarcão, 1987, p.154
4	Braga (Bracara Augusta)	Cer. Campaniense do tipo A	1	indeterminada	Martins, 1990, p.165
4	Braga (Bracara Augusta)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	4	indeterminada	Martins, 1990, p.165
5	Ermidas (V. Nova de Famalicão)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	1	indeterminada	Luís, 2003, p.38 apud Queiroga, 1985, p.17
6	Romariz (Santa Maria da Feira)	Cer. Campaniense do tipo A	ind.	indeterminada	Silva, 1986, p.136
6	Romariz (Santa Maria da Feira)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	ind.	indeterminada	Silva, 1986, p.136
7	Antanhol (Coimbra)	Cer. Campaniense	ind.	indeterminada	Béltran Lloriz, 1990, p.47, mapa 2
8	Coimbra (Aeminium)	Cer. Campaniense do Tipo B calena	3	Lamb. 2 e 5, ind.	Carvalho, 1998, p. 78 a 79
9	Conímbriga (Coimbra)	Cer. Campaniense do Tipo B calena	25	várias	Delgado, 1971, p.403 a 420; Delgado in Alarcão, et al, 1976, p. 21 a 26
9	Conímbriga (Coimbra)	Cer. Campaniense do tipo A	8	várias	Delgado, 1971, p.403 a 420; Delgado in Alarcão, et al, 1976, p. 21 a 27
9	Conímbriga (Coimbra)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	6	várias	Delgado, 1971, p.403 a 420; Delgado in Alarcão, et al, 1976, p. 21 a 28
9	Conímbriga (Coimbra)	Cer. Campaniense de Pasta cinzenta	2	várias	Delgado, 1971, p.403 a 420; Delgado in Alarcão, et al, 1976, p. 21 a 29
9	Conímbriga (Coimbra)	Imitações de produção Local/regional	14	várias	Delgado, 1971, p.403 a 420; Delgado in Alarcão, et al, 1976, p. 21 a 30
9	Conímbriga (Coimbra)	Cer. Campaniense	31	Lamb. 2 (6)e Ind.(8)	Delgado, 1971, p.403 a 420; Delgado in Alarcão, et al, 1976, p. 21 a 30
10	Maiorca (Coimbra)	Cer. Campaniense do Tipo A	6	f.2252b1 (2), f.2825b1 (4)	Luís, 2003, p. 37 apud Imperial, 1998
11	Lomba do Canho (Arganil)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	21	Lamb. 1, 3 e 5/7	Fabião e Guerra, 1996, p.124
12	Alvorge (Ansião)	Cer. Campaniense do tipo A	1	Lamb. 4	Luís, 2003, p.37
12	Alvorge (Ansião)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	1	Lamb. 5/7	Luís, 2003, p.37

12	Alvorge (Ansião)	Cer. Campaniense do Tipo B calena	2	indeterminada	Luís, 2003, p.37
13	Idalha-a-Velha (Igaeditanorum(?))	Cer. Campaniense	ind.	desconhecida	Almeida, 1977, p.42
14	São Pedro de Caldelas (Tomar)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	1	f.8142a1	Ponte, 1988, p.81 a 82
15	Chões de Alpompé (Santarém)	Cer. Campaniense do tipo A	2	bordo	Zbyszewsky, Ferreira e Santos, 1971, p.53, Diogo, 1982, p.147
15	Chões de Alpompé (Santarém)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	ind.	desconhecida	Diogo, 1982, p.148
16	Santarém (Scallabis)	Cer. Campaniense do tipo A	13	Lamb. 5, 6, 27, 8, 31, 33 e 55	Arruda e Almeida, 1999, p.316; Bargão, 2006, p.78
16	Santarém (Scallabis)	Cer. Campaniense do tipo B calena	35	Lamb. 1,2,3,4,5,6,7 e 8	Bargão, 2006, p.78
16	Santarém (Scallabis)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	16	Lamb. 2, 5 e 5/7	Arruda e Almeida, 1999, p.317
16	Santarém (Scallabis)	Cer. Campaniense de pasta cinzenta	6	Lamb. 2, 7, 1/8	Bargão, 2006, p.78
17	Porto do Sabugueiro (Muge)	Cer. Campaniense	ind.	desconhecida	Sousa, 1996, p.43
18	Outeiro da Assenta (Óbidos)	Cer. Campaniense	ind.	desconhecida	Chaves, 1915, p. 264
19	Castro do Salvador (Cadaval)	Cer. Campaniense	ind.	desconhecida	Sousa, 1996, p.42
20	Castelo de Arruda dos Vinhos	Cer. Campaniense	ind.	desconhecida	Sousa, 1996, p.60
21	Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	12	Lamb. 1 e 3	Pimenta, Mendes e Norton, 2008, p.28
21	Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira)	Cer. Campaniense do tipo A	1	Bojo	Pimenta, Mendes e Norton, 2008, p.28
21	Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira)	Cer. Campaniense de Pasta cinzenta	2	Lamb.7	Pimenta, Mendes e Norton, 2008, p.28
22	Armés (Sintra)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	1	pé em anel	Maia, 1987, vol.2, p. 60 e 61; Sousa, 1996, p.51
22	Armés (Sintra)	Cer. Campaniense do Tipo B calena	2	f.2272 b1, ind.	Maia, 1987, vol.2, p. 63; Sousa, 1996, p.50 e 51
22	Armés (Sintra)	Cer. Campaniense de Pasta cinzenta	5	f.2865 b1, f.2156 a1, ind.	Sousa, 1996, p.51 a 53
23	Casal dos Pianos, Pombal (Sintra)	Cer. Campaniense de Pasta cinzenta	2	f.1253 b1/c1, f.2615 b1	Sousa, 1996, p.53
24	Casal do Silvério (Sintra)	Cer. Campaniense	1	indeterminada	Ferreira, 1971, p.315 e 319; Sousa, 1996, p.45
25	Ermidas (Sintra)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	2	f.2272 b1, ind.	Maia, 1987, vol.2, p.62; Sousa, 1996, p.53 e 54
25	Ermidas (Sintra)	Cer. Campaniense de Pasta cinzenta	1	f.5726 a1	Sousa, 1996, p.54



26	Funchal(Sintra)	Cer. Campaniense de Pasta cinzenta	1	fundo (?)	Sousa, 1996, p.54
27	Lugar do Marcador (Sintra)	Cer. Campaniense do Tipo B calena	1	indeterminada	Sousa, 1996, p.54 e 55
28	São Marcos (Sintra)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	2	f.2140, f.2321 b1	Sousa, 1996, p.55 a 56
28	São Marcos (Sintra)	Cer. Campaniense do Tipo B calena	1	indeterminada	Sousa, 1996, p.55 a 56
29	São Miguel de Odrinhas (Sintra)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	1	indeterminada	Sousa, 1996, p.56
29	São Miguel de Odrinhas (Sintra)	Cer. Campaniense de Pasta cinzenta	2	f.1643 a1, ind.	Sousa, 1996, p.56
30	Granja dos Serrões (Sintra)	Cer. Campaniense do tipo A	1	f.1240a1/2245a 1	Sousa, 1996, p.57
31	Pedra Furada (Sintra)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	1	fundo	Ferreira, 1971, p.319
32	Freiria(Cascais)	Cer. Campaniense	ind.	desconhecida	Sousa, 1996, p.42
33	Outeiro de Polima (Cascais)	Cer. Campaniense	ind.	desconhecida	Sousa, 1996, p.43
34	Miroiços (Cascais)	Cer. Campaniense	ind.	desconhecida	Sousa, 1996, p.43
35	Moinho do Castelinho(Amadora)	Cer. Campaniense	ind.	desconhecida	Cravo, 1979, p. 24 e 25
36	Lisboa (Olisipo (?), (Casa dos Bicos)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	1	f.3120	Luís, 2003, p.35 apud Clementino Amaro in Santos 1983, p.251)
37	Lisboa (Olisipo (?), (Rua dos Correeiros, Termas dos Cássios, Portas do Sol, Teatro Romano, Núcleo BCP)	Cer. Campaniense	ind.	desconhecida	Luís, 2003, p.35 apud Bugalhão, 2001, p.31; Maia, 1987; Sousa, 1996, p.43)
38	Lisboa (Olisipo (?), (área do Castelo)	Cer. Campaniense do tipo A	6	f.1443 (1, f.2950 (2), fundo (2), bojo(1)	Pimenta, 2005, p.31 a 42
38	Lisboa (Olisipo (?), (área do Castelo)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	2	f.2257, f.4120	Pimenta, 2005, p.31 a 42
39	Cacilhas (Almada)	Cer. Campaniense	ind.	desconhecida	Sousa, 1996, p.41
40	Almaraz (Almada)	Cer. Campaniense	ind.	desconhecida	Sousa, 1996, p.41
41	São Paulo (Almada)	Cer. Campaniense	ind.	desconhecida	Sousa, 1996, p.43
42	Castro da Rotura (Palmela)	Cer. Campaniense	ind.	desconhecida	Sousa, 1996, p.42
43	Castro de Chibanes (Palmela)	Cer. Campaniense do Tipo A	ind.	Lamb. 3, 5/7 e 27	Silva e Soares, 1986, p.138
43	Castro de Chibanes (Palmela)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	2	Lamb. 5/7 e 25	Costa, 1910, p.62; Silva e Soares, 1986, p.138
44	Pedrão (Setúbal)	Cer. Campaniense do Tipo B calena	11	Lamb. 1(3), 2(1), 3(1)e 5 (6)	Soares e Silva, 1973, p.245 a 271; Arruda e Almeida, 1999, p.335

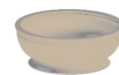
45	Setúbal	Cer. Campaniense do tipo A	2	Lamb. 5/7 e 36	Delgado, 1971, quadro III
45	Setúbal	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	1	Lamb. 3	Delgado, 1971, quadro III
46	Vidais (Marvão)	Cer. Campaniense	1	indeterminada	Luís, 2003, p.32
47	Cabeça de Vaiamonte (Monforte)	Cer. Campaniense do tipo A	5	Lamb. 5/7(4) e 27 (1)	Delgado, 1971, quadro III; Fabião e Guerra, 1996, p.124
47	Cabeça de Vaiamonte (Monforte)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	8	Lamb. 1 e 3	Delgado, 1971, quadro III; Fabião e Guerra, 1996, p.124
47	Cabeça de Vaiamonte (Monforte)	Cer. Campaniense do Tipo B calena	23	Lamb. 1 e 5	Delgado, 1971, quadro III; Fabião e Guerra, 1996, p.124
47	Cabeça de Vaiamonte (Monforte)	Imitações de produção Local/regional	8	Lamb. 1(3), 2(4) e 5(1)	Delgado, 1971, quadro III; Fabião e Guerra, 1996, p.125
48	Castelo Velho de Veiros (Estremoz)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	2	Lamb. 3 e 8	Arnaud, 1970, p.315
48	Castelo Velho de Veiros (Estremoz)	Imitações de produção Local/regional	1	indeterminada	Arnaud, 1970, p.315
49	Castro de Segóvia (Elvas)	Cer. Campaniense	ind.	indeterminada	Gamito, 1882, p.74
50	Quinta do Freixo (Redondo)	Cer. Campaniense do tipo A	ind.	indeterminada	Luís, 2003, p.30
50	Quinta do Freixo (Redondo)	Cer. Campaniense de Pasta cinzenta	ind.	indeterminada	Luís, 2003, p.30
51	Castelo da Lousa (Mourão)	Cer. Campaniense do Tipo A	4	Lamb. 5/7	Paço, et al., 1966, p.8; Luís, 2010, p.111 a 130.
51	Castelo da Lousa (Mourão)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	42	Lamb. 3, 5/7	Paço, et al., 1966, p.9; Luís, 2010, p.111 a 130.
51	Castelo da Lousa (Mourão)	Cer. Campaniense do Tipo B calena	114	Lamb. 2, 5(3), 5/7, 1, 31, 33, 6 e 10, ind.	Delgado, 1971, p. 419; Luís, 2010, p.111 a 130.
51	Castelo da Lousa (Mourão)	Imitações de produção Local/regional	3	Lamb. 2 (1), 5(2)	Delgado, 1971, p. 419
51	Castelo da Lousa (Mourão)	Cer. Campaniense de pasta cinzenta	8	Lamb. 3 e 5/7	Paço, et al., p.9; Luís, 2010, p.111 a 130.
52	Tróia de Setúbal (Grândola)	Cer. Campaniense	ind.	indeterminada	Sousa, 1996, p.44
53	Nossa Senhora dos Mártires(Álcacer do Sal)	Cer. Campaniense do Tipo A	5	Lamb. 27(1), 28(2), 36(1) e ind.(1)	Delgado, 1971, quadro III; Fabião e Guerra 1996, p.119
53	Nossa Senhora dos Mártires(Álcacer do Sal)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	10	Lamb. 1(4), 2(1), 3(1), 5/7 (4)	Delgado, 1971, quadro III; Fabião e Guerra 1996, p.119
53	Nossa Senhora dos Mártires(Álcacer do Sal)	Imitações de produção Local/regional	6	Lamb.1, 2, 5(4)	Delgado, 1971, quadro III; Fabião e Guerra 1996, p.119
54	Alcácer do Sal (Castelo)	Cer. Campaniense do tipo A	11	Lamb. 5/7(4), 36(4), 3 ind.	Delgado, 1971, quadro III; Soares, 1978, p.135; Soares, et al., 1980, p.185; Fabião e Guerra 1996,





					p.119
54	Alcácer do Sal (Castelo)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	12	Lamb. 1(3), 4(1), 5/7(3) e ind.(1)	Delgado, 1971, quadro III; Soares, 1978, p.135; Soares, et al., 1980, p.185; Fabião e Guerra 1996, p.120
54	Alcácer do Sal (Castelo)	Cer. Campaniense do Tipo B calena	6	Lamb. 1(2), 2(1) e 5 (3)	Delgado, 1971, quadro III; Soares, 1978, p.135; Soares, et al., 1980, p.185; Fabião e Guerra 1996, p.120
54	Alcácer do Sal (Castelo)	Cer. Campaniense de Pasta cinzenta	2	Lamb.1 e 2	Soares, 1978, p.135; Soares, et al., 1980, p.185; Fabião e Guerra 1996, p.120
55	Pedra da Atalaia (Santiago do Cacém)	Cer. Campaniense do tipo A	3	Lamb. 5(1), 27(1) e ind.	Silva, 1978, p.123; Fabião e Guerra 1996, p.117; Fabião, 1998, p.308
55	Pedra da Atalaia (Santiago do Cacém)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	1	Lamb. 5	Silva, 1978, p.123
56	Mirobriga(?) (Santiago do Cacém)	Cer. Campaniense do Tipo A	8	Lamb. 5/7(1), 27(3), 31(1), 36(1), 68b(1) e ind.	Delgado, 1971, quadro III; Fabião 1996, p.120
56	Mirobriga (?) (Santiago do Cacém)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	8	Lamb. 1(3), 3(1), 5/7(3) e 10(1)	Delgado, 1971, quadro III; Fabião 1996, p.120
56	Mirobriga (?) (Santiago do Cacém)	Imitações de produção Local/regional	2	Lamb. 1 e 4	Delgado, 1971, quadro III; Fabião 1996, p.120
57	Castro dos Ratinhos (Moura)	Cer. Campaniense	ind.	indeterminada	Ferreira, 1971, p.313-326
58	Castro da Azougada (Moura)	Cer. Campaniense	ind.	indeterminada	Ferreira, 1971, p.313-326
59	Sines	Cer. Campaniense	ind.	indeterminada	Silva e Soares, 1991
60	Monte da Chaminé (F. Do Alentejo)	Cer. Campaniense	2	indeterminada	Amaro, 1982, p.33
61	Pax Iulia (Beja)	Cer. Campaniense do tipo A	1	Lamb.7	Luís, 2003, p.29 apud Viana 1958, p.23
62	Beja, a Pequena (Beja)	Cer. Campaniense	ind.	indeterminada	Sousa, 1996, p.41
63	Represas (Beja)	Cer. Campaniense	ind.	indeterminada	Viana, Ferreira e Serralheiro, 1956, p.459; Sousa, 1996, p.43
64	D. Pedro (Beja)	Cer. Campaniense	ind.	indeterminada	Sousa, 1996, p.42
65	Pisões (Beja)	Cer. Campaniense	ind.	indeterminada	Sousa, 1996, p.43
66	Serpa	Cer. Campaniense	ind.	indeterminada	Sousa, 1996, p.44
67	Museu de Aljustrel	Cer. Campaniense	4	Lamb. 5/7	Luís, 2003, p.29 apud Domergue e Andrade, 1971

68	Castelo Velho do Roxo (Aljustrel)	Cer. Campaniense do tipo A	1	Lamb.27b	Maia, 1987, p.56
68	Castelo Velho do Roxo (Aljustrel)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	2	Lamb. 5 e pé	Maia, 1987, p.60-62
69	Castro da Magancha (Aljustrel)	Cer. Campaniense do Tipo B calena	1	indeterminada	Luís, 2003, p.29 apud Domergue e Andrade, 1971
70	Castelo Velho do Cobres (Castro Verde)	Cer. Campaniense do tipo A	2	Lamb. 27c e pé	Maia, 1987, p. 56-57
70	Castelo Velho do Cobres (Castro Verde)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	1	Lamb.5	Maia, 1987, p. 61
71	Castelo das Juntas (Castro Verde)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	9	Lamb.1(1), 2(2), 4(2), 5/7 (3) e pé	Maia, 1987, p.59-66
72	Castelinho dos Mouros(Castro Verde)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	2	Lamboglia 4	Maia, 1987, p.66
73	Vila Romana das Neves (Castro Verde)	Cer. Campaniense	ind.	indeterminada	Sousa, 1996, p.44
74	Myrtilis (Mértola)	Cer. Campaniense do tipo A	482	várias	Luís, 2003, p.100
74	Myrtilis (Mértola)	Cer. Campaniense do "círculo da B"	71	várias	Luís, 2003, p.100
74	Myrtilis (Mértola)	Cer. Campaniense de Pasta cinzenta	11	várias	Luís, 2003, p.100
75	Monte Manuel Galo (Mértola)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	1	fundo	Maia, 1987, p.63
76	Mesas do Castelinho (Almodôvar)	Cer. Campaniense do tipo A	ind.	f.2900	Fabião e Guerra, 1994, p.279
76	Mesas do Castelinho (Almodôvar)	Cer. Campaniense do "círculo da B"	ind.	indeterminada	Fabião e Guerra, 1994, p.279
76	Mesas do Castelinho (Almodôvar)	imitações de produção Local/regional	ind.	indeterminada	Fabião e Guerra, 1994, p.279-280
77	Castro da Cola (Ourique)	Cer. Campaniense	ind.	indeterminada	Luis, 2003, p.27 apud Viana, 1958, p.23
78	Odemira	Cer. Campaniense	ind.	indeterminada	
79	Praia da Barriga (Vila do Bispo)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	1	Lamb.1	Luis, 2003, p.25 apud Gomes e Silva, 1987, p.30
80	Monte Molião (Lagos)	Cer. Campaniense do tipo A	231	várias, pés(2)	Maia, 1987, vol II, p.57, Serra e Sousa, 2006, p.20
80	Monte Molião (Lagos)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	2	Lamb. 4, f.153 a1	Maia, 1987, vol II, p.61-62
80	Monte Molião (Lagos)	Cer. Campaniense do Tipo B calena	222	várias	Arruda e Gonçalves, 1993, p.460; Estrela, 1999, p.209
80	Monte Molião (Lagos)	Cer. Campaniense de pasta cinzenta	20	Várias	
81	Foz do Rio Arade (Portimão)	Cer. Campaniense do tipo A	2	Lamb. 5 e 26	Luis, 2003, p.25 apud Silva, Coelho-Soares e Soares, 1987,



					p.204
81	Foz do Rio Arade (Portimão)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	1	indeterminada	Luis, 2003, p.25 apud Silva, Coelho-Soares e Soares, 1987, p.204
82	Cerro da Rocha Branca (Portimão)	Cer. Campaniense	ind.	indeterminada	Gomes, et al, 1986, p.79
83	Ilhéu do Rosário (Silves)	Cer. Campaniense	ind.	indeterminada	Sousa, 1996, p.42
84	Cerro da Vila (Loulé)	Cer. Campaniense	ind.	indeterminada	Sousa, 1996, p.42
85	Faro (Ossoyoba(?))	Cer. campaniense do tipo A	233	várias	Viegas, 2009, p.136
85	Faro (Ossoyoba(?))	Cer. Campaniense do Tipo B calena	195	várias	Viegas, 2009, p.136
85	Faro (Ossoyoba(?))	Cer. Campaniense de Pasta cinzenta	24	várias	Viegas, 2009, p.136
86	Torre de Aires (Balsa(?))	Cer. Campaniense do Tipo B calena	2	Lamb. 3 e 5	Nolen, 1994, p.63; Viegas, 2009, p.309
87	Cerro do Cavaco (Tavira)	Cer. Campaniense do tipo A	1	Lamb. 5 (?)	Maia, 1987, vol. II, p.57
87	Cerro do Cavaco (Tavira)	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	3	Lamb. 5/7, pé (2)	Maia, 1987, vol. II, p.61-65
87	Cerro do Cavaco (Tavira)	Cer. Campaniense do Tipo B calena	ind.	indeterminada	Arruda e Almeida, 1999, p.331
88	Castro Marim (Beauris (?))	Cer. Campaniense do tipo A	10	várias	Arruda,1988, p.15; Viegas, 2009, p.414-15
88	Castro Marim (Beauris (?))	Cer. Campaniense do Tipo B etrusca	1	Lamb.1	Arruda,1988, p.15; Viegas, 2009, p.416
88	Castro Marim (Beauris (?))	Cer. Campaniense do Tipo B calena	446	várias	Arruda,1988, p.15; Viegas, 2009, p.415-419
88	Castro Marim (Beauris (?))	Cer. Campaniense de Pasta cinzenta	47	várias	Arruda,1988, p.15; Viegas, 2009, p.420-21
89	Sítio dos Soeiros (Arraiolos)	Cer. Campaniense do tipo B etrusca	1	Lamb. 3	Calado, Deus e Mataloto, 1999

Tabela 1: Cerâmica campaniense nos sítios portugueses, segundo as referências bibliográficas.

### 3. Monte Molião

#### 3.1 Enquadramento Geográfico e descrição geológica

Monte Molião está registado no IGESPAR com o Código Nacional de Sítio nº 11870 ([www.ipa.min-cultura.pt](http://www.ipa.min-cultura.pt)), e classificado como imóvel de interesse público.

Localiza-se a ocidente do litoral algarvio, está integrado, administrativamente, na freguesia de São Sebastião, concelho de Lagos, distrito de Faro, na margem esquerda da Ribeira de Bensafirim, próximo da sua foz, dominando visualmente toda a baía de Lagos (ARRUDA, *et al.*, 2008a, p.139) (**Fig.4 e fig. A, anexo**).

Encontra-se na folha nº602 da Carta Militar de Portugal, com as seguintes coordenadas: Longitude- N: 37° 06` 48``; Latitude- W: 08° 40`21``; Altitude- 30 metros (ARRUDA, *et al.*, 2007, p.2), (**Fig.5**).



Figura 4: Enquadramento Geográfico da cidade de Lagos.(imagem satélite (NASA/GSFC))



Figura 5: Localização do Povoado do Monte Molião, Folha 602 da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25 000.(Serviços Geográficos do Exército ([www.igeoe.pt](http://www.igeoe.pt)))

O sítio, como já referido, integra-se no Litoral Algarvio, zona descrita como uma fina faixa que se estende à beira-mar, onde os solos são planos com ligeiras elevações (RODRIGUES, 2002, p.14), área de baixos-relevos, nunca passando a altitude dos 400m (RIBEIRO, 1998, p.40). Mediterrâneo por excelência (ARRUDA, 2000, p.4), no Litoral Algarvio a costa é bastante recortada por baías e enseadas (GOMES, 2004, p.56), configuração que seria muito



mais pronunciada na antiguidade, formando zonas de abrigo naturais (RODRIGUES, 2002, p.16).

Este, geologicamente, é constituído por estratos mesozóicos e terciários interrompidos por uma superfície de erosão (ARRUDA, 2000, p.4-6).

Na região de Lagos, segundo a representação na Carta Geológica de Portugal, folha nº 52 – A Portimão, o substrato geológico é composto por depósitos de areias vermelhas e seixos rubeificados do Plio-Plistocénico (ARRUDA, *et al.*, 2007, p.2). Aqui as terras são areno-argilosas e maioritariamente constituídas por calcários, o que as torna férteis, especialmente para o cultivo de árvores (GOMES, 2004, p.56).

Quanto á hidrografia da região, a cidade é banhada pela Baía de Lagos e cortada pela ribeira de Bensafrim, anteriormente chamada de Rio de Lagos (BONNET, MESQUITA, VIEGAS, 1990, p.81).

Actualmente, esta ribeira constitui apenas uma pequena linha de água, cujo estuário, durante o primeiro milénio a.C., seria consideravelmente mais largo e o sítio de Monte Molião estaria quase por completo rodeado de água, como comprovam os estudos geológicos realizados em 1994 por A. R. Pereira, J. M. A. Dias e M. M. Laranjeira (PEREIRA, DIAS, LARANJEIRA, 1994; ARRUDA, *et al.*, 2008a, p.139). Ocupando uma zona estratégica, o antigo *oppidum* da Idade do Ferro controlou durante a antiguidade uma vasta área, quer terrestre, quer fluvial.

Num pequeno afluente da ribeira de Bensafrim, ergue-se a Barragem de Fonte Coberta, da qual há notícia desde o século XVI. É um aparelho de dimensões consideráveis que, na opinião de Estácio da Veiga, se destinaria ao abastecimento de água das populações residentes no Monte Molião em época romana (VEIGA, 1910, p.221) (**Fig.6**).

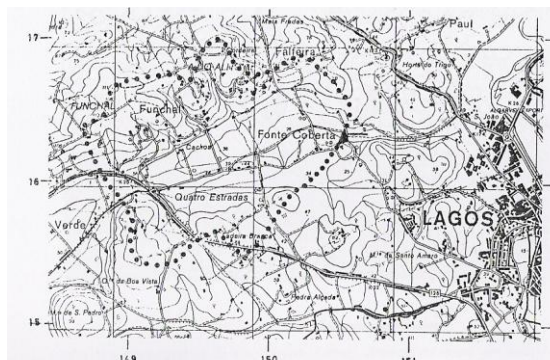


Figura 6: Barragem da Fonte Coberta e bacia hidrográfica.( CARDOSO, MASCARENHAS E QUINTELA, 1986)

O clima de Lagos é principalmente mediterrâneo, com temperaturas bastante temperadas, a sua baixa altitude relativamente à zona de serra, que individualiza o chamado “Reino do Algarve”, constitui um factor de protecção do clima sentido no restante Portugal Atlântico (BONNET, MESQUITA, VIEGAS, 1990, p.90). De facto, aqui as temperaturas no Inverno, mesmo nos meses mais frios, nunca passam os cinco graus, e assiste-se depois a um longo e quente Verão (ARRUDA, 2000, p.2-7), “sendo

então que os leitos dos rios secam e uma grande parte das nascentes esgotam” (Op. Sit. BONNET, MESQUITA, VIEGAS, 1990, p.90).

Os ventos sopram predominantemente de Norte e Noroeste, sendo que estes dependem da circulação atmosférica atlântica. Na região da Baía de Lagos, estes não atingem grandes velocidades, geralmente força um ou dois (ARRUDA, 2000, p.3-4), oferecendo assim boas condições de navegabilidade, pois raramente as forças do mar ultrapassam um metro de altura.

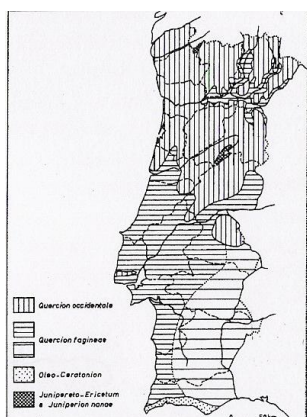


Figura 7: Distribuição da Quercus em Portugal, segundo O. Ribeiro e S. Daveau, 1987. (ARRUDA, 2000)

Ao nível do coberto vegetal, Lagos é uma cidade litoral privilegiada, é uma área fértil, tendo sido, por isso, uma região bastante rica em recursos naturais e apta ao cultivo de várias espécies vegetais. As espécies observadas são semelhantes às existentes no centro-sul de Portugal, contudo existe um grande número de espécies cuja origem se conhece nas regiões africanas (BONNET, MESQUITA, VIEGAS, 1990, p.90).

Aqui predominam a palmeira anã (*chamaerops humilis*), a alfarrobeira (*ceratonia siliqua*), a amendoeira (*amygdalus communis*), a figueira (*ficus*), a piteira (*agave pitte*), o esparto (*spirta tenacissima*) e a vinha (ARRUDA, 2000, p.2-4; RIBEIRO, 1998, p.182; BONNET, MESQUITA, VIEGAS, 1990, p.95). Lagos é também uma região onde o cultivo do trigo é bastante intenso (RIBEIRO, 1998, p.184) (Fig.8).

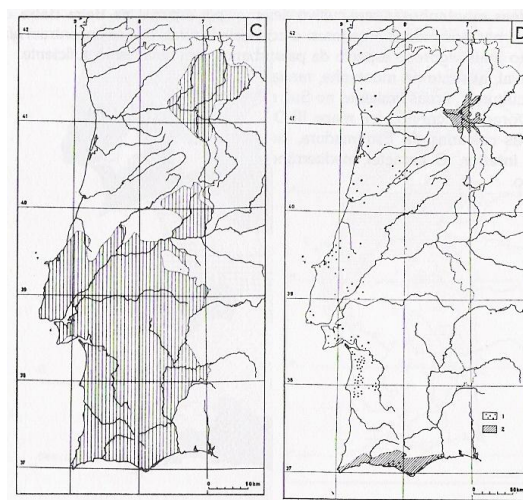


Figura 8: Uso agrícola, área de plantio do trigo e coberto vegetal, alfarrobeira, Figueira e Amendoeira.(RIBEIRO, 1998)

A fauna aí existente é variada, dominando sobretudo as espécies piscícolas e os animais domésticos, sendo os coelhos uma espécie numerosa, assim como os burros. Os cavalos não atingem grandes estaturas. Ao nível do gado doméstico, sabe-se que Lagos possuía ricos pastos, desenvolvendo-se a criação de gado bovino (GOMES, 2004, p.84). As aves costeiras existem, contudo não em grande variedade, destacando-se a gaivota e a cegonha. Os répteis são raros, predominando os lagartos e osgas.



Quanto aos recursos malacológicos e ictiológicos, estes existem em grande quantidade e variedade (BONNET, MESQUITA, VIEGAS, 1990, p.108), predominando a pesca da sardinha e do atum (GOMES, 2004, p.74), constituindo o principal recurso económico das populações aí instaladas desde tempos antigos. Nota-se ainda um elevado consumo de moluscos durante a antiguidade no povoado de Monte Molião.

Por fim, nesta caracterização geográfica e geológica não podemos deixar de referir os recursos mineiros existentes na área de influência do Monte Molião, que pudessem condicionar a sua economia. No que se refere á extracção do minério, por todo o barlavento abundam as minas de cobre, estando também o ouro e o ferro presentes (GOMES, 2004, p.80). No concelho de Lagos conhece-se uma mina de ferro, a mina do Aduhalho, de onde durante a ocupação proto-histórica e romana de *Laccobriga* poderia ser extraído o minério (GOMES, 2004, p.4). Outros tipos de minérios aí presentes seriam originários de regiões próximas.

### 3.2 As Vias de Comunicação

Por mar:

Não é difícil de aferir que as boas condições que se fazem sentir na grande parte do litoral algarvio fizeram com que esta região desde os primeiros contactos com o Mediterrâneo oferecesse condições para a aportagem das embarcações.

Desde cedo que por toda a costa foram criados inúmeros portos e sabemos que, por exemplo, antigos sítios da Idade do Ferro, como Silves, Faro, Tavira, Castro Marim e Lagos, mantinham um intenso contacto por mar com as populações mediterrâneas desde o I milénio a.C. (ARRUDA, 2000, p.4-5). Estas relações tornar-se-iam cada vez mais importantes aquando da ocupação romana. Isso atesta-se através dos elementos exógenos que é possível encontrar nestes sítios, como é o caso das cerâmicas finas, das cerâmicas comuns de importação e elementos de adorno. Vê-se também a influência desses contactos mediterrâneos nas técnicas construtivas.

Esta importante relação através de rotas marítimas com a bacia do Mediterrâneo constitui todo um sistema de circulação que as torna nas principais vias de comunicação do barlavento algarvio. Pois, como se sabe, o Algarve geograficamente consegue um isolamento natural do resto do território português, a serra assume-se como o factor individualizante (ARRUDA, 2000, p.4-5). Apesar de existir uma rede de caminhos

definidos em época romana, estes, como mais adiante referirei, eram certamente secundários.

Assim, as boas condições de navegabilidade, associadas a uma costa recortada, repleta de abrigos naturais, baías e rios navegáveis, como é o caso do Guadiana e do Arade, que proporcionavam protecção e fácil acesso às embarcações, condicionaram provavelmente o estabelecimento de uma rede de povoamento costeiro, onde chegavam os produtos e as influências mediterrâneas. Estes núcleos costeiros estabeleciam ainda ligação entre o mar e as cidades interiores, assim como os pequenos núcleos rurais que existiriam nas suas dependências (RODRIGUES, 2004, p.47).

Lagos, com o seu clima ameno, ventos fracos e correntes marítimas suaves (ARRUDA, 2000, p.3-8), apresentariam na antiguidade boas condições de navegabilidade, sendo assim um exemplo do que acabei de referir.

Actualmente, esta ainda se apresenta como uma cidade portuária e marítima, pois devido à sua costa recortada, possuindo condições de abrigo natural às embarcações. A sua importância ao nível do comércio marítimo parece ter-se estendido até ao século XVI, pois “a baía de Lagos pode acolher as maiores esquadras, que ali encontram um abrigo seguro...” (*Op. Cit.* BONNET, MESQUITA, VIEGAS, 1990, p.88) (Fig.9).



Figura 9: Representação dos principais ancoradouros do algarve ocidental, carta de costas do século XVI de Lucas Jansson Waaghenaer.(GOMES, 2004)

São aí conhecidas as relações com o Mediterrâneo desde a fundação do *Monte Molião*, povoado fortificado da Idade do Ferro, ocupado desde o século IV a.C. Data confirmada através de cinco fragmentos de cerâmica grega em contexto com um fragmento de cerâmica de tipo “Kuass” encontrada no sítio (ARRUDA, *et al.*, 2008a, p.164).

Este *oppidum* indígena mostra uma clara influência mediterrânea, nomeadamente através das características construtivas visíveis nas estruturas das unidades habitacionais, onde é utilizada a prática do afeiçoamento do afloramento rochoso, formando depressões quadrangulares ou rectangulares que desenham compartimentos, á semelhança do que se conhece na zona de Cádiz (ARRUDA, *et al.*, 2008a, p141 e 142).

Ao nível do espólio, nesta primeira fase de ocupação, existe uma escassa variedade de ânforas. Entre as produzidas na área gaditana, destacam-se as formas Mañá Pascual A4, D de Pellicer e Tiñosa. Estão também presentes exemplares de cerâmica





tipo “Kuass”, produzidos na baía gaditana (ARRUDA, *et al.*, 2008a, p. 147 a 150). E existem ainda as importações gregas de cerâmica Ática, e um grande número de cerâmica comum de produção na baía de Cádiz e local (ARRUDA, *et al.*, 2008a, p. 147 a 150).

O comércio marítimo intensifica-se a partir da ocupação republicana do povoado, que está balizada entre meados da segunda metade do século II a.C e os meados da primeira do século I a.C. através dos contextos escavados. Nesta época ainda dominam as produções gaditanas, ao nível das ânforas e da cerâmica comum. Contudo, os contentores ânforicos itálicos são presença recorrente nestes contextos, nomeadamente o tipo Dressel 1, e surgem, já nesta altura, alguns fragmentos provenientes do Norte de África (ARRUDA, *et al.*, 2008a, p. 150).

A época romana imperial caracteriza-se pelas importações sudgálicas, hispânicas e africanas, ao nível das ânforas, cerâmica de cozinha africana e da *terra sigillata*, e pela importação de cerâmica de paredes finas da área de Cádiz. É também abundante a cerâmica comum de produção local, havendo uma pequena percentagem proveniente da bética (ARRUDA, *et al.*, 2008a, p. 154 a 158).

Todas estas importações são o exemplo do intenso comércio com o Mediterrâneo durante extensos séculos e chegariam até aos habitantes de Monte Molião (*Laccobriga*(?)) através de embarcações que atracariam no porto da baía de Lagos. Muito provavelmente os produtos carregados por essas embarcações não se destinariam só ao abastecimento do povoado principal, mas também de todos os pequenos aglomerados e *villae* que se encontravam na área de influência de Monte Molião durante a época romana, constituindo a sua área de *hinterland*.

É também possível, como mais adiante falarei, que estes produtos tivessem origem noutros portos próximos, como *Portus Hanniballis* (*Portimão* (?)) ou *Ossonoba* (*Faro* (?)) e fossem depois encaminhados para *Monte Molião* através dos caminhos terrestres, ou embarcações de menor tonelagem.

Já referidas as importações, não devemos esquecer as exportações. Esta cidade estabeleceu-se durante o período romano como uma das mais importantes na preparação e conserva de preparados piscícolas, prova disso é o grande complexo industrial encontrado na Rua 25 de Abril (RAMOS, 2008) e na Rua Silva Lopes em Lagos (ALMEIDA, RAMOS, 2005), aí estão presentes inúmeros tanques de salga de peixe e de preparação das conservas.

Estes preparados seriam depois enviados através das vias marítimas para todo o litoral atlântico da península e também para outros pontos de comércio na bacia do mediterrâneo.

#### Caminhos Romanos:

As vias romanas no litoral algarvio constituem rotas de circulação secundárias, assumindo-se assim como vias de distribuição dos produtos que chegam aos portos das cidades costeiras, constituindo ainda uma forma de contacto com o sul do actual território português.

As estradas e caminhos de época romana no barlavento algarvio foram, e são, o objecto de estudo de vários autores e sobre elas têm recaído diversos trabalhos, como os de Estácio da Veiga, Abel Viana, Mário Saa, e mais recentemente os de Jorge de Alarcão, Manuel e Maria Maia, Vasco Mantas e Sandra Rodrigues (RODRIGUES, 2004, p.23) **(Fig.10).**

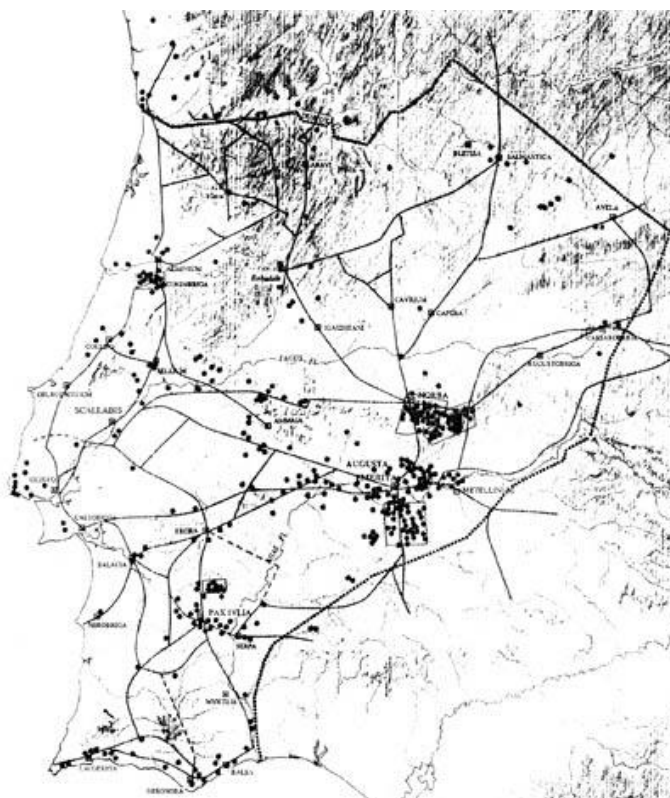


Figura 10: Mapa dos Caminhos Romanos e principais vilas, segundo Vasco Mantas. (MANTAS, 1990)

Nesta região, apesar de todos os esforços, a rede viária é ainda uma realidade discutível, não sendo facilmente perceptível no terreno (RODRIGUES, 2004, p.72). Contudo, a partir de documentos históricos, como por exemplo o Itinerário de Antonino, datado do século III d.C., o estudo de caminhos antigos e da rede de povoamento existente é possível formular um traçado dos principais eixos viários que ligavam os diversos sítios do Algarve e estabeleciam relações com o resto do território **(Fig.11).**

Uma das principais vias seria o eixo longitudinal, que articulava as cidades e sítios costeiros, a via romana *Baesuris* (Castro Marim(?)) – *Balsa* (Torre d'Aires(?)) –



*Ossonoba* (Faro(?)), que teria um trajecto semelhante ao da actual EN 125-6. Este confirma-se pela densidade de sítios que se encontra em redor deste percurso, assim como pela observação de caminhos antigos que aí existem (RODRIGUES, 2004, p.41) (Fig.11).



Figura 11: Mapa Geral das Vias Romanas do Algarve, o estudo mais recente. (RODRIGUES, 2002)

Para oeste de *Ossonoba*(Faro(?)), a informação escasseia e o Itinerário Antonino nada refere. Contudo põe-se a possibilidade de a via ser construída em terra batida, e servir Lacóbriga (Monte Molião (?)) (RODRIGUES, 2004, p.47).

Sandra Rodrigues refere que esta falta de referências e desconhecimento face aos caminhos no litoral algarvio ocidental, deve-se a uma organização pouco estruturada destes, usados como acessibilidades secundárias, uma vez que seria o mar o principal meio de movimentação destas populações (RODRIGUES, 2004, p.47). Pois se Monte Molião se assumia como um dos mais importantes núcleos de povoamento costeiro, teria de ter junto a si eixos viários que ajudassem na acessibilidade a zonas interiores e ao seu *hinterland*.

De facto, no Itinerário de Antonino, o traçado que liga *Beasuris*(Castro Marim (?)) a *Ossonoba* (Faro(?)), ao chegar aí, desenvolve-se para norte. No entanto, pensa-se que a partir da actual Faro a via se dirigiria a Almansil (cujo nome deriva de mansio, topónimo latino para estalagem), seguindo depois para Vilamoura, passando pela Ribeira de Quarteira, Guia, Lagoa, atravessando, o rio Arade, chegando a Portimão e daí até Lagos, a antiga *Laccobriga*(?).

Este traçado seguiria por um lado, para norte, em direcção a Miróbriga (Santiago do Cacém (?)), e, por outro, atingiria o *Promontorium Sacrum* (RODRIGUES, 2004, p. 51) (Fig.12).

Como se pode ver no mapa (Fig.12), tanto a proposta do traçado até ao Promontório *Sacrum*, ou para norte, através de Aljezur até Miróbriga (Santiago do Cacém(?)) assenta no estudo não só dos sugestivos topónimos de certas povoações, mas também de uma observação prática do número de sítios na envolveria deste eixo viário (RODRIGUES, 2002, p.37). Importa ainda referir o marco miliário encontrado na década de vinte do passado século em Canadas de Bias (Fuzeta), datado do século I, estando este exemplar *in situ*, baliza a tal ligação viária já referida entre *Baesuris* (Castro Marim(?)) – *Ossonoba* (Faro (?)) – *Laccobriga* (Monte Molião(?)), e reforça a importância deste eixo (RODRIGUES, 2002, p.37).

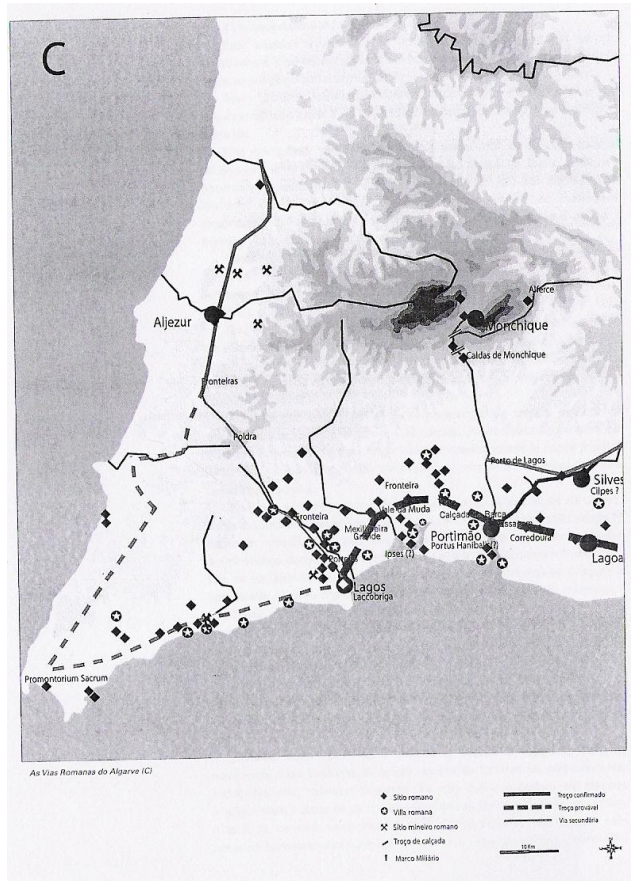


Figura 00: Mapa das vias romanas do ocidente algarvio.(RODRIGUES, 2002)

### 3.3 Síntese sobre a história das investigações e resultados obtidos

#### 3.3.1 Finais do século XIX inícios do século XX

O sítio arqueológico de Monte Molião é conhecido desde finais do século XIX. Sebastião Phillippe Martins Estácio da Veiga foi o primeiro investigador a atestar a ocupação antiga do lugar (VEIGA, 1910).

Com o propósito de inventariar todos os sítios arqueológicos do Algarve, ambicionando a criação da carta arqueológica do Algarve, Estácio da Veiga empenha-se durante as últimas décadas do século XIX nas deslocações por toda a região para a observação e descrição dos vestígios arqueológicos. Destas viagens resultou a sua extensa obra, as *Antiguidades Monumentais do Algarve* (VEIGA, 1886, 1887, 1889, 1891, 1910).



Foi neste contexto, que este se deslocou ao Monte Molião, em Lagos. Na sua obra, refere os inúmeros materiais visíveis à superfície e nas zonas de encosta, que comprovam a intensa ocupação romana e pré-romana do monte: “(...) muitos fragmentos de louça e materiais de construção, muitos fragmentos de louças de sagunto, lisas e com lavor, assim como outras de revestimento escuro e polido(...)” (*Op. Cit.* VEIGA, 1910, p. 222).

Estácio da Veiga observa ainda, no cimo do sítio, a presença de uma cisterna elíptica com 1,76 m de altura, 6,80 m de comprimento e 4,35 m de profundidade, a qual foi por ele desentulhada. No seu interior havia materiais romanos e árabes (VEIGA, 1910, p. 222). Esta grande estrutura ainda hoje é visível. É também descrita uma estrutura pétreia que terminava num ângulo agudo (VEIGA, 1910, p. 222).

Na obra, Veiga refere a existência, no outeiro a nascente do Monte Molião, de uma necrópole romana. Esta estaria parcialmente destruída, possivelmente pelas lavouras, pois o autor refere que afloram á superfície “muitas sepulturas com louças” (VEIGA, 1910, p. 222).

A necrópole situar-se-ia na periferia do núcleo urbano, na vertente Este do Monte Molião, na propriedade de César Landeiro, onde este fazia o cultivo da vinha. Foi “escavada” pela primeira vez pelo Reverendo José Joaquim Nunes, que posteriormente publicou as suas observações num artigo do *Archeologo Português* (NUNES, 1900, p.102).

Aí, o seu autor dá-nos a informação que várias sepulturas haviam sido destruídas com o trabalho de plantação das castas. Mas conseguiu identificar que em época romana naquela necrópole existia a conciliação dos dois tipos de enterramento, a *crematio*, numa primeira fase, e a *humatio*, numa fase mais tardia (NUNES, 1900, p.102).

Joaquim Nunes escavou uma sepultura de inumação, orientada no sentido Noroeste, construída com *tegulae*, formando um telhado, e com o fundo de argila. Observou ainda outras construídas com lajes de pedra. Deste sítio retiraram-se “longos ossos” e um crânio (NUNES, 1900, p.103).

Este refere ainda que no sítio existiam várias urnas com cinzas. E sob estas urnas havia manchas de fogo no solo, concluindo que a cremação dos corpos seria feita no próprio local onde depois se colocavam as urnas funerárias (NUNES, 1900, p.102).

O espólio aí recolhido é variado, desde vidro, cerâmica e objectos metálicos (**Figs.13 e 14**).

Poucos anos depois, Santos Rocha escava duas sepulturas da mesma necrópole (ROCHA, 1906). Nesta intervenção, constatou-se novamente a existência dos dois tipos de enterramento e das sepulturas construídas com tegulas ou pedra. Também estas orientadas a Noroeste. (ROCHA, 1906, p.103).

Os restos osteológicos descobertos encontravam-se em decubito dorsal, braço direito estendido ao longo do tronco e o braço esquerdo dobrado sobre o peito, tendo a mão sobre as clavículas (ROCHA, 1906, p.104).

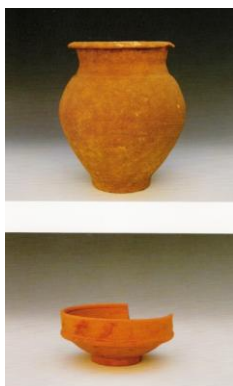


Figura 13: Bilha e taça de terra Sigillata. (ARRUDA, 2007)

A estas sepulturas estava associado um vasto espólio, recipientes cerâmicos (taças em *terra sigillata*, lucernas, jarros e bilhas), vários metais (objectos de adorno, de uso simbólico, uma jarrinha e o Mercúrio de bronze), lacrimários, unguentários, um espelho e ainda duas moedas da época de Cláudio e Júlia Mammea Augusta, mãe de Alexandre Severo (SANTOS, 1971, p.356) (Figs. 13 e 14).

Estes elementos contribuem para a datação da necrópole, dando-nos uma cronologia de utilização balizada entre os séculos I e IV d.C.

Este espólio hoje encontra-se no Museu Nacional de Arqueologia, Museu Dr. Santos Rocha e no Museu Municipal de Lagos (ARRUDA, *et al.*, 2008a, p.139).

Após estas descobertas a investigação estagna e só na década de 50 do século XX investigadores como Abel Viana referem a probabilidade de ocupação do sítio em época pré-romana sem, contudo, desenvolver qualquer trabalho de investigação (VIANA, FORMOSINHO, FERREIRA, 1952).

Na época, estes mesmos autores publicam um curto artigo, onde incluem os materiais provenientes de Monte Molião depositados no Museu Municipal, em Lagos (VIANA, FORMOSINHO, FERREIRA, 1952).



Figura 14: Mercúrio em bronze (ARRUDA, 2007)

### 3.3.2 Arqueologia de emergência

Nas últimas décadas do século XX, junto à vertente Este do sítio, foram realizados trabalhos de construção para a implantação do “estradao” que implicou a destruição de



parte do sítio e a perda de informação, ficaram, inclusive, estruturas a descoberto, no perfil do corte efectuado pelas máquinas (ARRUDA, *et al.*, 2008a, p.139).

Em 1998, Susana Estrela foi a arqueóloga responsável por uma intervenção de emergência no topo norte do cerro, no âmbito de minimização de impactos devido à construção de uma moradia no sítio do Monte Molião (ESTRELA, 1999). Estes trabalhos sublinharam, mais uma vez, a ocupação romana e pré-romana do sítio através dos materiais recolhidos na pequena sondagem realizada (14m<sup>2</sup>) e permitiram a observação da existência de estratos conservados de época romana alto-imperial e de uma estrutura de grandes dimensões associada a esses (ESTRELA, 1999, p.206 a 208).

Em 2005, houve uma nova intervenção de emergência na área do Monte Molião, no lugar do telheiro, esta levada a cabo pela empresa “Palimpsesto, estudo e preservação do Património cultural Lda”, com o objectivo de averiguar a existência de vestígios arqueológicos na zona que iria ser futuramente afectada por um projecto de urbanização (SOUSA e SERRA, 2006, p.13). Os responsáveis pelos trabalhos foram a Dra. Elisa de Sousa e o Dr. Miguel Serra.

A intervenção decorreu em duas fases e em áreas diferentes, através da abertura de várias sondagens (SOUSA e SERRA, 2006, p.13-16). Detectou-se uma estrutura negativa na área da sondagem 1, com grandes níveis de aterro que a enchiam, de onde se retirou uma grande quantidade de artefactos cerâmicos (SOUSA; SERRA, 2006, p.15-16) (cerâmica campaniense do tipo A, ânforas de origem itálica, da baía de Cádiz e do norte de África, cerâmica de paredes finas e cerâmica comum) e alguns artefactos metálicos (SOUSA e SERRA, 2006, p.18-24). Noutras áreas, foram também recolhidos fragmentos cerâmicos, concretamente, *terra sigillata*, cerâmica do tipo “Kuass”, ânforas pré-romanas e ainda dois numismas, um denário cunhado em 134 a.C. e uma moeda de chumbo proveniente de *Balsa*, contudo fora de contexto (SOUSA e SERRA, 2006, p.15-16).

Os materiais exumados na sondagem 1 permitiram a datação do contexto de finais do século II a.C. (SOUSA e SERRA, 2006, p.16). Nesta intervenção, ficou também comprovada a ocupação antiga do Monte Molião, desde época pré-romana assim como a presença de populações fortemente romanizadas, atestadas através dos materiais recolhidos (SOUSA e SERRA, 2006, p.25).

Em 2007, realizou-se, no sopé do monte, uma nova intervenção de emergência, tendo a arqueóloga Patrícia Bargão como responsável pelos trabalhos a cargo da

empresa “Palimpsesto, estudo e preservação do Património cultural Lda.”. (BARGÃO, 2008).

Aí, à semelhança dos resultados obtidos em 2005, 2006 e 2007 pela anterior intervenção da Palimpsesto (SERRA, SOUSA, 2006) e pelo projecto de investigação “Monte Molião na Antiguidade”, foram detectados, níveis estratigráficos conservados, atribuídos cronologicamente à II Idade Ferro (BARGÃO, 2008, p.174), á época romana republicana e romana imperial (BARGÃO, 2008, p.179).

Estas sondagens puseram, então, a descoberto uma ocupação antiga próxima do rio, na zona Sudeste do monte, que se iniciou no século IV a.C., tendo havido reocupação em época tardo-republicana (BARGÃO, 2008, p.187). Os contextos desta época possuem fraca expressão, dos poucos fragmentos identificados nas sondagens, destacam-se três fragmentos de cerâmica campaniense B-óide (formas 1, 2 e 7 de Lamboglia), um de paredes finas e vários de cerâmica comum gaditana, ânforas da Classe 67 e Maña C2. Balizando-se a cronologia da ocupação desta área do sopé, entre meados do século I a.C. e finais no mesmo. As estruturas identificadas pertencentes ao período imperial, relacionam-se com um espaço habitacional, designado de compartimento 1, com um piso de *tegulae*. Sob este foram encontrados dois tanques revestidos de *opus signinum* pertencentes a um complexo de preparados piscícolas, de utilização anterior à área doméstica, cuja vala de fundação de uma parede destrói parcialmente um dos tanques. Associados a estas realidades, identificaram-se fragmentos de *Terra sigillata*, dominando as produções sudgálicas, existe, também, uma grade diversidade de ânforas, sendo a maioria originária da provincia da Bética, tal como a grande parte da cerâmica comum. Estes resultados comprovam, uma vez mais, a ocupação sidérica do Monte Molião, esta que deve “ser encarada como um todo não fazendo sentido dissociar a ocupação do topo do monte da de meia encosta.” (BARGÃO, 2008, p.171 a 188).

Muito resumidamente, foi, ainda no ano de 2007, levada a cabo pela mesma empresa, uma intervenção de emergência na mesma área a afectar pela nova urbanização no sítio do Molião. Identificou-se uma estrutura de fosso, escavado no substrato rochoso, com cerca de dois metros de profundidade e um pequeno empedrado que os autores dos trabalhos identificaram como fazendo parte de um torreão, possivelmente anexo a uma estrutura de muralha. Os materiais associados a estes vestígios são diversos, desde terra sigillata, paredes finas, cerâmica campaniense, cerâmica pintada, ânforas de produção africana e gaditana e não permitem um





enquadramento cronológico específico. Os autores propõem uma datação para a construção destas estruturas entre os séculos I/II a.C. e o século III d.C. (DIOGO E MARQUES, 2008, p.61 a 65).

### 3.3.3 O projecto “Monte Molião na Antiguidade”

Aparte estes acontecimentos, o sítio permaneceu quase intacto até á actualidade. E em 2006 teve início um projecto de investigação plurianual, “Monte Molião na Antiguidade”, que visa a definição e caracterização das etapas de ocupação antiga do sítio. Este é fruto de um protocolo entre a Câmara Municipal de Lagos, a Faculdade de Letras de Lisboa e a UNIARQ (ARRUDA, *et al.*, 2008a, p.139). Os trabalhos decorreram sob a direcção científica da Doutora Ana Margarida Arruda (ARRUDA, *et al.*, 2006, p.6).

O projecto está, neste momento, em fase de conclusão. As quatro campanhas de trabalhos arqueológicos trouxeram resultados bastante satisfatórios, provando definitivamente a ocupação do Monte Molião desde a segunda metade do I milénio a.C. (ARRUDA, 2007, p. 20), em época romana republicana e em época Alto Imperial (ARRUDA, 2007, p.18). Diacronia comprovada através das estruturas e espólio exumados nos três sectores intervencionados (ARRUDA, *et al.*, 2008a, p.140).

Os trabalhos incidiram em três áreas do sítio, denominadas de sectores A, B e C (ARRUDA, *et al.*, 2006, p.6) (Fig. B, Anexo).

A primeira sondagem, sector A, foi implantada na vertente Este do Monte Molião, junto à estrada de acesso ao sítio, com uma área com cerca de 100 m<sup>2</sup> (ARRUDA, *et al.*, 2006, p.7). Na campanha de 2007 esta foi ligada ao corte Este e alargada, para uma melhor leitura do sítio (ARRUDA, *et al.*, 2007, p.9). O Sector B com 36m<sup>2</sup> localiza-se no topo do sítio, no seu ponto mais elevado (ARRUDA *et al.*, 2006, p.7). O sector C, no início com 24m<sup>2</sup> (ARRUDA, *et al.*, 2006, p.7), foi posteriormente alargado, prefazendo uma área total de 100m<sup>2</sup>, situa-se na vertente Sul do sítio (ARRUDA, *et al.*, 2008b, p.8 e 14) (Figs. B, C e D, Anexo).

Devido á baixa potência estatigráfica do Sector B, os trabalhos nesta sondagem deram-se por concluídos ainda em 2006, tendo-se posto a descoberto algumas estruturas. O seu estado de conservação, assim como a fraca potência estratigráfica, não justificaram o alargamento da área. Assim, as campanhas seguintes decorreram nos

sectores A e C, onde os dados recuperados demonstraram a importância do sítio em época antiga e uma longa diacronia de ocupação (ARRUDA, *et al.*, 2008b, p.7).

Ambas as sondagens permitiram a interpretação de uma sequência de ocupação quer através da arquitectura documentada, quer do numeroso e diverso espólio resultante dos trabalhos (ARRUDA, *et al.*, 2008a, p.140).

Metodologicamente, na escavação de todos os sectores seguiu-se o princípio da estratigrafia de Harris (HARRIS, 1979), seguindo a formação natural dos estratos pela ordem inversa da sua formação e a atribuição de unidades estratigráficas por ordem crescente (ARRUDA *et al.*, 2006, p.7).

Estas foram devidamente descritas em fichas de unidades, fotografadas e registadas graficamente à escala 1:20 (ARRUDA *et al.*, 2006, p.7). Os materiais exumados foram separados em sacos, com a respectiva ficha de identificação da proveniência (sector, U.E. e tipo de espólio), sendo depois lavados, marcados e acondicionados na UNIARQ (ARRUDA *et al.*, 2006, p. 8).

### **3.3.3.1 Resumo dos trabalhos e resultados obtidos.**

O início da ocupação do sítio, atestado nos Sectores A e C, aponta para os finais do século IV a.C., cronologia proposta, sobretudo, pela presença de vários fragmentos de cerâmica grega e a sua convivência com a cerâmica de tipo “Kuass” (ARRUDA, *et al.*, 2008a, p.164), mantendo-se em utilização durante todo o século III a.C., á semelhança com o que se verifica com outros sítios do Algarve Ocidental e Central.

A época romana republicana, dividida em duas fases de ocupação (ARRUDA, *et al.*, 2008b, p.15), parece iniciar-se em meados da segunda metade do século II a.C., como comprovam os materiais, ânforas, paredes finas e cerâmica campaniense (ARRUDA, *et al.*, 2008a, p.165). Esta ocupação perdura até ao período dos Antoninos, sendo particularmente significativa na época Flávia (ARRUDA, *et al.*, 2008a, p.165).

No Sector A, a U.E. [0029] documenta o último momento de ocupação desta área. O espólio aí recolhido, nomeadamente a cerâmica de cozinha africana, formas Hayes 23 A e B, Hayes 196 e 197, e os fragmentos de *terra sigillata* sud-gálica e hispânica, formas 15/17, 18 e 27 de Dragendorff, sugerem uma datação centrada no segundo quartel do século II d.C., provavelmente entre 130 a 150 (ARRUDA, *et al.*, 2008a, p.162).



A ocupação humana do Monte Molião parece ter terminado em torno do final da primeira metade do século II d.C., sendo muito escassos os materiais de datas posteriores, provavelmente relacionados com a utilização da necrópole que se manteve em actividade até ao século IV d.C., servindo a população que se instalou, ainda durante o século I d.C., na actual cidade de Lagos (ARRUDA, *et al*, 2008a, p.165).

Toda esta informação permite afirmar a existência de um significativo aglomerado populacional com grande poder de aquisição.

Como se sabe, Monte Molião tem sido uma constante no debate sobre a possível localização da mítica *Laccobriga*. Pompónio Mela é o primeiro autor clássico a fazer referência a este *oppidum* indígena, dizendo-nos “...no [promontório] sagrado [localizam-se] *Laccobriga* e *Portus Hannibalis*...” (MELA, III, 1, 7).

A confirmação de que o sítio do Monte Molião, em Lagos, é mesmo este antigo *oppidum* indígena, ocupado posteriormente em época romana, é ainda uma questão controversa. Contudo, através dos resultados obtidos neste projecto de investigação, da análise do espólio e das estruturas a descoberto e apesar da falta de fontes numismáticas e epigráficas que nos dêem um testemunho absoluto, “parece hoje possível defender, com alguma segurança, que nesta área se localizou um núcleo urbano que, na época romana, era conhecido por *Laccobriga*” (*Op. Sit.* ARRUDA, 2007, p.20).

## **4. A cerâmica campaniense do Monte Molião, Lagos.**

### **4.1 Metodologia**

O estudo da cerâmica campaniense de Monte Molião foi realizado através de um conjunto de procedimentos que passaremos a descrever.

Começámos por dividir os materiais em fragmentos classificáveis e não classificáveis, com base da presença ou da ausência de características que pudessem determinar a sua forma, levando, contudo, em consideração a totalidade das peças numa primeira análise quantitativa.

Posteriormente, foi feita uma contagem dos bordos de cada tipo de cerâmica campaniense presente por unidade estatigráfica, para a obtenção do número mínimo de indivíduos (NMI).

Ao nível do fabrico, optámos por distribuir os fragmentos pelos seus grupos técnicos, ou seja, produções de tipo A, de tipo B etrusco, de tipo B caleno e produções de Pasta cinzenta. Decidimos substituir o termo B-óide por B calena quando se faz referência às produções cujas características nos permitem inseri-las nos materiais provenientes de Cales, sustentando esta escolha nos mais recentes trabalhos de investigação que possibilitaram um novo enquadramento destes materiais (CALVO GALVEZ, RIBERA I LACOMBA, 1995; MARÍN JORDÁ, RIBERA I LACOMBA, 2001; PEDRONI, 1981, 1990, 2001).

Todos os fragmentos foram examinados apenas macroscopicamente, utilizando uma lupa de 15x para a observação pormenorizada das pastas. Para descrever a coloração das pastas recorreremos ao código de cores presente na tabela de Munsell Soil Chart, que devemos levar em conta apenas como uma aproximação à cor real, tendo ela própria pequenas variações.

Nas características genéricas do grupo técnico, levámos em conta vários critérios: descrição da pasta, do verniz, modo de cozedura, caracterização das inclusões, a textura da pasta e da forma da fractura. No catálogo, as peças estão organizadas por classe. Aí está presente a informação complementar, como a forma, a descrição do fragmento, a cor da pasta, decoração e o seu diâmetro, assim como a indicação do número correspondente ao desenho e a sua cronologia.



Na classificação formal, utilizámos a tipologia de Lamboglia (1952), fazendo depois a correspondência com as formas de Morel (1981), com aproximação à série, à espécie e ao tipo, tentado uma conciliação dos dois trabalhos. Com esta opção, pretendemos uma simplificação da leitura deste trabalho e da compreensão da amostra. Com efeito, a tipologia de Nino Lamboglia, apesar de mais antiga, está melhor difundida e compreendida entre a comunidade científica, havendo, empiricamente, uma predisposição em estabelecer relação entre o tipo e o exemplar que o representa.

Esta assimilação não resulta tão eficaz quando aplicada à tipologia hierarquizada de Morel, baseada nos detalhes de cada peça, o que produz uma lista infinita de tipos dentro de uma espécie, muitos deles pertencentes à mesma forma quando observados através das classes universais de Lamboglia, mas que pelas variações no bordo, nas asas ou no pé são-lhe atribuídos diferentes números, o que acontece, por exemplo, nas obras de Luís Luís e Luigi Pedroni (LUÍS, 2004; PEDRONI, 1981, 1990, 2001).

Não negamos que este pormenor na observação dos aspectos morfológicos não se torne importante quando se trata da identificação de características de determinadas regiões, contudo a adopção rigorosa desta tipologia tornaria complexa a realização deste trabalho, nomeadamente o estudo estatístico da presença de determinada classe ou forma no sítio e o confronto destes dados com a bibliografia semelhante onde a adopção das formas definidas na Classificação preliminar é preponderante.

A tipologia de Morel, contudo, torna-se indispensável para o enquadramento cronológico dos fragmentos, já que neste aspecto é mais recente e precisa que a de Nino Lamboglia. Tivemos, também, sempre em consideração as datações presentes na Lattara, sendo esta a obra mais recente sobre o assunto e tendo por base um rigoroso estudo estratigráfico (PY, 1993). Lembramos, que nesta obra foi, também, a tipologia de Nino Lamboglia a utilizada.

A acompanhar este capítulo, inserimos em anexo o inventários dos materiais, elaborado em *filemaker*, versão 10 *pro advanced*. Os desenhos são apresentados à escala 1/3, e organizados nas pranchas segundo a sua classe e a sua forma. A tintagem dos materiais foi executada em *Adobe Illustrator CS4*. Alguns dos exemplares foram também fotografados e, quando necessário, alterados em *Adobe Photoshop*.

Os gráficos e tabelas que acompanham o texto pretendem uma síntese estatística dos dados do presente trabalho. Baseiam-se na simples contagem dos fragmentos e na leitura dos números contidos no inventário geral do material proveniente do sítio.

No estudo dos contextos, os materiais que apresentam uma correlação estratigráfica com a cerâmica campaniense são aqui referidos. Em termos quantitativos, tivemos em conta os mesmos critérios utilizados na cerâmica que constitui parte principal deste trabalho.

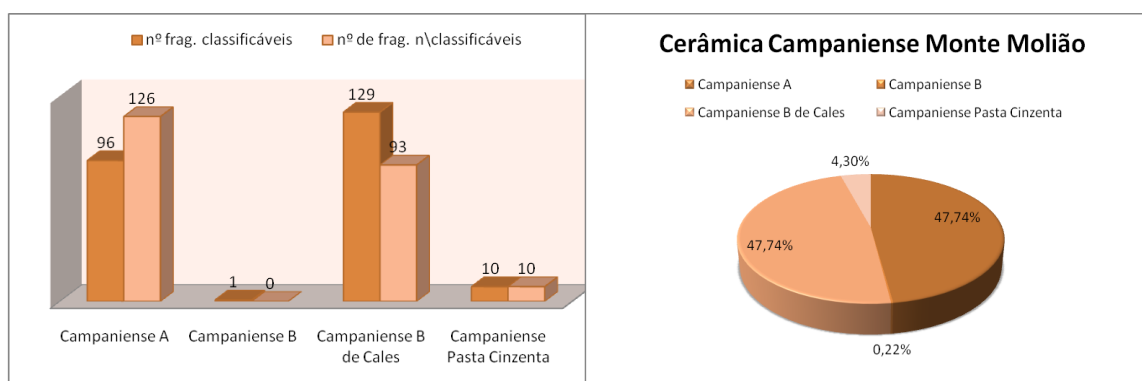
Contudo, não nos detivemos na definição dos grupos técnicos ou nas suas características formais, mas apenas tivemos em consideração a sua presença numérica no sítio e a sua origem, de forma a distinguir padrões e preferências de consumo destes materiais.

## 4.2 Grupos de Fabrico

Nas quatro campanhas de escavações em Monte Molião recolheram-se, nos dois sectores alvos de intervenção, 465 fragmentos de cerâmica campaniense (Tabela 2), Dos quais 222 são de cerâmica campaniense A, um é de cerâmica campaniense B etrusca, 222 são cerâmica campaniense B de Cales e dez são de cerâmica campaniense de pasta cinzenta (figuras 15 e 16), estando, à semelhança dos outros sítios da mesma época do actual território português, a cerâmica campaniense C totalmente ausente.

Tipo	Nº frag. Classificáveis	Nº de frag. N\classificáveis	Total
Campaniense A	96	126	222
Campaniense B	1	0	1
Campaniense B de Cales	129	93	222
Campaniense Pasta Cinzenta	10	10	20
			465

Tabela 2: C. Campaniense do Monte Molião



Figuras 15 e 16: Número de fragmentos e percentagem, por tipo de C. Campaniense do Monte Molião



#### 4.2.1 Cerâmica Campaniense do tipo A

Dos 96 fragmentos classificáveis (**fig.15**) de cerâmica campaniense A, 54 foram desenhados. Estando presentes no Monte Molião diversas formas deste tipo, situadas cronologicamente entre a segunda metade do século II a.C. e finais do século I a.C. (**nº1 a 54**).

Descrição Técnica – Conjunto cerâmico de pasta não-cálcarea, com fabrico em modo C, apresentando uma cozedura e arrefecimento oxidantes. O grupo apresenta uma pasta rosada (2,5 YR 6/6 e 2,5 YR 6/8), com fracturas regulares. Esta argila é muito porosa, de grão muito fino e de forma arredondada, dura não sendo visíveis quaisquer inclusões de elementos não plásticos.

Fragmentos cobertos de um verniz não vitrificado de cor negra, com reflexos metalizados, de cor azulada e acizentada, apresentando desgaste na superfície da peça.

#### 4.2.2 Cerâmica campaniense do tipo B de Cales

No conjunto anteriormente referido, estão presentes 129 fragmentos de cerâmica campaniense do tipo B de Cales. Este é o tipo melhor representado, em termos de número mínimo de indivíduos, no conjunto total de cerâmica campaniense proveniente do sítio do Monte Molião. Em termos cronológicos a sua presença localiza-se desde o início, a finais do século I a.C. (**nº55 a 144**).

Descrição Técnica – Conjunto cerâmico de pasta não-cálcarea, com cozedura em modo C, apresentando uma cozedura e arrefecimento oxidantes. O grupo apresenta uma pasta bege amarelada (7,5 YR 8/4 e 7,5 YR 8/6), com fracturas um pouco irregulares. Esta com uma textura porosa, dura, de grão muito fino de forma arredondada. Inclusões de muito pequenas dimensões, minerais negros e pequenas partículas de mica.

Fragmentos cobertos de um engobe não vitrificado de cor negra, com manchas de várias tonalidades, variando desde o avermelhado, azul e esverdeado. Este encontra-se lascado.

#### 4.2.3 Cerâmica campaniense do tipo B etrusco

Apenas um fragmento de todo o conjunto de cerâmica campaniense é do tipo B etrusco, cronologicamente integra-se no século II a.C. (**nº145**).

Descrição Técnica – fragmento cerâmico de pasta não-cálcarea, com cozedura em modo C, apresentando uma cozedura e arrefecimento oxidantes. O fragmento apresenta uma pasta muito depurada, cor de salmão (5 YR 8/6), com fracturas muito regulares. Esta com uma textura porosa, dura, de grão muito fino de forma arredondada. Praticamente sem inclusões visíveis macroscopicamente.

Fragmento coberto de um engobe não vitrificado de cor negra ou azulado, com grande qualidade e em bom estado de conservação.

#### 4.2.4 Cerâmica campaniense de pasta cinzenta

Por fim, do conjunto total, dez fragmentos fazem parte de uma classe cerâmica pouco estudada, a cerâmica campaniense de pasta cinzenta (**nº146 a 155**).

Descrição Técnica – Conjunto cerâmico de pasta não-cálcarea, com cozedura em modo C, apresentando uma cozedura e arrefecimento reductores. O grupo apresenta uma pasta acinzentada, de tonalidade mais clara ou mais escura (2,5 YR 6/1), com fracturas um pouco irregulares. Esta com uma textura porosa, dura, de grão muito fino de forma arredondada. Inclusões de mica, regulares e de forma arredondada.

Fragmentos cobertos de um engobe não vitrificado, de cor negra e muito desgastado. Este apresenta-se mais espesso em alguns fragmentos.

### 4.3 Análise

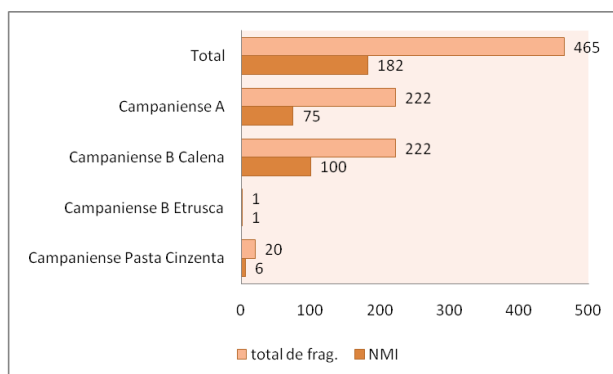


Figura 17: Distribuição da C. Campaniense por NMI

De um total de 465 fragmentos, foi possível contabilizar 182 indivíduos através de todos os bordos recolhidos nos sectores A e C, intervencionados entre 2006 e 2009, do Monte Molião, representando 39 por cento da amostra total. Neste

trabalho, estão graficamente

representados e morfologicamente classificados 155 fragmentos.





Quanto à proveniência dos materiais, a grande maioria foi exumada nos níveis estratigráficos do sector C, perfazendo um total de 115 indivíduos nos quatro tipos de cerâmica campaniense (**fig.15**). É também neste sector que se encontra o maior número de fragmentos em contexto, ou seja, em camadas seladas e com conjuntos de materiais que apontam para um momento de ocupação concreto.

Sendo que apenas cerca de um terço das peças provêm do sector A, muitas delas dos estratos superficiais, ou de níveis de ocupação mais recentes ao seu contexto de utilização (**fig.18**).

No que diz respeito à representação dos diferentes tipos de Cerâmica Campaniense, na análise

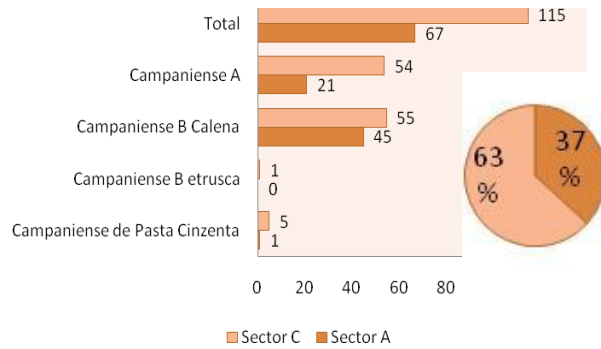


Figura 18: NMI por sector intervencionado

macroscópica das diferentes argilas e vernizes, foi possível a distinção de quatro grupos técnicos já anteriormente descritos. Verifica-se um predomínio das produções de origem calena, com 100 indivíduos presentes, seguindo-se os fabricos de verniz negro do tipo A, com 75 indivíduos, destacam-se ainda, em menor número, os fabricos de pasta cinzenta e a raridade da Campaniense B etrusca, identificando-se apenas um fragmento (**fig.17**).

Em termos gerais, a distribuição formal apresenta grande diversidade, mas as formas 1, 5/7, 31 e 36 de Lamboglia são claramente dominantes neste conjunto.

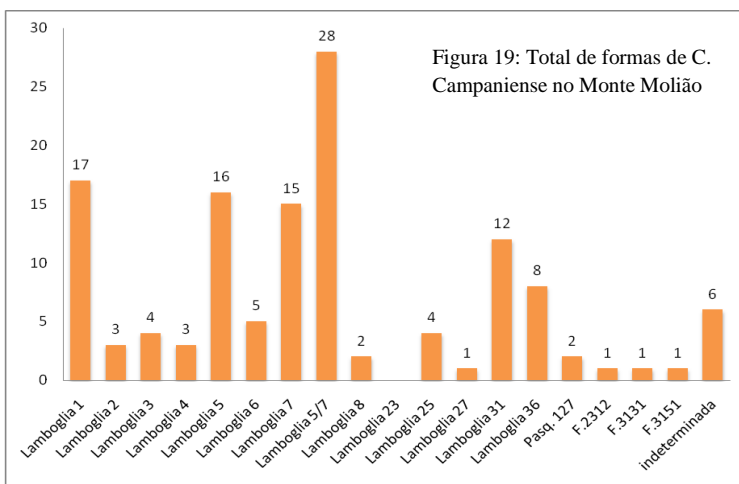


Figura 19: Total de formas de C. Campaniense no Monte Molião

Contudo encontramos todas as formas que seria expectante encontrar neste universo de importações de verniz negro (**fig.19**). Abordarei este assunto mais especificamente ao analisar cada tipo de cerâmica campaniense.

### 4.3.1 A cerâmica campaniense do tipo A do Monte Molião

Como anteriormente referi, a cerâmica campaniense do tipo A encontra-se bem representada no sítio de Monte Molião (**Estampa 1 a 5**), correspondendo a 47,7 por cento de toda a amostra (**fig.16**), contabilizando-se 76 indivíduos (**fig.17**), sendo que a maioria dos fragmentos concentra-se no sector C (**fig.18**). O conjunto é também bastante diversificado em termos formais, como

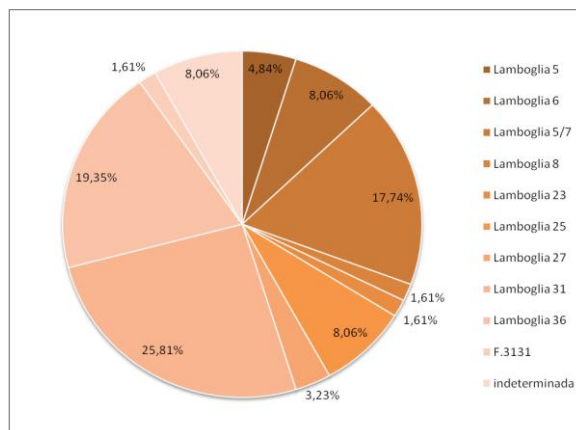


Figura 20: Formas de C. Campaniense do tipo A do Monte Molião.

se observa no gráfico (**fig.20**). As formas 5 e 5/7 de Lamboglia são aqui abundantes (**nº1 a 11**), seguidas das 31 (**nº26 a 40**) e 36 de Lamboglia (**nº42 a 53**), estando ainda representadas as formas 6 (**nº12 a 17**), 8B (**nº18**), 25 (**nº20 a 24**), 27 e 27c (**nº25 e 41**) e um fragmento de bojo da forma 3131 de Morel (**nº54**) (**fig.20**).

O conjunto é enquadrável nas fases clássica e tardia de distribuição destas cerâmicas no Mediterrâneo Ocidental (ADROHER AUROUX, LÓPEZ MARCOS, 1996, p.14), balizadas cronologicamente entre meados do século II a.C. e os últimos decénios do século I a.C. Esta apreciação é feita a nível morfológico, uma vez que a nível técnico as possíveis diferenças entre a qualidade das pastas e dos vernizes não são visíveis, podendo as condições de deposição e de conservação dos solos influenciar essa observação.

Assim, inseríveis no repertório formal da fase média ou clássica, temos o prato com o fundo canelado num semi-circulo, inspirado nos pratos de pescado, 23 de Lamboglia (F1740) (**nº19**), o prato de fundo plano e bordo vertical esvasado e encurvado, 5 de Lamboglia (F2250) (**nº1, 2 e 4**), a pequena taça de paredes ligeiramente côncavas, 25 de Lamboglia (**nº20 a 24**), duas taças com paredes encurvadas e de grande diâmetro do bordo, 27Ba e 27c de Lamboglia (F2820) (**nº25 e 41**), a taça de grande diâmetro e profundidade, destinada a conter líquidos, Lamboglia 31 (F2960) (**nº26 a 40**), a forma 36 (F1312), um prato de bordo horizontal e esvasado para o exterior (**nº42 e 53**) e a forma 3131 de Morel, a taça com duas asas bífidas e simétricas (**nº54**).

A fase tardia está representada pelas formas 5/7 de Lamboglia (F2250), prato de fundo plano e bordo vertical (**nº3, 5 a 10**), 6 de Lamboglia (F1440), prato de bordo



horizontal e esvasado para o exterior (**nº12 a 17**), a taça esvasada 8B de Lamboglia (**nº18**) e um exemplar da forma 31 (F2980) de bordo biselado (**nº28**).

Quanto ao repertório decorativo, este é concordante com as produções da fase tardia de cerâmica campaniense do tipo A. Estão presentes os típicos círculos concêntricos em caneluras, impressos no fundo dos pratos 5/7, 36 e num exemplar da forma 8B de Lamboglia. Há ainda alguns exemplares com evidências da aplicação de *guilhoché* fino (**nº8 e 11**).

A pintura a branco está, também, bem presente na amostra, fazendo-se representar em bandas, no interior da peça, junto ao bordo, em três exemplares da forma 31 de Lamboglia (**nº29, 30, 31 e 38**) e um da forma 6 (**nº48**). São também recorrentes as caneluras, por vezes em número par, aplicadas no exterior do fundo (**nº7,8,9,10, 11, 51 e 53**) e do bordo (**nº17 e 31**) dos fragmentos,

O grafito, tendo como objectivo marcar a propriedade de determinada peça, está presente no fragmento **nº56**, no seu fundo externo, parece-nos corresponder a três letras, um M, em nexa, um A e depois um V, podendo ler-se MAV.

Destacamos a ocorrência de apenas duas estampilhas, ambas conservadas no fundo interno de dois fragmentos, um da forma 5/7 e outro da forma 36 de Lamboglia (**nº51**). No primeiro caso, trata-se apenas de um motivo de forma circular no centro da peça. O segundo, semelhante a um às de espadas, parece corresponder ao tipo 2748 da Lattara (PY, 1993).

#### 4.3.2 A cerâmica campaniense do tipo B caleno do Monte Molião.

As produções provenientes de Cales representam cerca de 47,7 por cento da amostra (**fig.16**), perfazendo um total de 100 indivíduos (**fig.18**), sendo este o tipo com maior expressão quantitativa do sítio, com grande maioria dos exemplares provenientes do sector C (**fig.18**) (**estampas 5 a 12**).

Morfologicamente, o conjunto apresenta grande diversidade formal, como se observa no **gráfico (fig.21)**. Os pratos das formas 5, 7 e 5/7 de Lamboglia são claramente dominantes face às outras produções (**nº60 a 106**). A forma 1 tem, também, uma larga expressão dentro do conjunto (**nº107 a**

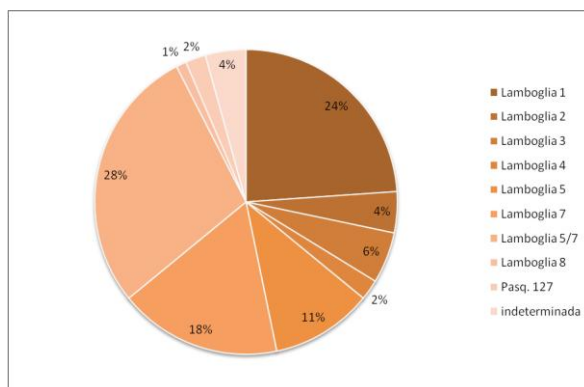


Figura 21: Formas de C. Campaniense do tipo B Caleno do Monte Molião.

126) e estão ainda presentes, em quantidades residuais, as formas 2 (**nº126 a 129**), 3 (**nº130 a 134**), 4 (**nº135 e 136**), 8 de Lamboglia (**nº141**) e um fragmento de bojo da forma pasquinucci 127 (**nº137**) (**fig.21**). Apenas quatro fragmentos de fundo não possuem correspondência tipológica.

Os **nº 81, 82 e 83** representam a forma 5 de Lamboglia (F2250), o prato esvasado com as paredes curvas. Já os **nº60 a 69 e 73** inserem-se na sua variante de paredes rectas, ligeiramente esvasadas e com carena demarcada, forma 7 de Lamboglia (F2270). Destes fragmentos, referimos particularmente o número **68**, que além dos pormenores anteriormente referidos, possui um bordo moldurado e ligeiramente esvasado, podendo fazer parte de uma produção tardia desta forma.

Contudo, a maioria dos exemplares levanta dúvidas quanto à sua plena inserção nestas duas categorias, pois possuem características comuns a ambas. São na maioria fragmentos que começam a apresentar uma ligeira demarcação na parede, esta já não é tão curva como na forma 5, mas também não é completamente recta. Assim, evitando classificações erróneas, optamos por classificar estas peças como 5/7 de Lamboglia (F2250) (**nº 70, 71, 72, 74, 80 a 93**), assim como os fundos, que possuem todos um pé emoldurado, **nº94 a 106**).

A forma 1 de Lamboglia (F2322-23) corresponde a 17 fragmentos. Está presente a sua variante mais típica, a taça que apresenta dois pequenos sulcos junto ao bordo (**nº107, 112 a 114 e 117**). Os **110 e 111** apresentam apenas um sulco, também junto ao bordo. A variante mais antiga está representada por quatro exemplares sem qualquer ranhura (**nº108, 109, 115 e 116**). O fundo **nº122**, com uma carena bem demarcada no final da parede, parece-nos ser também exemplo deste fabrico mais antigo.

Os copos encontram-se representados pelas formas 2 (F1222) (**nº126 a 129**) e 3 (7557) (**nº130 a 134**) de Lamboglia. Há ainda a ressaltar um fragmento da forma Pasq. 127(F3121-22) (**nº137**), passível de se encontrar nas produções mais antigas de meados século II a.C., até às mais tardias produções de Cales, finais do século I a.C. (ROUMENS, GARCIA, 1993, p.56).

Os motivos decorativos constituem-se pelos típicos círculos concêntricos em caneluras, impressos no fundo das taças 1 e dos pratos 5/7 (**nº94 a 98, 100, 102 a 105, 112, 113, 118, 120, 123 a 125**). O *guilhoché* fino preenche o interior destes círculos, é frequente nas formas 5/7 de Lamboglia, por vezes desenhando várias linhas entre os círculos (**nº95 98, 100, 102 a 105**) ou mesmo uma decoração profusa de longos traços (**nº94**).



As linhas incisas, por vezes em número par, no exterior do fundo (**95, 102, 120 e 123**) e do bordo, têm também alguma representação, especialmente na forma 1 de Lamboglia (**nº 120 e 123**) e num exemplar da forma 3 de Lamboglia (**nº131**).

O fragmento **nº108** apresenta no seu interior, junto ao bordo, uma banda preenchida a branco, sendo a única peça deste tipo com vestígios de pintura.

Neste grupo as estampilhas são inexistentes. Refiro apenas a possível existência de um grafito, de forma amendoada, impresso no fundo da peça **nº113**.

Com exceção do fragmento **nº137**, todas as peças, através da sua morfologia e decoração, remetem, cronologicamente, para o terceiro ou último quartel do século II a.C. ao terceiro quartel do século I a.C, enquadrando-se na fase média e tardia da campaniense B de Cales (JORDÁ, RIBERA, 2001, p. 269 a 275).

#### 4.3.3 A cerâmica campaniense do tipo B Etrusco do Monte Molião.

Apenas um fragmento corresponde as produções campaniense oriundas da Etrúria, sendo a sua representação no sítio apenas episódica (**figura 16**). Esta peça insere-se na forma 4 de Lamboglia (F1413-14), produzida entre 125 a 25 a.C. (**estampa 13, nº145**).

#### 4.3.4 A cerâmica campaniense de Pasta Cinzenta do Monte Molião.

Os exemplares de cerâmica campaniense de pasta cinzenta representam uma minoria no conjunto, cerca de três por cento (**fig.16**), contabilizando-se apenas seis indivíduos, todos exumados no sector C (**fig.18**) (**estampa 14**).

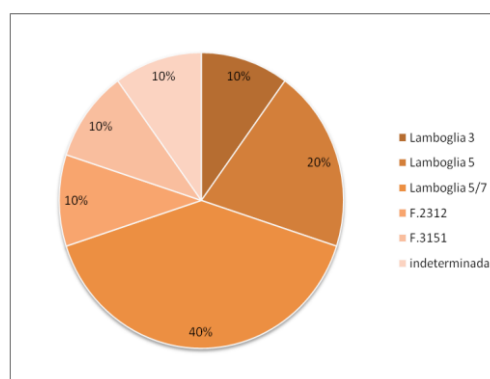


Figura 22: Formas de C. Campaniense de Pasta cinzenta do Monte Molião.

Em termos tipológicos, as formas 5 e 5/7 de Lamboglia (F2250) (**nº146, 148 a 152**) têm uma maior representatividade, ocupando sessenta por cento da amostra total, com cinco fragmentos de bordo e um de fundo. Como presença unitária, registre-se um

fragmento de bordo espessado (nº153) que, parece pertencer a uma taça hemisférica da forma 2312 de Morel (fig.147) e um bordo da forma Lamboglia 3 (nº154).

O conjunto parece ser originário do Guadalquivir, entrando em concordância com as características formais das peças aí produzidas nos inícios do século I a.C. até finais do mesmo (VENTURA MARTÍNEZ, 2000, p.185), estando também de acordo com a presença maioritária de contentores ânforicos e da cerâmica comum originários dessa região no Monte Molião, assunto que mais adiante desenvolverei (fig. 23).

A decoração encontra-se praticamente ausente neste conjunto. Contudo, destacamos a peça nº155, um bojo que apresenta quatro caneluras verticais no seu exterior. Esta aparenta ser uma forma fechada, que, porém, não foi possível classificar mais concretamente.

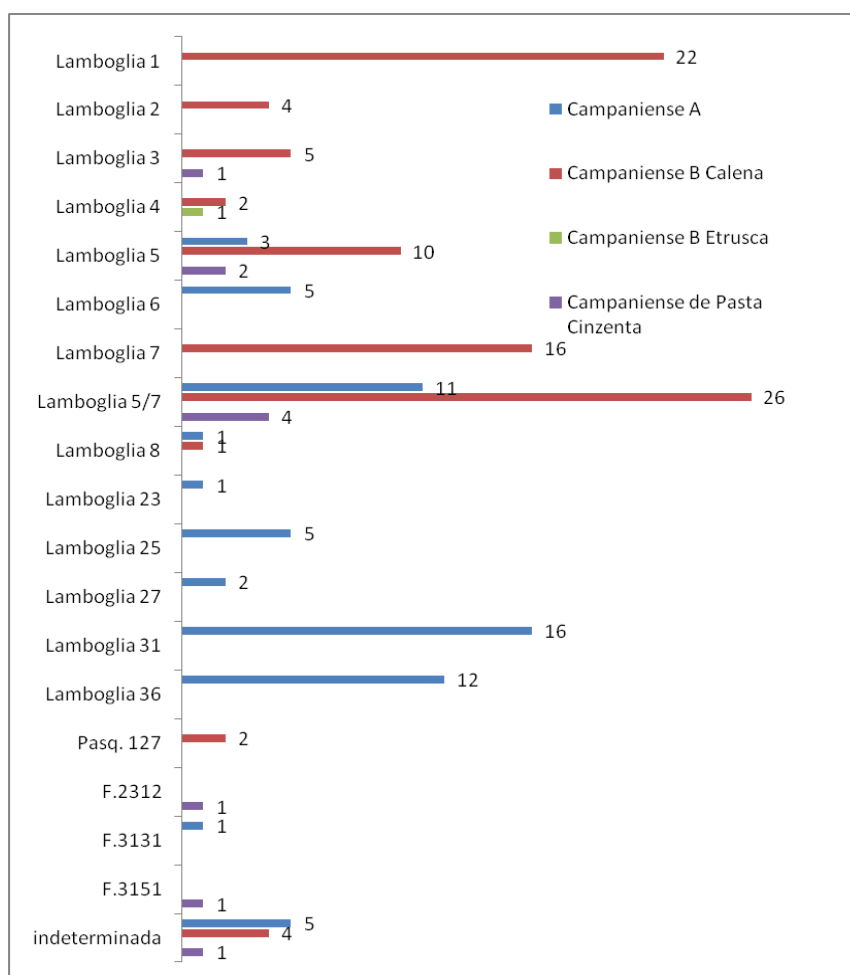


Figura 23: Representação das formas de Cer. Campaniense do Monte Molião (NMI)



#### 4.4. Discussão dos contextos

##### 4.4.1 Sector A

Na vertente Este do Molião, junto à estrada de acesso ao monte, localiza-se o Sector A, a maior das três áreas fruto de intervenção. Somente em 2009 foram, aí, identificados contextos datáveis do período romano republicano. O seu estado de conservação é reduzido, pois estes foram cortados pela construção do estradão nos anos 80 e afectados pelas estruturas das construções de época imperial (ARRUDA, PEREIRA e LOURENÇO, 2009, p.12-13) (**fig. C, anexo**).

Contudo, foram identificadas oito unidades estratigráficas, contendo cerâmica campaniense, inseríveis nesta cronologia, na maioria, relacionadas com um espaço habitacional denominado **compartimento 2** (**fig. C, anexo**). Assim a U.E. [162], um sedimento castanho avermelhado, argiloso e compacto e a U.E. [159], uma argila vermelha alaranjada, rígida e regular que compõe o topo do compartimento 2 republicano, correspondem a estratos de entulhamento, representando o momento de abandono do espaço (**figs. E e F, anexo**).

As U.E.s [159], [165], [172] e [184], todas elas estratos de derrube ou entulhamento, remetem para um aterro rápido, e talvez, repentino, do interior desta área, já que atravessando estes quatro estratos se encontraram recipientes cerâmicos inteiros e *in situ*, por exemplo uma Dressel 1 de produção itálica. Esta realidade pode remeter para o abandono do espaço ou para uma remodelação do mesmo, hipótese que não é fácil de confirmar, devido á afectação destes níveis pela implantação do edificado romano imperial (ARRUDA, PEREIRA E LOURENÇO, 2009, p.13) (**figs. G, H, I e N, anexo**).

Coberta pelas camadas anteriores, a U.E. [197] é composta por pedras calcárias de grande e média dimensão e *tegulae*, colmatadas por um sedimento castanho, correspondendo a um derrube, sob o qual se identificou, efectivamente, um nível de utilização, U.E. [191]. Este, um piso de argila composto por um sedimento castanho esverdeado, regular e compacto, onde foi exumado um conjunto de materiais com um elevado grau de conservação, nomeadamente, cerâmica do tipo *Kuass*, cerâmica campaniense do tipo A, *Kalathos* Ibéricos e uma ânfora Maña C2 Norte Africana (ARRUDA, PEREIRA e LOURENÇO, 2009, p.14) (**figs. J e K, anexo**).

Sob este piso de argila, foi identificado um pavimento de calcário desagregado, U.E.s [194], com uma lareira, [198] e uma zona de forja, [195] que a si poderão estar ligadas. Este estrato parece corresponder ao primeiro momento de instalação em época

romana republicana, já que os níveis seguintes correspondem à II Idade do Ferro (ARRUDA, PEREIRA e LOURENÇO, 2009, p.15).

Os dois pisos, U.E.s [191] e [194], possuem uma relação evidente com as estruturas [208] e [169], que limitam o compartimento 2 a Sudeste e a Noroeste, ambas, juntamente com a estrutura [189], documentam um momento coevo de ocupação do espaço habitacional, podendo fazer parte de um mesmo edifício (ARRUDA, PEREIRA e LOURENÇO, 2009, p.14) (figs. L e M, anexo).

Apesar de grande percentagem da cerâmica campaniense proveniente desta área pertencer a camadas superficiais ou a intrusões em contextos de diferentes épocas, foi possível, nesta última campanha, a sua identificação em níveis estratigráficos selados, com materiais seus contemporâneos, fornecendo-nos uma cronologia coeva.

Dentro das diversas categorias aí presentes, a cerâmica comum corresponde a 51 por cento do número de fragmentos total, representando mais de metade do conjunto.

As três classes de cerâmica campaniense possuem um peso de 21 por cento, seguidas dos recipientes ânforicos. A *Kuass* é o tipo cerâmico com menor representação nos contextos do período republicano, estando a cerâmica de paredes finas ausente. (fig.24).

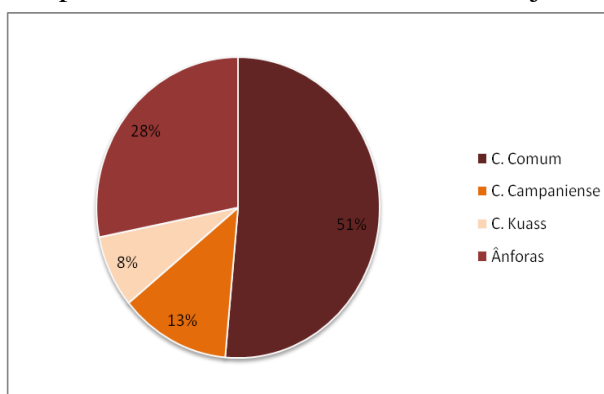


Figura 24: Materiais em contexto com a cerâmica campaniense (NMI)

De um total de 53 fragmentos (NMI) de cerâmica comum, a grande parte, 45, insere-se nas produções de pasta calcária provenientes da área da baía de Cádiz, sendo que apenas oito pertencem a fabricos locais/regionais, aqui a morfologia é diversificada (ARRUDA, LOURENÇO e PEREIRA, 2009, 18).

Nas ânforas, predominam as Dressel 1, utilizadas no transporte do vinho itálico, na sua variante mais típica, havendo contudo alguns exemplares de transição, ainda com semelhanças com o tipo greco-ítálico. Assinala-se ainda a presença do tipo Maña C2, recipientes típicos dos contextos cronológicos do século II a.C. e meados do século I a.C. (ARRUDA, LOURENÇO e PEREIRA, 2009, p.18).

A ânfora Castro Marim 1 possui, também, alguma representatividade dentro destes níveis. Em quantidades menos significativas, estão presentes os tipos Tripolitana





antiga e dois fragmentos de Greco-Itálica (ARRUDA, LOURENÇO e PEREIRA, 2009, 18) (fig.25).

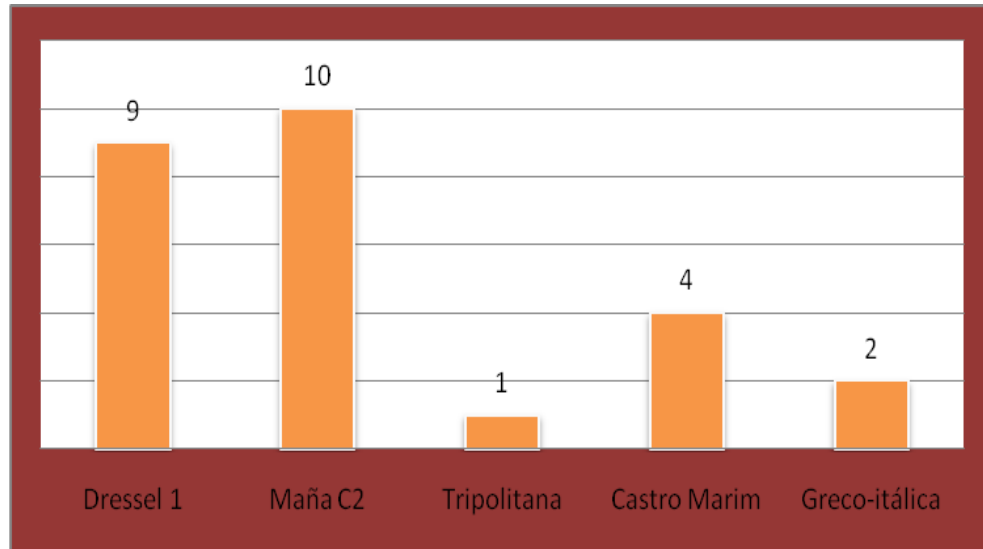


Figura 25: Nº de fragmentos de recipientes ânforicos exumados nos contextos do Sector A (NMI)

No que diz respeito á cerâmica fina que comporia o serviço de mesa desta época, a cerâmica campaniense é dominante, face aos oito fragmentos de *kuass*, cujas formas mais frequentes são, o prato de peixe da forma II e a forma IX de Niveau de Villerdary y Marinas (ARRUDA, LOURENÇO e PEREIRA, 2009, p.18) (fig.26).

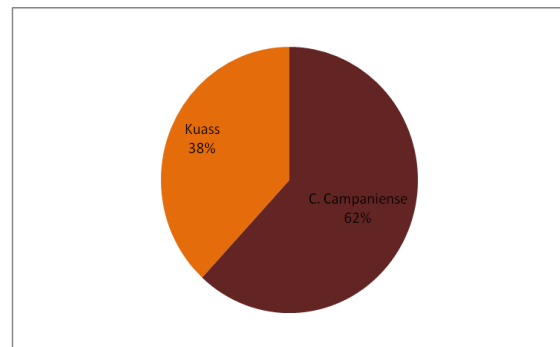


Figura 26: Cer. Fina e de mesa no Sector C do Monte Molião (NMI)

#### 4.4.2 Sector C

É no **Sector C**, localizado na área mais a Sul do Monte Molião, que se encontram conservados grande parte dos níveis estratigráficos de época romana republicana. Contam-se 35 unidades estratigráficas, contendo os fragmentos de cerâmica campaniense, cuja correlação e congruência dos materiais datantes, permitem estabelecer uma cronologia para o início da ocupação em torno do terceiro quartel do século II a.C. (ARRUDA, LOURENÇO, PEREIRA, 2008, p.28) (fig.O e P, anexo).

Na campanha de 2008 puseram-se a descoberto vários compartimentos articulados entre si, orientados no sentido Nordeste/Sudeste e estruturados em torno de uma área exterior (ARRUDA, LOURENÇO, PEREIRA, 2008, p.14 a 16; ARRUDA e PEREIRA, no prelo).

Estas estruturas inserem-se em duas fases distintas de ocupação, temporalmente próximas, definidas a partir da reestruturação e reutilização dos espaços domésticos. A mais recente, e aquela que mais vestígios conserva, foi designada de fase II, distinguindo-se funcionalmente da fase I, a mais antiga do período republicano (ARRUDA, LOURENÇO, PEREIRA, 2008, p.14 a 22; ARRUDA e PEREIRA, no prelo) (**figs. Q e Z, anexo**).

Contam-se 27 exemplares provenientes das camadas superficiais, as U.Es [1100], [1101], estes sem contexto, e de estratos de cronologia romana imperial, [1105] e [1107], contudo relevantes em termos quantitativos e formais na análise geral. As U.E.'s [1112], um sedimento compacto castanho acinzentado e [1132], um sedimento regular acastanhado, correspondem a enchimentos de vala para implantação de estruturas.

Quanto aos restantes níveis, devido à boa conservação dos vestígios deste período, foi possível o seu enquadramento com as estruturas dos ambientes habitacionais existentes no sítio (**fig. H1, anexo**).

Relacionadas com o **compartimento 10**, encontram-se 18 unidades estratigráficas. Os níveis [1260] e [1262], com sedimentos de tonalidade castanha clara, compactos e regulares apontam para um momento de abandono ou remodelação da fase mais tardia da ocupação republicana (fase II) (ARRUDA, LOURENÇO, PEREIRA, 2008, p.16) (**fig. R, anexo**).

A U.E. [1264], um sedimento castanho compacto correspondente a enchimento de fossa, a U.E. [1269], correspondente a um estrato de aterro com posterior utilização enquanto pavimento, de tom castanho alaranjado, com uma composição rígida e compacta (ARRUDA, LOURENÇO, PEREIRA, 2008, p.16) (**fig. S, anexo**), a U.E. [1279], um enchimento de fossa com sedimento de cor castanha, a U.E. [1281], com um sedimento castanho alaranjado, rígido e compacto e a U.E. [1293], sedimento solto de tonalidade castanha alaranjada correspondente a um enchimento de vala, documentam os momentos de construção e utilização do espaço nesta segunda fase da presença romana.



As U.E.s [1285], uma camada argilosa de cor laranja, [1295], um sedimento castanho enegrecido coberto pela U.E. [1297], um sedimento alaranjado, compacto e irregular, [1299], um sedimento de tom alaranjado, compacto e irregular, [1300], um enchimento de vala de cor castanha escura, decomposição compacta e regular e [1337], estrato de argila castanho alaranjado, pertencem já á primeira fase de ocupação em época romana-republicana do Monte Molião posta a descoberto no sector C (**figs. A1 e B1, anexo**).

Estes níveis estratigráficos compõem a fase de abandono do sítio, aliás, registam-se no interior deste compartimento várias formações antrópicas, correspondentes a estratos de derrube, as U.E.s [1298], [1318] e [1323] (ARRUDA, LOURENÇO, PEREIRA, 2008, p.19) (**fig C1, anexo**).

Probatórias da primeira fase de instalação dos contingentes romanos no sítio são as camadas estratigráficas, [1308], um sedimento arenoso e regular de tonalidade castanha, sobre o qual assentava um dormente de calcário destinado à moagem dos metais, [1326], sendo que esta área estaria destinada à actividade metalurgica (ARRUDA e PEREIRA, no prelo). Um sedimento castanho amarelado, compacto e rígido, [1327], um solo arenoso, solto e enegrecido, interpretado como vestígios de lareira, [1329], um sedimento argiloso alaranjado, compacto e regular e a [1392], um estrato de derrube coberto pela U.E. [1308] (**fig. D1, anexo**).

No **compartimento 11** encontramos correlação com a sequência ocupacional do compartimento 10. Aí sob um sedimento castanho alaranjado, U.E. [1261], encontra-se um nível de derrube utilizado posteriormente enquanto piso de utilização, este sedimento pouco compacto e regular, castanho avermelhado, U.E. [1158].

Estes estratos, juntamente com as U.E.'s [1202], composta por um sedimento cinzento acastanhado, regular e compacto, e [1287], uma camada argilosa castanha alaranjada, compacta e regular, constituem a fase II do período republicano, sendo que os estratos [1262] e [1287] atestam o abandono deste compartimento (**figs. T e U, anexo**).

A fase I é aqui documentada através de dois níveis de aterro, a U.E. [1303], um sedimento castanho alaranjado, compacto e ondulado, a U.E. [1354], um sedimento castanho amarelado, compacto e regular e um grande estrato de derrube, [1389] (**figs. E1, F1 e G1, anexo**).

O **compartimento 12** surge de uma remodelação feita na fase II da ocupação, a cerâmica campaniense está presente no seu estrato de abandono, U.E. [1304], um

sedimento castanho claro, compacto e regular, de derrube, U.E. [1325] e no seu possível piso de utilização, U.E. [1346], um sedimento de tom castanho alaranjado, compacto e regular (**figs. V e W, anexo**).

Uma situação cronológica análoga regista-se nas unidades estratigráficas [1273], [1274], ambas estratos de lixeira e [1276], um sedimento bastante vermelho, rígido e regular, que parece corresponder a uma base de lareira, todas assentam directamente sobre os níveis da Idade do Ferro (ARRUDA, PEREIRA e LOURENÇO, 2008, p.17). A sua utilização data da fase mais recente do período republicano, correspondendo à área exterior junto à habitação romana republicana (**figs. X e Y, anexo**).

Quanto aos artefactos exumados nestas U.E.s, todos eles encaixam na cronologia proposta (ARRUDA, PEREIRA e LOURENÇO, 2008, p.16).

Aqui estão representadas várias categorias cerâmicas. A cerâmica comum compõe a maioria da amostra, seguida da cerâmica romana de verniz negro, que perfaz 11 por cento do conjunto e contentores ânforicos. Em menor quantidade, estão também presentes fragmentos de paredes finas, *Kuass*, engobe vermelho pompeiano e cerâmica manual (**fig.27**).

Os fragmentos de produções comuns representam 71 por cento do conjunto total dos materiais dos mesmos depósitos estratigráficos da cerâmica

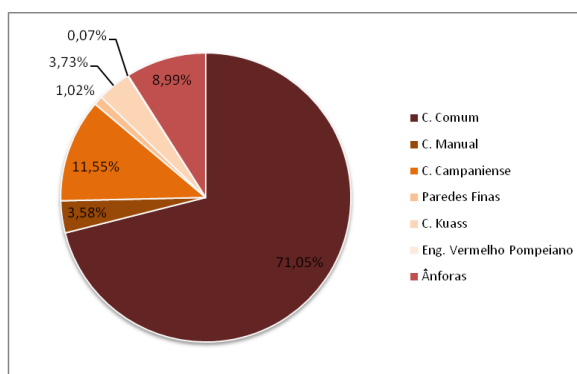


Figura 27: Materiais em contexto com a cerâmica campaniense (NMI)

campaniense do Monte Molião. Havendo 972 exemplares de cerâmica comum, resultado obtido através do NMI, 730 fragmentos são provenientes da Baía de Cádiz, 154 de produções locais e/ou regionais e apenas 8 fragmentos representam as produções comuns itálicas, havendo ainda 80 exemplares de fabrico indeterminado.

No que respeita aos contentores ânforicos, estão presentes variadas formas, todas elas enquadráveis dentro do universo cronológico do século II e I a.C., contudo com a clara predominância de alguns fabricos. Proveniente da Baía de Cádiz, a ânfora do tipo Maña C2 domina no que diz respeito aos contentores transporte de preparados piscícolas para o Monte Molião.

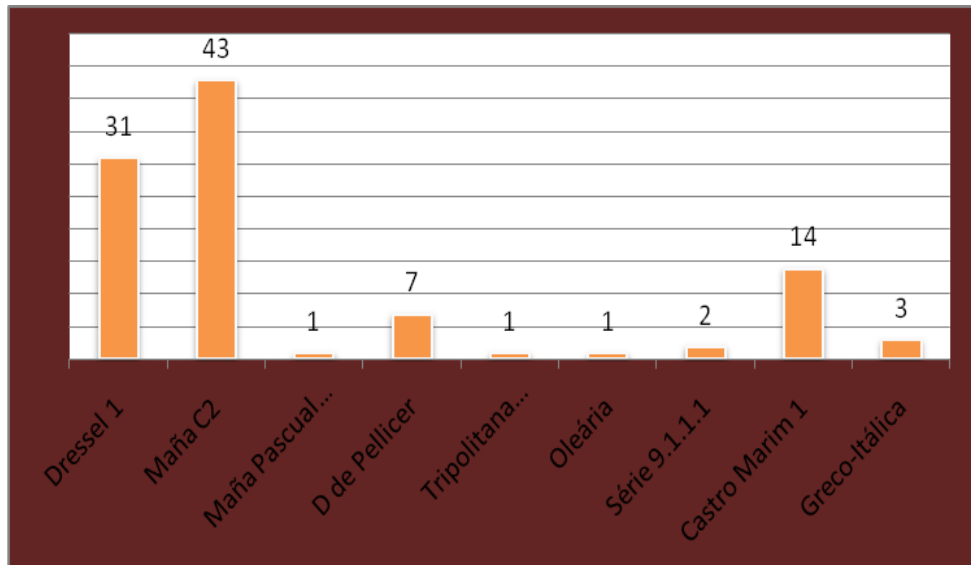


Figura 28: Nº de fragmentos de recipientes ânforicos exumados nos contextos do Sector C(NMI)

Do conjunto das ânforas vinárias, destaca-se a produção de origem Itálica, Dressel 1, representando 31 indivíduos, um valor claramente inferior comparado com o número de indivíduos obtido através da cerâmica campaniense do tipos A e B Calena, considerados os produtos subsidiários dos navios que importavam o seu vinho para o mediterrâneo. Destes recipientes de transporte, destacamos ainda a presença de Castro Marim 1, ainda com um peso relevante no sítio e de três fragmentos de Greco-Itálica antecessora da ânfora Dressel 1 (fig.28).

A par da cerâmica campaniense, nestas unidades encontram-se outras cerâmicas finas e de mesa. O verniz negro encontra-se em predomínio dentro do conjunto, a cerâmica do tipo “Kuass” compõe-se por 51 indivíduos, sendo o segundo maior grupo. Apenas 14 exemplares são representativos da presença da cerâmica de paredes finas

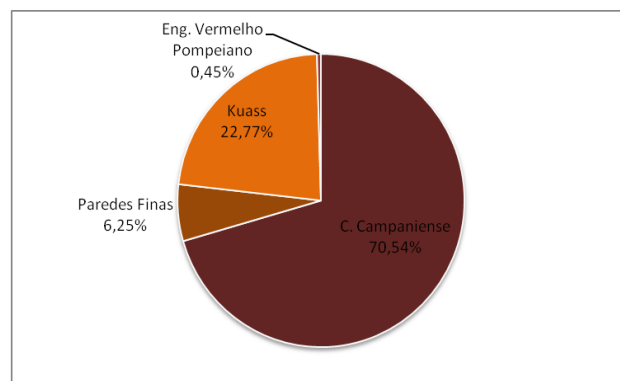


Figura 29: Cer. Fina e de mesa no Sector C do Monte Molião (NMI)

no sítio e os pratos de engobe vermelho pompeiano são raros, contando-se apenas um bordo (fig.29).

A mais antiga fase da ocupação romana apresenta apenas ligeiras diferenças ao nível do espólio quando comparada com a fase II. Os materiais aí presentes são típicos deste período. Nas unidades estratigráficas correspondentes à fase I, as importações de

cerâmica campaniense de tipo A são maioritárias, representando 68 por cento face aos 32 por cento da produção calena, os tipos etrusco e de pasta cinzenta são inexistentes.

Nos contentores ânforicos, os tipos Dressel 1 itálico, grande maioria dentro da variante A e Maña C2 gaditano constituem os conjuntos mais significativos do sítio. Ao nível do consumo à mesa, a cerâmica do tipo Kuass, nesta fase, é preferida, sob as formas II e V de Niveau de Villedary y Mariñas e a cerâmica de paredes finas pouco representativa (ARRUDA, LOURENÇO, PEREIRA, 2008, p.26; ARRUDA e PEREIRA, no prelo). Obviamente, a cerâmica comum é a categoria com maior expressividade do conjunto, grande parte desta proveniente da Baía de Cádiz (**fig.30**).

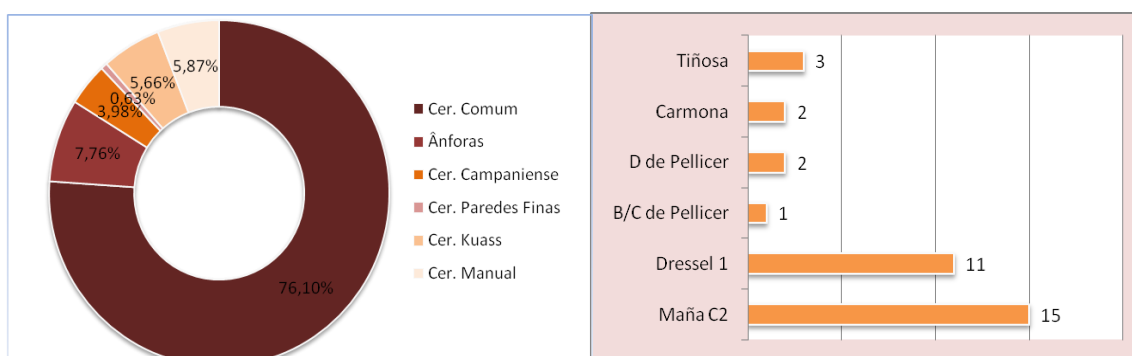


Figura 30: Materiais dos contextos da fase I da Ocupação romana republicana do Sector C (NMI)

Nos contextos da fase II da ocupação romana republicana os materiais que lhe estão associados são característicos dos contextos tardo republicanos e representam uma cronologia coeva. Aqui, juntamente com a cerâmica campaniense dos tipos A, B Etrusca, B Calena e de pasta cinzenta, um total de 28 indivíduos, a maioria originária de Cales, encontramos um conjunto de ânforas considerável, do qual destacamos os tipos Dressel 1, de produção itálica, agora na sua variante B, Maña C2 e Castro Marim 1 gaditanas, cerâmica do tipo Kuass e cerâmica de paredes finas, nomeadamente, as formas III e VIII de Mayet (ARRUDA, LOURENÇO, PEREIRA, 2008, p.26; ARRUDA e PEREIRA, no prelo). Nas produções comuns continuam a destacar-se os fabricos da Baía de Cádiz (**fig.31**).

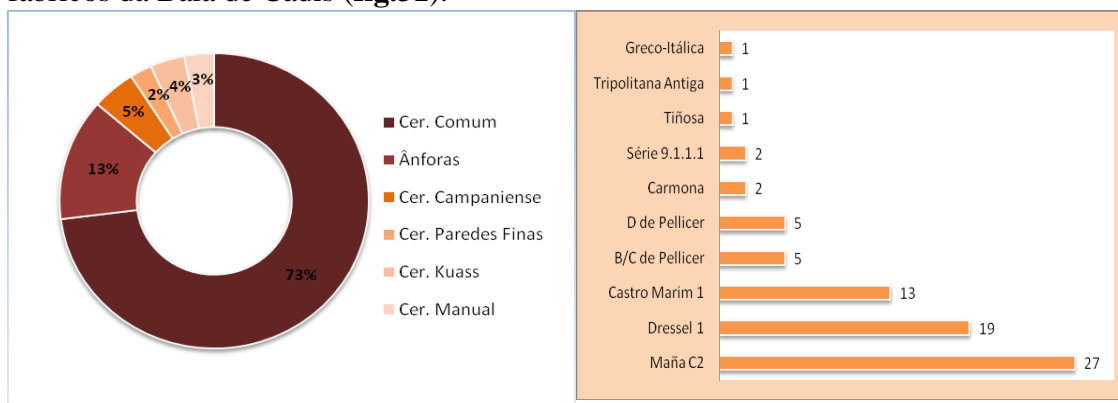


Figura 31: Materiais dos contextos da fase II da Ocupação romana republicana do Sector C (NMI)



#### 4.5 Síntese das conclusões

O conjunto de cerâmica campaniense do Monte Molião, após a leitura de todos os dados, é inserível no quadro das importações cerâmicas durante o período romano republicano para o actual território algarvio. No sítio, a presença das formas 5, 25, 27Ba, 31, 36 de Lamboglia e F3131 da classe A, revela que a chegada dos produtos de verniz negro já se fazia em torno do último quartel do século II a.C., início do I a.C., sendo elas formas típicas da fase clássica da cerâmica campaniense deste tipo (ADROHER AUROUX, LÓPEZ MARCOS, 1996, p.14).

A chegada desta cerâmica ao sítio, continua por todo o século I a.C., fase em que se dá um incremento das importações, coexistindo as produções tardias de Nápoles com as formas de campaniense B oriundas de Cales. Neste contexto temos as formas 1, 5/7, 6 e 8B de Lamboglia pertencentes a ambas as classes.

A par destes dois fabricos, nesse mesmo século, a cerâmica campaniense de pasta cinzenta produzida no Guadalquivir tem, também, alguma representação dentro do universo das cerâmicas de verniz negro do Monte Molião, sob as formas 3, 5 e 5/7 de Lamboglia.

Acerca das datações dos contextos nos sectores intervencionados, não resulta fácil uma obtenção de diferentes cronologias, pois referimo-nos a momentos de ocupação muito próximos entre si. Contudo, existem evidências que nos permitem engendrar momentos distintos de ocupação nestas áreas, através da leitura estratigráfica dos espaços habitacionais e da sua associação às diferentes fases de produção e importação da cerâmica campaniense, sem esquecer o material dos contextos que a acompanha.

Assim, nos níveis romano-republicanos conservados no sector A, a cerâmica campaniense do tipo A encontra-se em maioria face ao tipo B caleno, que corresponde a cerca de um terço das produções de verniz negro,

contando-se apenas seis indivíduos (fig.32). Formalmente, esta integra-se

nas fases de produção clássica e tardia, com a presença das formas 5 (nº3), 25 (nº21),

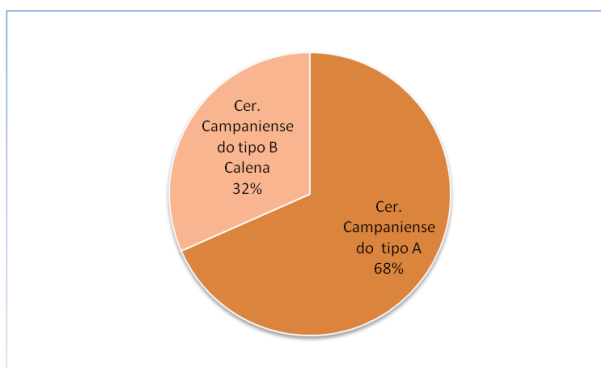


Figura 32: Cerâmica campaniense em contexto no sector A (NMI)

31 (**nº38 e 39**) e 36 (**nº45 e 48**) de Lamboglia. Descontextualizados, mas remetendo para uma mesma data, existem dois fragmentos das formas 23 (**nº19**) e 27c (**nº41**) de Lamboglia. Os **nº38 e 48** apresentam evidências de pintura, em bandas, a branco, o que constitui um indício da fase mais tardia do fabrico das peças desta classe.

Referimos que, os materiais aqui enumerados, com excepção dos **nº19 e 41**, foram exumados entre as U.E.'s [150] e [194], na sua maioria estratos de entulhamento no interior do compartimento 2, que se formaram num curto espaço de tempo, encontrando-se recipientes cerâmicos inteiros, *in situ*, a atravessar estes níveis (ARRUDA, LOURENÇO e PEREIRA, 2009, p.13).

O mais antigo momento de ocupação desta área, corresponde à fundação e construção das estruturas [208] e [169], relacionadas com o pavimento [191], sobre este, nas unidades de aterro, encontraram-se um fragmento da forma 25 de Lamboglia (**nº21**) de Campaniense A, ânforas do tipo Maña C2 gaditana, B/C de Pellicer e Dressel 1 de transição, *Kalathos* Ibéricos, e cerâmica *Kuass*, nas suas formas mais antigas, os pratos de peixe da forma II e as taças da forma IX de Niveau de Villerdary y Marinas (ARRUDA, LOURENÇO E PEREIRA, 2009, p.17).

A um momento ligeiramente mais recente, já relacionado com as estruturas [169] e [186], identificaram-se vários níveis de aterro e entulhamento, provavelmente relacionados com a remodelação rápida do espaço. Aí exumaram-se fragmentos de cerâmica campaniense A, das formas 5 (**nº3**), 31 (**nº38**) e 36 (**nº48**) de Lamboglia, de produção tardia, B calena, formas 1 de Lamboglia e Pasta Cinzenta, da forma 5/7 de Lamboglia (**nº151**), ânforas dos tipos Dressel 1, Maña C2, Castro Marim 1, Classe 67, e alguns fragmentos de paredes finas.

Através da observação destes contextos concluímos que a cerâmica campaniense do tipo A está claramente em maioria comparativamente às outras classes, que têm uma presença residual. Contudo, se olharmos para a totalidade dos fragmentos de verniz negro identificados fora dos seus níveis primários de deposição, a campaniense B calena conhece uma maior representação. Esta aparece-nos sob uma grande diversidade de formas, 1 (**nº 107, 117, 119 e 121**), 2 (**nº 129**), 3 (**nº 130**), 5/7 (**nº 84, 88, 91, 93, 101, 105 e 106**) e 7 (**nº 65, 66 e 92**) de Lamboglia, passíveis de se inserir nas produções da fase média e tardia de Cales (PEDRONI, 2001, p.269 a 275).

Indício que nos leva a crer que, tal como no sector C, onde estas formas se encontram contextualizadas, na vertente Este do Monte, os fabricos calenos de verniz negro tiveram o seu peso nas importações para o sítio durante todo o século I a.C.





Contudo, os contextos dessa data, no Sector A, foram afectados pela construção das estruturas do período romano imperial, sendo truncados pelas valas de fundação dos novos edifícios e pela implantação de silos. Assim como, os trabalhos de escavação das máquinas para a construção da estrada do Monte Molião, em meados do século XX, destruíram significativamente os estratos arqueológicos desta área, fazendo com que grande parte dos fragmentos pertencentes a esta classe nos apareça, somente, como material intrusivo.

No sector C, a ocupação republicana conhece uma maior expressão, pois as U.E.'s pertencentes a este período encontram-se bem conservadas, não tendo sido afectadas pelas reformulações posteriores. Assim, no que respeita à cerâmica campaniense identificada na fase

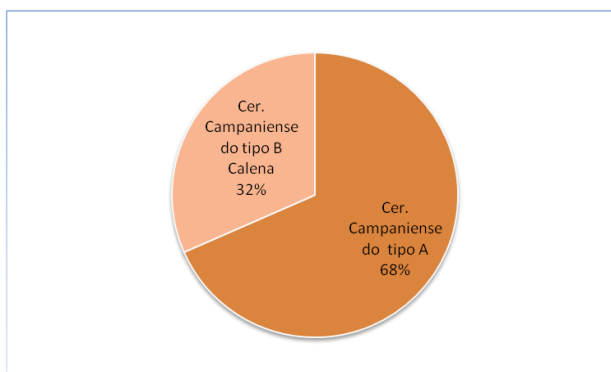


Figura 33: Cerâmica campaniense em contexto, na fase I do sector C(NMI)

mais antiga de utilização do espaço nesta época, tal como no sector A, as produções da classe A dominam, estando a cerâmica campaniense B calena em segundo plano e a cerâmica campaniense de pasta cinzenta sem qualquer representação (**fig.33**).

Morfologicamente, estão presentes as formas importadas durante o período clássico de ambas as classes aí representadas, permitindo-nos enquadrar o conjunto entre finais do século II a.C. e o primeiro quartel do século I a.C. Foram exumadas nos níveis de época republicana as formas 6 (nº12, 13 e 15), 5 (nº1 e 2), 5/7 (nº5, 6, 7 e 10), 27Ba (nº25), 31 (nº26, 29, 31, 35, 36 e 40), 36 (nº43 e 49) de Lamboglia e um bojo da forma 3131 de Morel (nº 54) de cerâmica campaniense do tipo A e as formas 1 (nº113), 3 (nº132) e 5/7 (nº71, 76, 94, 95 e 96) de cerâmica campaniense do tipo B caleno.

Corroborando esta datação, aparecem associados às cerâmicas de verniz negro, os contentores ânforicos do tipo greco-italico, Dressel 1 itálicas e Manã C2, quer de produção gaditana, quer Norte africana, cerâmica do tipo *Kuass* e paredes finas.

Na fase mais recente de ocupação republicana do Monte Molião, verificamos um decréscimo da presença da cerâmica campaniense A e o grande predomínio dos fabricos de verniz negro de Cales (**fig.34**). Neste período, o conjunto enquadra-se nas produções tardias, sob grande diversidade de formas 6 (nº17), 5/7 (nº64), 8B (nº18), 25 (nº20 e 22), 31 (nº30 e 34) e 36 (nº51 e 50) de Lamboglia, no que respeita às produções de

Classe A e 1 (nº108, 109, 110,111, 112, 118, 123 e 125), 2 (nº126), 3 (nº131), 4 (nº136) e 5/7 (nº 61, 62, 63, 67, 73, 74, 79, 80, 89, 90 e 102), de Lamboglia importadas de Cales.

Nos mesmos contextos que estes materiais, encontramos as produções itálicas de Dressel 1, as ânforas do tipo Maña C2 e o tipo Castro Marim 1 da Baía de Cádiz. E ainda as formas de *Kuass* e Paredes Finas típicas de meados do século I a.C.

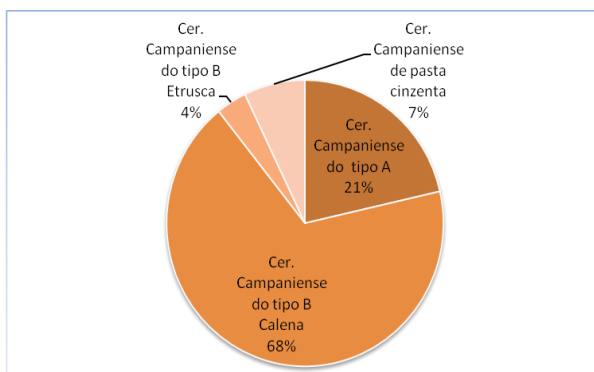


Figura 34: Cerâmica campaniense em contexto, na fase II do sector C(NMI)

Conciliando os dados retirados do estudo da cerâmica campaniense do

Monte Molião, observamos uma ocupação coeva do espaço em época romana. Em ambos os sectores, encontramos uma implantação das populações itálicas em finais do século II a.C., verificando-se a utilização de novas técnicas construtivas sobre os níveis datados da II Idade do Ferro (ARRUDA, LOURENÇO e PEREIRA, 2009, p.14; ARRUDA e PEREIRA, no prelo).

Os recipientes de verniz negro aí presentes são típicos destes contextos cronológicos. Sendo que, numa primeira fase de ocupação, a cerâmica campaniense do tipo A domina as importações, estando presentes, sobretudo, as formas 5, 5/7, 31 e 36 de Lamboglia. Perdendo, progressivamente, a preferência para as formas 1, 3 e 5/7 de Lamboglia, produzidas em cerâmica campaniense do tipo B caleno, já durante o século I a.C., quando, também a cerâmica campaniense de pasta cinzenta possui alguma representação no sítio (nº146, 149 e 152).

Estas classes cerâmicas integram a grande parte dos produtos itálicos presentes nos Molião, já que a cerâmica comum e a cerâmica de Paredes Finas constituem uma pequena percentagem, assim como, a ânfora Dressel 1, cuja presença no sítio, se compõe apenas de 40 indivíduos, um número bastante inferior á totalidade da cerâmica campaniense, contrariando, assim, a ideia de que, estas produções ocupariam um papel secundário e subsidiário nos navios que transportavam o vinho itálico, nestes recipientes ânforicos, para a bacia do Mediterrâneo neste período (VIEGAS, 2009, p.500 *apud* BENOIT, 1961).



O conjunto de cerâmica campaniense do Monte Molião, em ambas as fases da república, é homogêneo, em termos morfológicos, constituindo-se das formas mais difundidas de cada classe desta produção, à semelhança com o que acontecia no Mediterrâneo durante a implantação da romanidade.

É, ainda, importante referir que estes dados são concordantes com a informação obtida na área intervencionada, em 2005, no sopé do monte, pela empresa Palimpsesto, no âmbito de trabalhos de acompanhamento. Identificando-se, num nível de aterro, as formas de campaniense A, 27, 28, 31 e 36 de Lamboglia. A presença destes fragmentos, em conjunto com as ânforas do tipo Maña C2, Dressel 1-A, Castro Marim 1 e Tripolitana Antiga, as formas de produção tardia da cerâmica do tipo *Kuass*, assim como uma quantidade residual de cerâmica do tipo Paredes finas e *Kalathos* Ibéricos, possibilita, à semelhança das duas áreas já referidas, uma datação deste aterro, em torno de finais do século II a.C. até meados do século I a.C. (SERRA e SOUSA, 2005, p.16 a 21)

#### 4.6 Catálogo

- 1 - Mola 08 C[1297] 11560 -Lamboglia 5/7/F 2250-2252 – Fragmento de bordo de prato plano, de bordo esvazado e vertical, de cor rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 32 cm.
- 2 - Mola 08 C[1299] 11950 - Lamboglia 5\ F 2250-2252 – Fragmento de bordo de prato com fundo plano, de bordo esvazado e vertical, de cor rosada ( 2,5 YR 6/6). Verniz negro com reflexos metálicos, apresentando desgaste. Diâmetro 28 cm.
- 3 – Mola09 A[184] 21271 – Lamboglia 5\7 F 2250-2252 – Fragmento de bordo de prato com fundo plano, de bordo esvasado e vertical. Verniz negro metalizado, apresentando desgaste. Diâmetro 20 cm.
- 4 - Mola 08 C[1287] 11263 - Lamboglia 5\7 \F 2250-2252 – Fragmento de bordo de prato plano, de bordo esvazado e vertical, de cor rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 30 cm.
- 5 - Mola 08 C[1297] 11562 - Lamboglia 5\7 \F 2250-2252 – Fragmento de bordo de prato plano, de bordo esvazado e vertical, de cor rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 22 cm.

- 6-** Mola 08 C[1299] 11748 - Lamboglia 5-7\F 2264-2265 – Fragmento de fundo de prato plano, pé em forma de anel, com finas incisões radiais na sua superfície. Pasta rosa acastanhada( 2,5 YR 6/8). Diâmetro 8 cm.
- 7 -** Mola 08 C[1299] 11966 - Lamboglia 5/7/F 2264-2265 - Fragmento de fundo de prato plano, pé em forma de anel, com finas incisões radiais na sua superfície e duas pequenas caneluras na zona exterior do pé. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 5 cm.
- 8 -** Mola 08 C[1226] 10061 - Lamboglia 5-7\F 2264-2265 - Fragmento de fundo de prato plano, pé em forma de anel, com finas incisões radiais, decoradas com guilhoché fino, na sua superfície e duas pequenas caneluras na zona exterior do pé. Pasta rosada( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 5 cm.
- 9 -** Mola 08 C[1269] 11437 - Lamboglia 5-7\F 2264-2265 - Fragmento de fundo de prato plano, pé em forma de anel, com finas incisões radiais na sua superfície e duas pequenas caneluras na zona exterior do pé. Pasta rosa acastanhada( 2,5 YR 6/8). Diâmetro 6 cm.
- 10 -** Mola 08 C[1285] 12082 - Lamboglia 5/7/F 2264-2265 - Fragmento de fundo de prato plano, pé em forma de anel, com finas incisões radiais na sua superfície e duas pequenas caneluras na zona exterior do pé. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 5 cm.
- 11 -** Mola 08 C[1304] 14805 - Lamboglia 5/7/F 2264-2265 - Fragmento de fundo de prato plano, pé em forma de anel, com finas incisões radiais na sua superfície e duas pequenas caneluras na zona exterior do pé. Pasta rosada( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 5 cm.
- 12 –** Mola 08 C[1281] 11009 - Lamboglia 6\F 1430-40 – Fragmento de prato de bordo moldurado, muito esvasado e horizontal. Apresenta um pequeno sulco na parede exterior. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 24 cm.
- 13 –** Mola 08 C[1281] 11008 - Lamboglia 6\F 1430-40 – Fragmento de prato de bordo moldurado, muito esvasado e horizontal. Apresenta um pequeno sulco na parede exterior. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 20 cm.
- 14 –** Mola 08 C[1100] 10368 - Lamboglia 6\F 1430-40 – Fragmento de prato de bordo moldurado, muito esvasado e horizontal. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 21 cm.



**15** – Mola 08 C[1308] 13736 - Lamboglia 6\F 1430-40 – Fragmento de prato de bordo moldurado, muito esvasado e horizontal. Apresenta um pequeno sulco na parede exterior. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 18 cm.

**16** - Mola 08 A[28] 8800 - Lamboglia 6\F 1430-40 – Fragmento de prato de bordo horizontal. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 15 cm.

**17** - Mola 08 C[1346] 18133 - Lamboglia 6\F 1430-40 – Fragmento de prato de bordo moldurado, muito esvasado e horizontal. Apresenta um pequeno sulco na parede exterior, e ligeiras incisões de forma radial. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 13 cm.

**18** - Mola 08 C[1287] 11264 - Lamboglia 8B – Fragmento de fundo de grande taça, forma aberta, com pé em forma de anel. Apresenta dois círculos incisos no fundo interior, e ligeiras caneluras no pé. Pasta rosada (2,5 YR 6/6). Diâmetro 7 cm.

**19** – Mola 09 A[127] 18394 – Lamboglia 23 – Fragmento de fundo de prato. Grande sulco no fundo interior. Pé em forma de anel. Pasta rosada (2,5 YR 6/6). Diâmetro 6 cm.

**20** - Mola 08 C[1269] 11426 - Lamboglia 25 – Fragmento de pequena taça, com parede ligeiramente esvasada e pé em forma de anel. Pasta rosa acastanhada( 2,5 YR 6/8). Diâmetro do bordo 10 cm, do fundo 5 cm.

**21** - Mola 09 A[197] 19098 – Lamboglia 25 – Fragmento de bordo de pequena taça, parede côncava e ligeiramente esvasada. Pasta rosada (2,5 YR 6/6). Diâmetro 12 cm.

**22** – Mola 08 C[1272] 12202 - Lamboglia 25 – Fragmento de bordo, com parede ligeiramente esvasada. Pasta rosa acastanhada( 2,5 YR 6/8). Diâmetro 12 cm.

**23** – Mola 08 C[1105] 14357 - Lamboglia 25 – Fragmento de bordo, com parede ligeiramente esvasada. Pasta rosa acastanhada( 2,5 YR 6/8). Diâmetro 10 cm.

**24** - Mola 08 C[1105] 14558 - Lamboglia 25 – Fragmento de bordo, com parede ligeiramente esvasada. Pasta rosa acastanhada( 2,5 YR 6/8). Diâmetro 9 cm.

**25** – Mola 08 C[1285] 12080 - Lamboglia 27/F 2820 – Fragmento de bordo de grande taça, forma aberta. Pasta rosada (2,5 YR 6/6). Diâmetro 22 cm.

- 26** - Mola 08 C[1285] 12081 - Lamboglia 31/F2960 – Fragmento de taça de bordo vertical e ligeiramente esvasado para o exterior. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 22 cm.
- 27** – Mola 08 C[1259] 11446 - Lamboglia 31/F2960 – Fragmento de taça de bordo vertical e ligeiramente esvasado para o exterior. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 22 cm.
- 28** – Mola 08 C[1300] 12694 - Lamboglia 31/F2960 – Fragmento de taça de bordo vertical e ligeiramente esvasado para o exterior, com ligeira canelura na parede exterior junto ao bordo. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 19 cm.
- 29** – Mola 08 C[1297] 11563 - Lamboglia 31 /F2960– Fragmento de taça de bordo vertical e ligeiramente esvasado para o exterior, com duas bandas pintadas a branco no interior. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 18 cm.
- 30** – Mola 08 C[1112] 11144 - Lamboglia 31/F2960 – Fragmento de taça de bordo vertical e ligeiramente esvasado para o exterior, com uma banda pintada a branco no interior. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 17 cm.
- 31** – Mola 08 C[1299] 11947 - Lamboglia 31/F2960 – Fragmento de taça de bordo vertical e ligeiramente esvasado para o exterior, com uma banda pintada a branco no interior e dois sulcos a meio da parede exterior. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 14 cm.
- 32** – Mola 07 A[37] 8945 - Lamboglia 31/F2960 – Fragmento de taça de bordo vertical e ligeiramente esvasado para o exterior. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 15 cm.
- 33** – Mola 07 C[1172] 5427 - Lamboglia 31/F2960 – Fragmento de taça de bordo vertical e ligeiramente esvasado para o exterior. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 16 cm.
- 34** – Mola 08 C[1279] 14607 - Lamboglia 31/F2960 – Fragmento de taça de bordo vertical e ligeiramente esvasado para o exterior. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 14 cm.



**35** – Mola 08 C[1308] 13738 - Lamboglia 31/F2960 – Fragmento de taça de bordo vertical e ligeiramente esvasado para o exterior. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 12 cm.

**36** - Mola 08 C[1308] 13737 - Lamboglia 31 /F2960– Fragmento de taça de bordo vertical e ligeiramente esvasado para o exterior. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 12 cm.

**37** - Mola 09 A[111] 21405 - Lamboglia 31 /F2960– Fragmento de taça de bordo vertical e ligeiramente esvasado para o exterior. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6) verniz negro muito desgastado com reflexos metálicos. Diâmetro 14 cm.

**38** - Mola 09 A[184] 21272 - Lamboglia 31 /F2960– Fragmento de taça de bordo vertical e ligeiramente esvasado para o exterior. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6) verniz negro muito desgastado com reflexos metálicos. Uma banda pintada a branco no interior, junto ao bordo. Diâmetro 18 cm.

**39** - Mola 09 A[184] 21273 - Lamboglia 31 /F2960– Fragmento de taça de bordo vertical e ligeiramente esvasado para o exterior. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6) verniz negro muito desgastado com reflexos metálicos. Diâmetro 14 cm.

**40** - Mola 08 C[1392] 12764 - Lamboglia 31/F2960 – Fragmento de fundo de taça, esvasado para o exterior, superfície interior côncava. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 5 cm.

**41** - Mola 09 A[85] 19962 - Lamboglia 27c – Fragmento de bordo de taça, esvasado para o exterior, carena demarcada na superfície exterior. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 17 cm.

**42** - Mola 08 C[1251] 11007 - Lamboglia 36\F1312 – Fragmento de prato, bordo horizontal, ligeiramente esvasado, apresenta pequena elevação na ligação do interior da parede com o bordo. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 26 cm.

**43** - Mola 08 C[1389] 11116 - Lamboglia 36\F1312 – Fragmento de prato, bordo horizontal, peça esvasada. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 20 cm.

- 44** – Mola 08 C[1100] 10367 - Lamboglia 36\F1312 – Fragmento de prato, bordo horizontal, peça esvasada. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 20 cm.
- 45** – Mola 09 A[165] 18700 – Lamboglia 36\F1312 – Fragmento de prato, bordo horizontal, peça esvasada, pequeno ressalto abaixo do bordo. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 20 cm.
- 46** – Mola 09 A[113] 21703 – Lamboglia 36\F1312 – Fragmento de prato, bordo horizontal pendente, peça esvasada, pequeno sulco junto no interior. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 29 cm.
- 47** – Mola 09 A[111] 21405 – Lamboglia 36\F1312 – Fragmento de prato, bordo horizontal pendente, peça esvasada, pequeno sulco junto no interior. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 25 cm.
- 48** - Mola 09 A[162] 19142 – Lamboglia 36\F1312 – Fragmento de prato, bordo horizontal, peça esvasada, banda pintada a branco no interior. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 20 cm.
- 49** - Mola 08 C[1299] 11944 - Lamboglia 36\F1312 – Fragmento de prato, fundo em forma de anel, peça esvasada. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 6 cm.
- 50** - Mola 08 C[1269] 11435 - Lamboglia 36\F 1312 – Fragmento de prato, com fundo ligeiramente concavo, pé em anel. Pequena canelura na zona exterior do pé. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 5 cm.
- 51** - Mola 08 C[1260] 14391 - Lamboglia 36\F 1312 – Fragmento de prato, com fundo ligeiramente concavo, pé em anel. Apresenta uma pequena incisão radial na superfície e uma estampilha em forma de palmeta. Pequenas caneluras na zona exterior do pé. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 5 cm.
- 52** – Mola 08 C[1269] 11670 - Lamboglia 36\F 1312 – Fragmento de prato, com fundo ligeiramente concavo, pé em anel. Pequena canelura na zona exterior do pé. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 6 cm.





**53** – Mola 08 C[1105] 14360 - Lamboglia 36\F 1312 – Fragmento de prato, com fundo ligeiramente concavo, pé em anel. Pequenas caneluras na zona exterior do pé. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 5 cm.

**54** - Mola 08 C[1329] 12406 - Lamboglia 48A\F 3131 – Fragmento de bojo ligeiramente abobadado, com arranque de asa bífida. Pasta rosada ( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 9 cm.

**55** – Mola 09 A[172] 18771 – Lamboglia 5/7, F 2250-2252 - Fragmento de fundo de prato plano, pé em forma de anel. Três círculos concêntricos incisos no fundo interior, estampilha redonda no centro. Pasta rosada( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 7cm.

**56** – Mola 09 A[184] 21275 - indeterminado - Fragmento de fundo, pé em forma de anel, dois círculos concêntricos incisos no fundo interior. Grafito no fundo exterior, sem leitura. Pasta rosada( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 5m.

**57** - Mola 09 A[184] 21274 - indeterminado - Fragmento de fundo, pé em forma de anel, círculo inciso no interior. Pasta rosada( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 6m.

**58** - Mola 08 C[1297] 11564 - indeterminado - Fragmento de fundo de prato plano, pé em forma de anel, com uma pequena canelura na zona exterior do pé. Pasta rosada( 2,5 YR 6/6). Diâmetro 5m.

**59** - Mola 07 C[1222] 1007 - indeterminado - Fragmento de fundo de prato plano, pé em forma de anel. Pasta rosa acastanhada( 2,5 YR 6/8). Diâmetro 6 cm.

**60** – Mola07 C[1101] 6689 – Lamboglia 7\F 2270 – Fragmento de bordo de prato, com o bordo vertical. Início de inflexão bem marcada entre a parede o fundo. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 30 cm.

**61** – Mola08 C[1273] 14475 – Lamboglia 7\F 2270 – Fragmento de bordo de prato, com o bordo vertical. Início de inflexão bem marcada entre a parede o fundo. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 32 cm.

**62** – Mola08 C[1273] 14476 – Lamboglia 7\F 2270 – Fragmento de bordo de prato, com o bordo vertical. Início de inflexão bem marcada entre a parede o fundo. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 26 cm.

**63** – Mola08 C[1260] 14400 – Lamboglia 7\F 2270 – Fragmento de bordo de prato, com o bordo vertical. Início de inflexão bem marcada entre a parede o fundo. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 24 cm.

**64** – Mola07 C[1140] 4238 – Lamboglia 7\F 2270 – Fragmento de bordo de prato, com o bordo vertical. Início de inflexão bem marcada entre a parede o fundo. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 26 cm.

**65** – Mola06 A[?] 1661 – Lamboglia 7\F 2270 – Fragmento de bordo de prato, com o bordo vertical. Início de inflexão bem marcada entre a parede o fundo. Pasta bege (7,5 YR 8/6).

**66** – Mola07 A[28] 8062 – Lamboglia 7\F 2270 – Fragmento de bordo de prato, com o bordo vertical. Início de inflexão bem marcada entre a parede o fundo. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 24 cm.

**67** – Mola08 C[1260] 14399 – Lamboglia 7\F 2270 – Fragmento de bordo de prato, com o bordo vertical. Início de inflexão bem marcada entre a parede o fundo. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 21 cm.

**68** – Mola08 C[1264] 12655 – Lamboglia 7\F 2270 – Fragmento de bordo de prato, com o bordo vertical. Início de inflexão bem marcada entre a parede o fundo. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 20 cm.

**69** – Mola07 C[1140] 4237 – Lamboglia 7\F 2270 – Fragmento de bordo de prato, com o bordo vertical. Início de inflexão bem marcada entre a parede o fundo. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 29 cm.

**70** – Mola08 C[1279] 14609 - Lamboglia 5-7\F 2250 - Fragmento de bordo vertical de prato, com inflexão para a parede. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 20cm.

**71** – Mola08 C[1308] 13740 - Lamboglia 5-7\F 2250 - Fragmento de bordo vertical de prato, com inflexão para a parede. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 22cm.

**72** – Mola08 C[1100] 10369 - Lamboglia 5-7\F 2250 - Fragmento de bordo vertical de prato, com inflexão para a parede. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 20cm.



**73** - Mola08 C[1260] 14397 - Lamboglia 7\F 2270 – Fragmento de bordo de prato, com o bordo vertical. Inflexão bem marcada entre a parede o fundo. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 23 cm.

**74** – Mola08 C[1262] 12199 - Lamboglia 5-7\F 2250 - Fragmento de bordo vertical de prato, com inflexão para a parede. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 20cm.

**75** – Mola08 C[1101] 10807 - Lamboglia 5-7\F 2250 - Fragmento de bordo vertical de prato, com inflexão para a parede. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 20cm.

**76** – Mola08 C[1308] 13741 - Lamboglia 5-7\F 2250 - Fragmento de bordo vertical de prato, com inflexão para a parede. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 22cm.

**77** – Mola08 C[1264] 11445 - Lamboglia 5-7\F 2250 - Fragmento de bordo vertical de prato, com inflexão para a parede. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 18cm.

**78** – Mola08 C[1101] 9262 - Lamboglia 5-7\F 2250 - Fragmento de bordo vertical de prato, com inflexão para a parede. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 13cm.

**79** – Mola08 C[1293] 14148 - Lamboglia 5-7\F 2250 - Fragmento de bordo vertical de prato, com inflexão para a parede. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 18cm.

**80** – Mola08 C[1262] 12203 - Lamboglia 5-7\F 2250 - Fragmento de bordo vertical de prato, com inflexão para a parede. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 16 cm.

**81** – Mola08 C[1101] 10814 - Lamboglia 5\F 2252 - Fragmento de bordo de prato com fundo plano e bordo vertical. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 18 cm.

**82** – Mola07 C[1141] 3793 - Lamboglia 5/7\F 2250 - Fragmento de bordo vertical de prato, com inflexão para a parede. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 18cm.

**83** - Mola08 C[1297] 11566 - Lamboglia 5\F 2252 - Fragmento de bordo de prato com fundo plano e bordo vertical. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 20 cm.

**84** - Mola08 A[31] 7944 - Lamboglia 5/7\F 2250 - Fragmento de bordo de prato com fundo plano e bordo vertical. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 16 cm.

**85** - Mola08 C[1083] 11812 - Lamboglia 5-7\F 2250 - Fragmento de bordo vertical de prato, com inflexão para a parede. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 18cm.

- 86** – Mola08 C[1297] 11560 - Lamboglia 5-7\F 2250 - Fragmento de bordo vertical de prato, com inflexão para a parede. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 32cm.
- 87** – Mola07 C[1101] 10810 - Lamboglia 5-7\F 2250 - Fragmento de bordo vertical de prato, com inflexão para a parede. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 28cm.
- 88** – Mola06 A[27] 6945 - Lamboglia 5-7\F 2250 - Fragmento de bordo vertical de prato, com inflexão para a parede. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 20cm.
- 89** – Mola08 C[1262] 12201 - Lamboglia 5-7\F 2250 - Fragmento de bordo vertical de prato, com inflexão para a parede. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 18cm.
- 90** – Mola08 C[1269] 11444 - Lamboglia 5-7\F 2250 - Fragmento de bordo vertical de prato, com inflexão para a parede. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 17cm.
- 91** – Mola 09 A[85] 19966 - Lamboglia 5-7\F 2250 - Fragmento de bordo vertical de prato, com ligeira inflexão para a parede. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 18cm.
- 92** – Mola 09 A[151] 27612 - Lamboglia 5-7\F 2250 - Fragmento de bordo vertical de prato, esvasado. com inflexão para a parede . Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 22cm.
- 93** - Mola 09 A[85] 19965- Lamboglia 5-7\F 2250 - Fragmento de bordo vertical de prato, com ligeira inflexão para a parede. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 24cm.
- 94** – Mola08 C[1299] 11151 - Lamboglia 5-7\F 2250 - Fragmento de fundo de prato, pé em forma de anel, três círculos concêntricos incisos no fundo interior, decoração a *guilhoché* fino.. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 6 cm.
- 95** - Mola08 C[1299] 11953 - Lamboglia 5-7\F 2250 - Fragmento de fundo de prato, com bordo plano, pé em forma de anel, moldura demarcada no seu exterior. Incisões finas radiais na superfície interna da peça, decoradas com *guilhoché* fino. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 10 cm.
- 96** - Mola08 C[1299] 11952 - Lamboglia 5-7\F 2250- Fragmento de fundo de prato, com bordo plano, pé em forma de anel, moldura demarcada no seu exterior. Incisões



finas radiais na superfície interna da peça. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 8 cm.

**97** - Mola08 C[1283] 12516 - Lamboglia 5-7\F 2250- Fragmento de fundo de prato, com bordo plano, pé em forma de anel, moldura demarcada no seu exterior. Incisões finas radiais na superfície interna da peça. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 6 cm.

**98** – Mola08 C[1101] 10804 - Lamboglia 5-7\F 2250- Fragmento de fundo de prato, com bordo plano, pé em forma de anel, moldura demarcada no seu exterior. Incisões finas radiais na superfície interna da peça, decoração com guilhocé fino. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 6 cm.

**99** – Mola08 C[1101] 10802 e [1260] 14394 - Lamboglia 5-7\F 2250- Fragmento de fundo de prato, com bordo plano, pé em forma de anel. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 7 cm.

**100** – Mola08 C[1101] 10906 - Lamboglia 5-7\F 2250- Fragmento de fundo de prato, com bordo plano. Incisões finas radiais na superfície interna da peça, decoração a guilhocé fino. Evidências de existência de um gato numa das fracturas do fragmento. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro indeterminado.

**101** – Mola07 A[31] 8946 - Lamboglia 5-7\F 2250- Fragmento de fundo de prato, com bordo plano. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 11 cm.

**102** – Mola08 C[1293] 14144 - Lamboglia 5-7\F 2250- Fragmento de fundo de prato, com bordo plano. Incisões finas radiais na superfície interna da peça, decoração a guilhocé fino. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 7 cm.

**103** – Mola08 C[1260] 14390 - Lamboglia 5-7\F 2250- Fragmento de fundo de prato, com bordo plano. Incisões finas radiais na superfície interna da peça. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 8 cm.

**104** – Mola08 C[1107] 11776 - Lamboglia 5-7\F 2250- Fragmento de fundo de prato, com bordo plano. Incisões finas radiais na superfície interna da peça, decoração a guilhocé fino. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 6 cm.

- 105** – Mola09 A[85] 19974 – Lamboglia 5-7\F 2250- Fragmento de fundo de prato, com fundo plano. Círculos concêntricos incisos na superfície interna da peça, decoração a guilhoché fino. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 7 cm.
- 106** – Mola09 A[157] 22776 – Lamboglia 5-7\F 2250- Fragmento de fundo de prato, com fundo plano. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6). Diâmetro 7 cm.
- 107** – Mola07 A[28] 8064 – Lamboglia 1\F 2322 - 2323 – Fragmento de bordo de taça, com parede vertical, dois pequenos sulcos na parede exterior junto ao bordo. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 14 cm.
- 108** – Mola08 C[1293] 14145 – Lamboglia 1\F 2322 - 2323 – Fragmento de bordo de taça, com parede vertical. Banda pintada a branco no interior junto ao bordo. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 14 cm.
- 109** – Mola08 C[1112] 11143 – Lamboglia 1\F 2322 - 2323 – Fragmento de bordo de taça, com parede vertical. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 17 cm.
- 110** – Mola08 C[1269] 11439 - Lamboglia 1\F 2322-2323 - Fragmento de taça com bordo e parede vertical, com dois pequenos sulcos junto ao bordo na parede externa.. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 12 cm.
- 111** - Mola08 C[1269] 14442 - Lamboglia 1\F 2322-2323 - Fragmento de bordo, ligeiramente esvasado, de taça e parede vertical, com um pequeno sulco junto ao bordo na parede externa. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 11 cm.
- 112** - Mola08 C[1260] 14393 - Lamboglia 1\F 2322-2323 - Fragmento de taça com bordo e parede vertical, com dois pequenos sulcos junto ao bordo na parede externa. Pé em forma de anel esvasado para o exterior. Finas incisões radiais no fundo interno. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro do bordo 10 cm, do fundo 6 cm.
- 113** - Mola08 C[1297] 11567 – Lamboglia 1\F 2322-2323 - Fragmento de taça com bordo e parede vertical, com dois pequenos sulcos junto ao bordo na parede externa. Pé em forma de anel esvasado para o exterior. Finas incisões radiais no fundo interno e externo e decoração a guilhoché fino. Marca no fundo externo não identificada. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro do bordo 10 cm, do fundo 8 cm.



**114** – Mola08 C[1100] 10371 - Lamboglia 1\F 2322-2323 - Fragmento de bordo de taça com parede vertical, com dois pequenos sulcos junto ao bordo na parede externa. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 13 cm.

**115** – Mola08 C[1100] 9239 - Lamboglia 1\F 2322-2323 - Fragmento de bordo de taça com parede vertical. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 9 cm.

**116** – Mola08 C[1255] 12774 – Lamboglia 1\ F 2322 - 2323 – Fragmento de bordo de taça, com parede vertical. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 17 cm.

**117** - Mola09 A[85] 19969 – Lamboglia 1\ F 2322 - 2323 – Fragmento de bordo de taça, com parede vertical, ligeiramente esvasada. Duas caneluras impressas no exterior junto ao bordo. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 10 cm.

- Mola09 A[150] – Lamboglia 1\ F 2322 - 2323 – Fragmento de bordo de taça, com parede vertical, ligeiramente esvasada. Duas caneluras impressas no exterior junto ao bordo. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Não desenhada.

**118** – Mola08 C[1269] 11440 – Lamboglia 1\ F 2322 - 2323 – Fragmento de fundo de taça, pé em forma de anel, paredes concavas e fundo plano. Decoração com círculo concêntrico no fundo exterior e círculos incisos no fundo interior. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 8 cm.

**119** – Mola06 A[00] 35 – Lamboglia 1\ F 2322 - 2323 – Fragmento de fundo de taça, pé em forma de anel. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 8 cm.

**120** – Mola07 C[1210] 9795 – Lamboglia 1\ F 2322 - 2323 – Fragmento de fundo de taça. Pé anelar com duas pequenas incisões. Decoração com círculos concêntricos no fundo interior e exterior da peça. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 8 cm.

**121** - Mola09 A[127] 22525 – Lamboglia 1\ F 2322 - 2323 – Fragmento de fundo de taça, arranque de parede vertical. Pé em forma de anel. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 8 cm.

**122**– Mola07 C[1175] 5955 – Lamboglia 1\ F 2322 - 2323 – Fragmento de fundo de taça. Pé anelar e fundo plano. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 8 cm.

**123** – Mola08 C[1260] 14392 – Lamboglia 1\F 2322 - 2323 – Fragmento de fundo de taça. Pé anelar com uma pequena incisão. Decoração com círculos concêntricos no fundo interior e exterior da peça. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 10 cm.

**124** – Mola08 C[1107] 11778 – Lamboglia 1\F 2322 - 2323 – Fragmento de fundo de taça. Pé anelar. Decoração com círculos concêntricos no fundo interior e exterior da peça. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 8 cm.

**125** - Mola08 C[1261] 10889 – Lamboglia 1\F 2322 - 2323 – Fragmento de fundo de taça. Pé em forma de anel. Decoração com círculos concêntricos no fundo exterior da peça. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 6 cm.

**126** - Mola08 C[1262] 12195 - Lamboglia 2\F 1222 - Fragmento de bojo de copo, parede ligeiramente côncava, com carena demarcada na zona inferior, separando-o do pé da peça. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 5 cm.

**127** - Mola08 C[1107] 11775 - Lamboglia 2\F 1222 - Fragmento de bojo de copo, parede ligeiramente côncava, com carena demarcada na zona inferior, separando-o do pé da peça. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 7 cm.

**128** - Mola08 C[1100] 9240 - Lamboglia 2\F 1222 - Fragmento de fundo de copo, com carena demarcada na zona inferior, separando-o do pé da peça, este de forma anelar. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 4 cm.

**129** - Mola09 A[120] 22880 - Lamboglia 2\F 1222 - Fragmento de fundo de copo, com carena demarcada na zona inferior, separando-o do pé da peça, este de forma anelar. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 5 cm.

**130** - Mola09 A[85] 19970 - Lamboglia 3\F 7557 - Fragmento de bordo de copo, parede ligeiramente côncava, esvasada para o exterior. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 6 cm.

**131** – Mola08 C[1293] 14146 - Lamboglia 3\F 7557 - Fragmento de bordo de copo, parede ligeiramente côncava, esvasada e moldurada no exterior. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/4). Diâmetro 7 cm.





**132** - Mola08 C[1308] 13742 - Lamboglia 3\F 7557 - Fragmento de bordo de copo, parede ligeiramente concava, esvasada e moldurada no exterior. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/4). Diâmetro 7 cm.

**133** - Mola08 C[1101] 10801 - Lamboglia 3\F 7557 - Fragmento de fundo de copo, parede ligeiramente concava, pé baixo e esvasado em forma de anel, moldurado no exterior. Finas incisões radiais no fundo externo da peça. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/4). Diâmetro 7 cm.

**134** - Mola08 C[1289] 12083 - Lamboglia 3\F 7557 - Fragmento de bordo de copo, parede ligeiramente concava, esvasada e moldurada no exterior. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/4). Diâmetro 7 cm.

**135** - Mola08 C[1101] 10803 - Lamboglia 4\F 1413-1414 - Fragmento de fundo de copo, com pé cônico. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 6 cm.

**136** - Mola08 C[1260] 14396 - Lamboglia 4\F 1413-1414 - Fragmento de fundo de copo, com pé cônico. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 5 cm.

**137** - Mola08 C[1101] 10800 - Pasq.127\F 3121-3122 - Fragmento de bojo de copo, forma globular, e arranque de asa. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/4). Diâmetro 9 cm.

**138** - Mola06 A[05] 1341 - indeterminado - Fragmento de fundo de copo, pé forma anelar. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 6 cm.

**139** - Mola08 C[1262] 12194 - Lamboglia 5-7\F 2250- Fragmento de fundo de prato, com bordo plano. Incisões finas radiais na superfície interna da peça. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6)..Diâmetro 6 cm.

**140** - Mola08 C[1304] 14804 - indeterminado - Fragmento de fundo de copo, pé forma anelar. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 5 cm.

**141** - Mola08 C[1260] 11443 - Lamboglia 8 - Fragmento de fundo de taça, com pé em forma de anel. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 5 cm.

**142** - Mola08 C[1392] 12763 - indeterminado - Fragmento de fundo de taça, com pé em forma de anel. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 5 cm.

**143** - Mola09 A[150] - indeterminado - Fragmento de fundo de taça, com pé em forma de anel. Pasta bege (7,5 YR 8/6). Diâmetro 7 cm.

**144** - Mola08 C[1100] 10373 – F 3211 – Fragmento de asa. Pasta bege amarelada (7,5 YR 8/6).

**145** - Mola08 C[1292] 12198 - Lamboglia 4\F 1413-1414 – Fragmento de pé, de forma cilíndrica. Pasta Salmão (5 YR 8/6). Diâmetro 3 cm.

**146** - Mola08 C[1262] 12200 – 5 de Lamboglia/F 2250 – Fragmento de bordo vertical de um prato, ligeiramente esvasado. Pasta acinzentada (2,5 YR 6/1). Diâmetro 30 cm.

**147** - Mola08 C[1146] 3017 – F 2312 – Fragmento de bordo espessado e ligeiramente esvasado para o exterior. Pasta acinzentada (2,5 YR 6/1). Diâmetro 26 cm.

**148** – Mola08 C[1100] 10370 – 5/7 de Lamboglia/F 2250 – Fragmento de bordo vertical de um prato, fundo plano. Pasta acinzentada (25 YR 6/1). Diâmetro 25 cm.

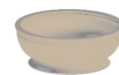
**149** – Mola08 C[1298] 13607 – 5 de Lamboglia/ F 2250 – Fragmento de bordo vertical de um prato, forma aberta de paredes côncavas. Pasta acinzentada (25 YR 6/1). Diâmetro 25 cm.

**150** – Mola08 C[1101] 10828 – 5 de Lamboglia/F 2250 – Fragmento de bordo vertical de um prato, forma aberta de paredes côncavas. Pasta acinzentada (25 YR 6/1). Diâmetro 20 cm.

**151** - Mola09 A[172] 18772 – 5 de Lamboglia/F 2250 – Fragmento de bordo vertical de um prato, forma aberta de paredes côncavas. Pasta acinzentada (25 YR 6/1). Diâmetro 24 cm.

**152**- Mola08 C[1222] 10021 – 5/7 de Lamboglia/F 2250 – Fragmento de fundo de prato, ligeiramente concavo, pé em anel. Pasta acinzentada (2,5 YR 6/1). Diâmetro 6 cm.

**153** - Mola08 C[1202] 12196 – F 3151 – Fragmento de asa de forma cilíndrica. Pasta acinzentada (2,5 YR 6/1).



**154** – Mola09 A[85] – Lamboglia 3/ F7557 – Fragmento de fundo de copo. Pasta cinzenta (2,5 YR 6/1). Diâmetro 6 cm.

**155** – Mola08 C[1327] 12599 – indeterminada – Fragmento de bojo. Pasta acinzentada (25 YR 6/1).

## 5. A cerâmica campaniense do Monte Molião no quadro da romanização do Sul do território português.

Os dados contidos neste trabalho, acerca do conjunto de cerâmica campaniense do Monte Molião, são um exemplo das importações de produtos itálicos durante o período romano republicano para a actual costa algarvia. Tal como neste sítio, as cerâmicas finas de verniz negro estão presentes noutros sítios desta área.

Para uma compreensão total do tema aqui abordado, julgamos necessário a comparação com os conjuntos de cerâmica campaniense de Faro, Castro Marim (VIEGAS, 2008 e 2009) e Mértola (LUÍS, 2003), pois, além da proximidade numérica, estes possibilitam o enquadramento da distribuição destas peças durante o mesmo período de tempo, na mesma área geográfica, através dos portos que em época romana se situariam em Lagos, Faro e Castro Marim ou do abastecimento a Mértola que se efectuará através do Guadiana (LUÍS, 2003, p.111) (**fig.35**). Referimos ainda que estes materiais foram recentemente estudados e publicados.

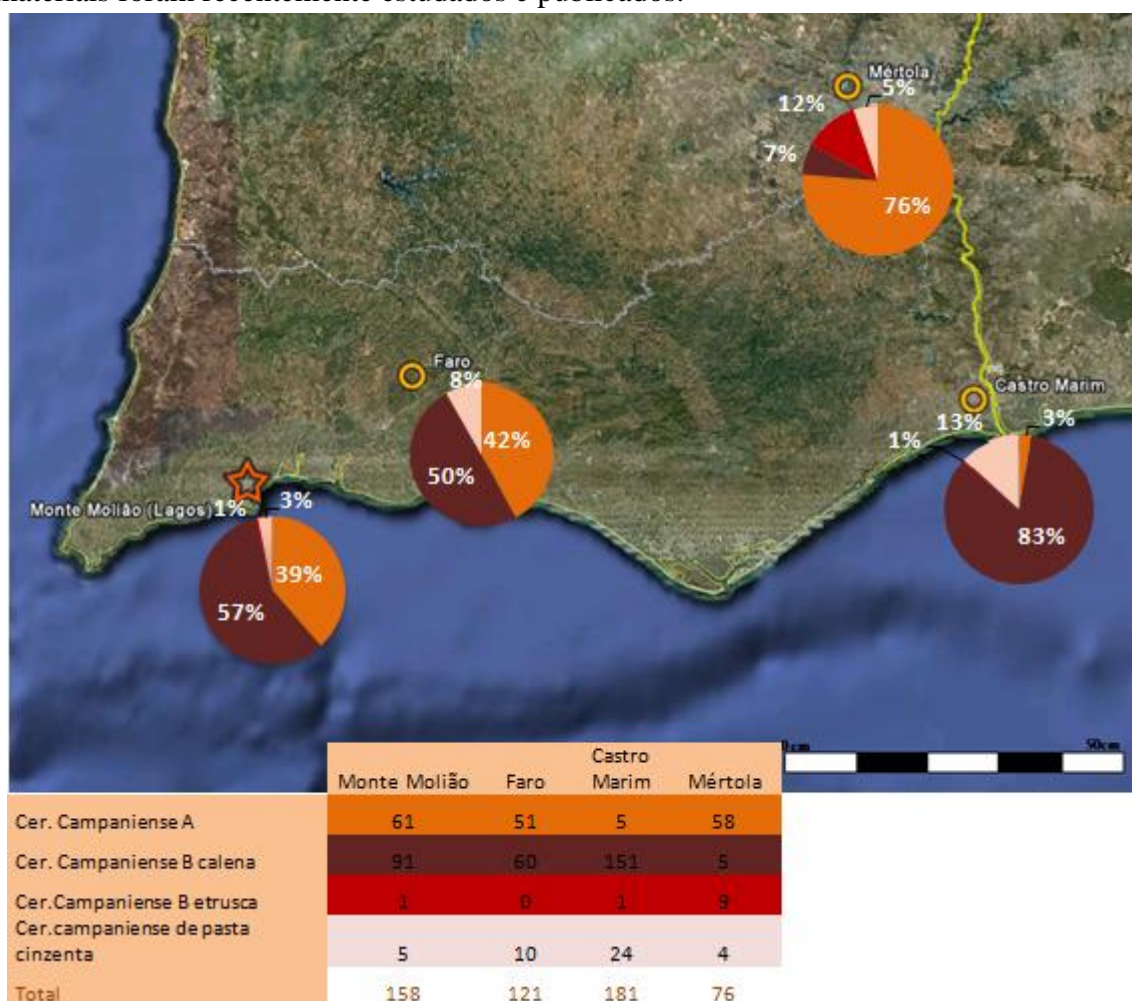


Figura 35: Distribuição da cer. Campaniense na costa algarvia e Mértola (NMI)



Faro, sendo a área mais próxima do Monte Molião, apresenta também o conjunto de cerâmica campaniense mais semelhante ao deste sítio. Os fragmentos estudados são provenientes das sondagens efectuadas no Museu Municipal e de uma intervenção, realizada em 1999, na Fábrica da Cerveja (VIEGAS, 2008 e 2009, p.135 e 136). Aí, de um conjunto de 452 fragmentos, 121 indivíduos, as produções do tipo B caleno representam a maioria, cerca de 50 por cento da amostra total. Estando os fabricos do tipo A em segundo plano, com 51 indivíduos. A campaniense do Tipo B, produzida na Etrúria encontra-se ausente nas áreas intervencionadas e as pastas cinzentas engobadas correspondem apenas a dez indivíduos (VIEGAS, 2009, p.136) (**fig.35**).

No que respeita à classificação formal, o conjunto é muito diversificado, estando presentes as formas típicas destas produções. Assim, são frequentes as formas 5/7, 8, 27, 31 e 36 de Lamboglia em Campaniense A, em menor número aparecem as formas 6, 28, 33, 42 e 55 de Lamboglia (VIEGAS, 2009, p.137). Nas produções calenas dominam as formas 1 e 5/7 de Lamboglia, alguns dos fragmentos representam as suas variantes mais antigas. Refere-se ainda a presença das formas 3, 4, 10, 30, 6 e Pasquinucci 127 (VIEGAS, 2009, p.139 e 140). Na cerâmica campaniense de pasta cinzenta a forma mais comum em Faro é o prato da forma 5/7 de Lamboglia, estando ainda presentes as formas 28, 1 e 31 de Lamboglia (VIEGAS, 2009, p.141) (**fig.36**).

Quanto aos motivos decorativos, são frequentes as caneluras circulares impressas no fundo das peças, o *guilhoché* fino, a banda pintada a branco junto do bordo e as ranhuras junto ao bordo das taças Lamboglia 1 (VIEGAS, 2009, p.137 a 142).

Segundo estes dados, o conjunto de Faro está, cronologicamente, balizado entre meados do século II a.C. e o século I a.C., com a presença inicial das produções clássica e tardia de Campaniense A, em conjunto com as ânforas do tipo greco-italico, das quais estão presentes dois fragmentos e do tipo Dressel 1 itálico, com 38 fragmentos no sítio. O abastecimento das produções calenas de verniz negro inicia-se no século I a.C., nas suas formas mais comuns, ao mesmo tempo que chegam os fabricos de pasta cinzenta, provenientes do Alto Guadalquivir (VIEGAS, 2008, p.218; VIEGAS, 2009, p.141, 142, 189 e 190).

Além das ânforas já referidas, encontram-se a acompanhar estes materiais outros tipos, são eles, Castro Marim 1, com 99 fragmentos, Maña C2 de profução gaditana, com 78 fragmentos, e ainda, alguns fragmentos da Classe 67 e do tipo Haltern 70,

constituindo-se a grande maioria, assim como a cerâmica comum aí presente, de importações da Ulterior (VIEGAS, 2009, p.189, 190, 195 e 196).

Também na costa Algarvia, Castro Marim apresenta-nos um conjunto de cerâmica campaniense proveniente dos trabalhos arqueológicos efectuados na área do Castelo, sob a direcção da Doutora Ana Margarida Arruda, constituído por 504 fragmentos, correspondendo a 186 indivíduos. Nessa área o tipos A (2,7%), B Etrusco (0,5%) e de pasta cinzenta (13%) representam um número muito inferior ao tipo B caleno, estando presentes 151 indivíduos, cerca de 84 por cento da amostra total (VIEGAS, 2009, p.413) (**fig.35**).

Formalmente, inseridos nas fases clássica e tardia da Campaniense do tipo A, registam-se cinco fragmentos das formas 1, 5, 7, 31 e 36 de Lamboglia. “Duas peças pertencem a formas que habitualmente se registam nos contextos do século II a.C.(Lamb. 31 e 36), mas as outras três apontam para uma fase relativamente mais tardia da produção de cerâmica campaniense A, muito possivelmente já do século I a.C. (Lamb. 1, 5 e 7)”(*Op. Sit.* VIEGAS, 2009, p.414). Nas produções do tipo B de Cales, destacam-se, em termos numéricos, as formas 1, sob as suas diversas variantes, 5, 5/7 e 7 de Lamboglia, estando também presentes as formas 2, 3, 4, 8, 10 de Lamboglia e Pasquinucci 127, que em conjunto com a estratigrafia permite estabelecer o século I a.C., em particular, a segunda metade deste, entre 50-30 a.C., como o horizonte cronológico da presença desta produção no Castelo de Castro Marim (VIEGAS, 2009, p.415, 416 e 419). A cerâmica campaniense de pasta cinzenta no sítio corresponde a 25 exemplares, fazendo-se representar sobretudo pelas formas 1 e 5/7 de Lamboglia (VIEGAS, 2009, p.420) (**fig.36**).

O repertório decorativo conta com os habituais círculos concêntricos, impressos no fundo interno das peças, as ranhuras junto ao bordo e as finas bandas preenchidas a branco (VIEGAS, 2009, p.417)

O conjunto de campaniense do Castelo de Castro Marim documenta uma ocupação republicana mais intensa a partir de meados do século I a.C., sendo que a raridade da cerâmica campaniense A indicia um abandono da área do castelo durante a época de distribuição deste tipo cerâmico. Hipótese sustentada pelo estudo da cerâmica do tipo *kuass*, recuperada nesta mesma intervenção e que segundo Elisa de Sousa mostra o abandono do sítio em torno do século III a.C. e a sua reactivação em meados do século I a.C., podendo, ter ocorrido “uma deslocação do espaço ocupado para outra área da colina” (SOUSA, 2009, p. 103; VIEGAS, 2009, p.421).



Dentro do conjunto ânforico, os tipos greco-italico e Dressel 1 possuem um peso reduzido, enquanto que os tipos Castro Marim 1 e Maña C2 estão presentes em grande escala, com 170 e 171 exemplares, respectivamente. Regista-se ainda a presença da Classe 67 nestes contextos. Também aqui, as produções gaditanas parecem dominar o quadro das importações para o sítio da foz do Guadiana (VIEGAS, 2009, 453 a 458, 493 e 494).

De facto, se olharmos para os resultados das intervenções realizadas em 2006 e 2007 no Forte de São Sebastião, encontramos os dados relativos à ocupação durante do século II a.C. de Castro Marim. Este Forte foi erguido em meados do século XVII, no contexto da Guerra da Restauração, numa elevação sobranceira à vila de Castro Marim. A sua ocupação em época republicana foi atestada nas sondagens efectuadas no topo do Forte, no desaterro do Reduto central e na área correspondente à “cidadela”, a única que forneceu contextos seguros desta ocupação (ARRUDA e PEREIRA, 2008, p.365 a 384).

Nas duas primeiras áreas, embora descontextualizados, identificaram-se fragmentos de ânforas do tipo Maña Pascual A4 de origem gaditana, Dressel 1 itálicas, Castro Marim 1, D de Pellicer, cerâmica do tipo *Kuass* (forma X de Niveau), e paredes finas (forma 1/2 de Mayet), um fragmento de *Kalathos* e cerâmica campaniense A (dois fragmentos com classificação tipológica: f.2283 e f.2233), a grande maioria exumada na área 2 do Reduto Central. Nos níveis conservados, de onde provêm a grande quantidade dos materiais da República, identificou-se uma estrutura implantada no substrato rochoso, associada a uma lareira de forma circular, a camada estatigráfica correspondente à sua vala de fundação centra-se no último quartel do século II a.C. inícios do I a.C., dedução realizada a partir de um fragmento de campaniense do tipo A aí exumado (ARRUDA e PEREIRA, 2008, p.377 a 389; BARGÃO, 2006, p.98).

A datação dos inícios da ocupação republicana em torno dos finais do século II a.C. e inícios do século I a.C. no Forte de São Sebastião, justifica-se ainda, pela observação da totalidade do material encontrado nestas sondagens. Estão presentes neste sítio uma diversidade de ânforas provenientes da baía de Cádiz, os tipos Maña Pascual A4, Maña C2, Castro Marim 1 e 9.1.1.1. e dez fragmentos correspondentes à produção de Dressel 1 itálica. Ao nível da cerâmica comum, todos os fragmentos representam fabricos gaditanos, predominantemente tigelas, potes e algidares. No que respeita ao serviço de mesa, apresenta-se a já referida forma 1/2 de Mayet de paredes finas, uma das produções mais antigas desta categoria, as formas de cerâmica *kuass*. II,

V e X de Niveau de Villedary y Mariñas, fabricos tardios deste tipo cerâmico e vários fragmentos de cerâmica campaniense do tipo A enquadráveis no final do século II a.C. (formas 5/7, 27, 31 e 55 de Lamboglia), estando as outras classes ausentes. Refere-se ainda, um bordo de Kalathos Ibérico, elemento importante na fixação desta cronologia (ARRUDA e PEREIRA, 2008, p.390 e 391).

Em Mértola, comparativamente a Faro e ao Castelo de Castro Marim, os dados invertem-se. O conjunto de cerâmica campaniense provêm de sondagens de duas áreas, a Casa do Pardal e a área da Alcáçova e corresponde a 572 fragmentos. Cerca de 75 por cento destes, representam os fabricos do tipo A, destacam-se as formas 5/7, 7, 33 e 36 de Lamboglia e ainda, a presença, em menor número, das formas 6, 23, 24, 27, 31 e 55 de Lamboglia, perfazendo um total de 56 indivíduos (LUÍS, 2003, p.99, 101 e 102). A esta classe, segue-se a classe que o autor designou de “círculo da B”, onde se inserem os fragmentos cujas características remetem para as oficinas que produziram este tipo de campaniense, um total de 14 indivíduos. Nove dos quais, pertencentes à produção Etrusca, cinco páteras da forma 5/7 de Lamboglia e quatro da forma 3 de Lamboglia. Restando cinco exemplares, possivelmente de origem calena, correspondentes à forma 1 (quatro fragmentos) e à forma 2 de Lamboglia (LUÍS, 2003, p.99, 100, 101 a 103) (fig.36).

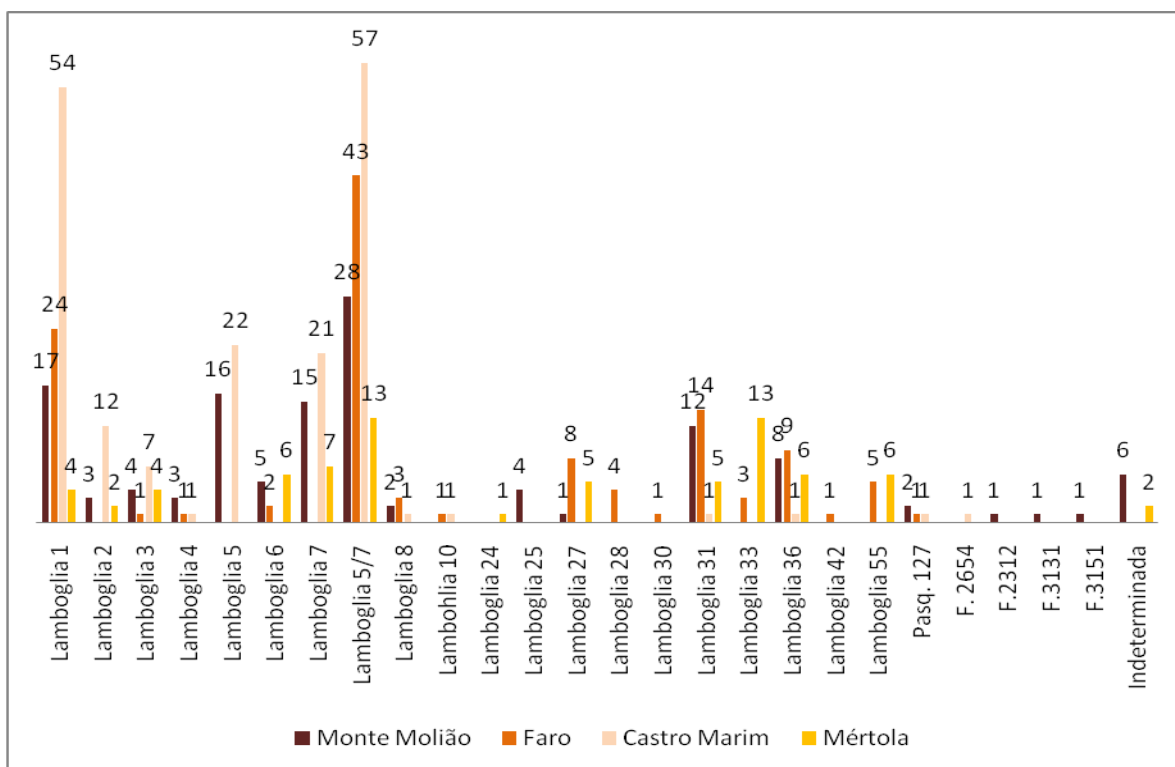


Figura 36: Formas de Cerâmica Campaniense presentes no Monte Molião, Faro, Castro Marim de Mértola





A cerâmica campaniense de pasta cinzenta tem em Mértola fraca representação, contando-se apenas três indivíduos, um fragmento de forma indeterminada, e dois de pátera da série 2250 de Morel (LUÍS, 2003, p.100 e 102).

Dos sítios em análise, é em Mértola que encontramos o maior número de exemplares com decoração, dominando a incisão dos círculos concêntricos nas peças, a aplicação de estampilhas e a pintura a branco (LUÍS, 2003, p.105 e 106).

Em termos cronológicos, o conjunto proveniente da Casa do Pardal é passível de se inserir na segunda metade do século II a.C., concentrando-se aí a grande parte dos exemplares de cerâmica campaniense do tipo A, apesar de existirem alguns fragmentos pertencentes ao “ círculo da B”, cuja produção se integra num período tardio, nomeadamente, as taças Lamboglia 1 (F2320). Na área da Alcáçova, encontramos um horizonte cronológico mais alargado, estando presentes as formas da segunda metade do século II a.C., à semelhança com o que acontece na Casa do Pardal, Lamboglia 5/7 (F2250), 31 (F2970), 36 (F1314) do tipo A. E formas pertencentes ao “círculo da B” que remetem já para o século I a.C., os pratos 7 (2260-80), as taças 1 (2320) e os copos 3 (7553) de Lamboglia (LUÍS, 2003, p.107 e 108).

Tendo em consideração o conjunto de cerâmica campaniense destes quatro sítios, localizados a sul do actual território português, apercebemo-nos dos padrões de abastecimento e consumo destas cerâmicas de mesa itálicas durante o período Romano Republicano nesta área. Assim, encontramos três casos com bastantes semelhanças entre si, todos estabelecidos ao longo da costa algarvia. Os exemplares de Faro, Monte Molião e do Forte de São Sebastião, onde numa primeira fase se fixaram as populações itálicas em Castro Marim, demonstram que o começo da chegada da cerâmica campaniense ao sul da Península Ibérica se efectivou a partir dos 3º e 4º quartel século II a.C., através das produções do tipo A, estando presentes nos três sítios formas pertencentes a fases de fabrico mais antigas, como é o caso das formas 5, 36 e 55 de Lamboglia (ARRUDA e PEREIRA, 2008, p. 392, 393; VIEGAS, 2009, p.136 e 414).

Note-se, depois a alteração nos hábitos de consumo destas cerâmicas finas, através do aumento exponencial dos fabricos do tipo B caleno ao longo do século I a.C., produção que representa a maioria dos três conjuntos. Como já referi, é nos níveis estratigráficos datados dessa época, no Monte Molião, que se dá uma diminuição da campaniense A face ao aumento dos fragmentos da cerâmica campaniense B de Cales, correspondentes a formas da fase de produção média e tardia deste tipo. Em Faro, a situação parece-nos semelhante, pois, também aí, as formas presentes são características

dos fabricos calenos do século I a.C. Contudo, é no conjunto do Castelo de Castro Marim que encontramos o abastecimento mais intenso e mais tardio deste tipo de cerâmica de verniz negro, precisamente no contexto datado de 50-30 a.C., onde a cerâmica campaniense A ocupa uma baixa percentagem de 0,2%, contrariamente ao que se verifica no Forte, pressupondo-se que “a romanização plena do território deu origem ao abandono de um sítio e à integração definitiva do *oppidum* estipendiário no quadro político e administrativo da Província da Ulterior” (*Op. Cit.* ARRUDA e PEREIRA, 2008, p.393; VIEGAS, 2009, p.424, 499 e 500).

E, em Mértola encontramos um conjunto que nos mostra uma ocupação intensa em época mais antiga, sendo um sítio mais interior abastecido através do Rio Guadiana. É provável que a sua relação com Castro Marim, este enquanto centro abastecedor de cerâmica ática durante Idade do Ferro, continue durante a romanidade, situação reafirmada pelos dados provenientes da intervenção no forte. Os exemplares da casa do pardal, onde as formas de campaniense A dominam, comprovam uma ocupação mais intensa em meados da segunda metade do século II a.C. que depois decaí durante o século I a.C., período em que os exemplares do “círculo da B” são pouco significativos (ARRUDA E PEREIRA, 2008; LUÍS, 2003, p.107, 108 e 111).

A cerâmica campaniense do tipo B etrusco é bastante rara nestes contextos, demonstrando que esta seria preterida em relação aos fabricos da A e depois às formas suas semelhantes produzidas nas oficinas de Cales.

Os materiais que acompanham a cerâmica de verniz negro são também homogéneos nestes sítios. Tanto no Monte Molião como em Faro e em Castro Marim, as categorias cerâmicas em contexto com a cerâmica campaniense, enquadram-se nas cronologias aqui referidas. A cerâmica do tipo *Kuass* é recorrente nos níveis de meados do século II a.C. até meados do século I a.C. (BARGÃO, 2006, p.97; SERRA e SOUSA, 2005, p.16 a 24; SOUSA, 2009, p.104; VIEGAS, 2009, p. 425). A cerâmica de paredes finas, nomeadamente, as formas III e VIII de Mayet, possuem também alguma representação em Castro Marim e no Monte Molião, representando, já, uma fase mais tardia de ocupação dentro do século I a.C. (ARRUDA, LOURENÇO, PEREIRA, 2008, p.26; VIEGAS, 2009, p.425).

Nas produções comuns, as formas de pastas calcárias da área da baía gaditana são predominantes, os fabricos locais regionais ocupam um segundo plano e as importações itálicas são raras nestes contextos (VIEGAS, 2009, p.423). As ânforas exumados nestes sítios são também os recipientes típicos deste período, as classes



melhor representadas são as Maña C2, Castro Marim 1 e Dressel 1, grande parte delas fabricadas na Ulterior, mas algumas provenientes do Norte de África, transportando até á actual costa algarvia, preparados piscícolas, azeite e algum vinho. Em Castro Marim os fabricos de ânforas itálicas não chegam aos três por cento, uma realidade bastante semelhante ao que acontece no Monte Molião e em Faro (BARGÃO, 2006, p.100; VIEGAS, 2009, p.425).

Assim, os dados destes sítios entram em confronto com a tese estabelecida de que a cerâmica campaniense representaria um produto de transporte secundário nas embarcações que transportavam o vinho itálico para o Mediterrâneo, pois “os circuitos de distribuição na região que virá posteriormente a ser o Sul da Lusitânia, encontram-se dominados pelo porto de Cádiz” (*Op. Cit.* VIEGAS, 2009, p.501).

## 6. Considerações finais.

### Em torno da cerâmica campaniense do Monte Molião.

O que nos interessa especialmente neste trabalho são as ilações retiradas do conjunto de cerâmica campaniense do Monte Molião. Este sítio permite um estudo pormenorizado destas cerâmicas finas, apresentando um contexto arquitectónico, cuja leitura conjunta dos níveis estratigráficos que lhe estão associados permitiu a observação das fases de ocupação bem definidas, a mais antiga assenta directamente sobre os níveis datados da II Idade do Ferro, sendo estes, por vezes, utilizados enquanto piso (ARRUDA, LOURENÇO e PEREIRA, 2008)

O conjunto do Monte Molião integra-se nos padrões de consumo deste tipo cerâmico no actual território português. Aqui a chegada do verniz negro romano começou em finais do século II a.C. inícios da centúria seguinte, como aliás, comprovam as UE's [184], [172], [165] e [191] do compartimento 2 do sector A e [1299], [1303], [1308], [1389] dos compartimentos 10 e 11 do Sector C, e os materiais provenientes dos mesmos estratos que esta cerâmica, nomeadamente, alguns exemplares de ânforas Greco-Itálicas, sendo maioritários os tipos Dressel 1 itálico e Maña C2 gaditana e de cerâmica *Kuass*, que possui alguma representatividade nestes contextos (ARRUDA e PEREIRA, no prelo). Em finais do século II a.C. e primeiros anos do século I d.C. começa a chegar ao sítio a produção de Cales, que é, nesta fase de ocupação mais antiga, pouco expressiva face ao consumo de cerâmica campaniense do tipo A.

Contudo, numa segunda fase, centrada na primeira metade do século I a.C., os fabricos de campaniense do tipo B caleno adquirem maior expressão nos contextos e dá-se uma diminuição dos exemplares do tipo A, agora da sua fase de produção mais tardia. Situação que se verifica, essencialmente, nos níveis [1260], [1269], [1346] do sector C. Nestes contextos mais recentes, aparecem alguns fragmentos de paredes finas de produção antiga, as formas de *kuass* escasseiam, e no que diz respeito aos elementos de armazenamento e transporte de produtos, grande parte provêm da baía de Cádiz, inserindo-se nos tipos Maña C2, Castro Marim 1 e série 9.1.1.1., embora a presença do tipo Dressel 1 itálico seja representativa do aumento do consumo de produtos romanos nesta fase.

Afirma-se, neste sítio, uma substituição progressiva da classe de cerâmica campaniense A pela cerâmica campaniense do tipo B caleno, concentrando-se a



primeira, na fase mais antiga de ocupação, aparecendo a par das formas calenas na fase posterior, contudo em quantidades bastante menores. Mostrando, que apesar da cerâmica campaniense B calena conquistar popularidade ao longo do século I a.C., no início da ocupação republicana estas duas produções coexistiam no mercado que abastecia o Monte Molião, podendo-se aproximar a data da presença destas classes, para os momentos finais do século II a inícios do I a.C.

A partir destes pressupostos, podemos engendrar que os primeiros momentos de ocupação republicana do Monte Molião correspondem apenas à fase inicial de chegada e instalação das populações itálicas, no âmbito da integração política e económica da Península Ibérica enquanto território submetido ao poder romano e mesmo ao consumo esporádico de cerâmica campaniense A pelas elites indígenas familiarizadas com o comércio mediterrâneo. Apenas durante o século I a.C. se dá um consumo efectivo e crescente dos produtos vindos da Península Itálica. Neste momento a ocupação já está definitivamente estabelecida, sendo regular a chegada de navios com as cerâmicas de mesa. Refiro-me à campaniense B calena, em maior escala, ainda que continue o consumo do tipo A, à cerâmica de paredes finas e à ânfora do tipo Dressel 1. Situação semelhante a Castro Marim, a Mesas do Castelinho e à Alcáçova de Santarém, como mais adiante explicitarei.

É, contudo, de assinalar que, à semelhança dos padrões de importação do Sul do actual território português, as produções da baía de Cádiz representam o grosso das importações neste período, no que respeita ao consumo das cerâmicas comuns, sobretudo formas abertas e aos produtos transportados nos contentores gaditanos, que apresentam grande variedade, especialmente na fase II (ARRUDA *et al.*, 2008, p.150; BARGÃO, 2008, p.179). A cerâmica *kuass* identificada nestes contextos insere-se, também, no quadro típico da presença destas produções republicanas a Sul do nosso território, em Faro e Castro Marim e na área de Cádiz (ARRUDA *et al.*, 2008, p.153 *apud* BERNAL CASASOLA *et. al.*, 1994; SOUSA, 2009, p.20)

Quanto a evidências de ocupação militar pouco adiantamos, no registo arqueológico até à data, a identificação de elementos que comprovem a presença das tropas romanas é pouco significativa, referimos o achado na campanha de 2008 no sector C, no interior do compartimento 10, de uma ponta de lança em ferro. Os contextos desta época consubstanciam-se em estruturas de povoamento urbano, não revelando nenhum episódio de natureza bélica no sítio, não querendo dizer com esta

frase, que este não tivesse existido (ARRUDA, LOURENÇO e PEREIRA, 2008, anexo III; ARRUDA e PEREIRA, no prelo).

A ocupação republicana do Monte Molião é, em termos cronológicos, coeva com a dos outros sítios do Litoral Algarvio. O Forte de São Sebastião de Castro Marim e Faro possuem conjuntos idênticos ao deste sítio arqueológico, estabelecendo os meados do terceiro quartel do século II a.C., como a data da chegada da cerâmica campaniense ao Sul do actual território português, embora os conjuntos do Monte Molião e do Forte de São Sebastião remetam mais para o último quartel desta centúria (ARRUDA e PEREIRA, 2008; VIEGAS, 2009).

Não sendo, a cerâmica campaniense do Monte Molião, o conjunto mais antigo do extremo ocidente da Península Ibérica, enquadra-se na cronologia das movimentações para a conquista romana do território. Os tipos e formas que o constituem encontram correlações com os exemplares encontrados noutros sítios do extremo ocidente da Península Ibérica.

Em Santarém, num total de 61 fragmentos provenientes dos contextos republicanos da alcaçova, as campanienses do “círculo da B” representam a maioria, 67% do conjunto, enquanto a campaniense do tipo A representa apenas 13% da amostra (BARGÃO, 2006, p.78). Os exemplares provêm de contextos tardo republicanos, datados da segunda metade do século I a.C., estando presentes em grande número, nas produções do tipo B, as formas 1, 1/8 e 5/7 de Lamboglia e em menor quantidade as formas 2, 3 e 4. Nos fabricos da cerâmica campaniense A documentam-se as formas 5, 6, 8, 31, 33, 36 e 55 de Lamboglia, já fora do seu contexto primário de deposição (BARGÃO, 2006, p.78 e 79).

Em extratos correspondentes a fossas, encontraram-se, contudo, materiais que permitem aferir que “o primeiro momento da ocupação romana da Alcaçova de Santarém tenha sido pautado pela presença de militares e que o sítio, a partir do final do século II a.C., tenha sido integrado no processo de conquista romana do território”, estes constituem-se por exemplares de campaniense A, ânforas greco-italicas e itálicas (*Op. Sit.* BARGÃO, 2006, p.111)

No Castelo de São Jorge em Lisboa, foram publicados por João Pimenta, na sua tese de mestrado, oito fragmentos de cerâmica campaniense dos tipos A e B etrusco, destacam-se as formas, 6 (f.1443), 23 e 31 (2950) de Lamboglia em campaniense A e a forma 5/7 de Lamboglia produzida nas oficinas da Etrúria. Estes aparecem associados a ânforas dos tipos Greco-italicas, Dressel 1 itálicas, Maña C2b, em grande parte, e ainda,



Tripolitana antiga e classe 9.1.1.1, que permitem estabelecer uma cronologia de ocupação republicana antiga na área do castelo, entre meados da segunda metade do século II a.C., mais precisamente, entre 140 e 130 a.C. (PIMENTA, 2005, p.31 a 45).

Em Alcácer do Sal conhecem-se exemplares de cerâmica campaniense enquadráveis na segunda metade do século II a.C., inserindo-se, também, nas produções mais antigas presentes no actual território português, sob as formas 27c e 28c de Lamboglia, recolhidas na necrópole da Nossa Senhora dos Mártires. Enquadrável nesta cronologia é também um exemplar da forma 31 de Lamboglia de cerâmica campaniense A, proveniente do Castelo Velho de Santiago do Cacém, onde se situa *Miróbriga*. Os fragmentos de campaniense do tipo B de Nossa Senhora dos Mártires, nomeadamente as formas 5/7, 1 e 3 de Lamboglia prolongam a ocupação republicana deste sítio até cerca de 65 a.C. (FABIÃO E GUERRA, 1984, p.121).

No sítio de Mesas do Castelinho, em Almodôvar, uma das áreas escavadas forneceu contextos seguros de ocupação durante o período republicano, onde a cerâmica campaniense constitui um dos elementos datantes. A evolução da presença da cerâmica campaniense neste sítio afigura-se muito semelhante à do conjunto do Monte Molião. A UE [43] na área Noroeste constitui o estrato de ocupação mais antigo deste período, finais do século II a.C., aqui dominam as produções de cerâmica campaniense do tipo A com características tardias acompanhadas dos contentores vinários itálicos do tipo Dressel 1. Esta situação altera-se no estrato seguinte, na UE [41], acompanhando o crescimento das importações itálicas, a cerâmica campaniense do “círculo da B” sofre um aumento substancial, exumando-se fragmentos das formas 1, 3 e 5/7 de Lamboglia, a par do decréscimo do número de fragmentos da cerâmica campaniense do tipo A. Estes aparecem associados a cerâmica de paredes finas, a contentores ânforicos itálicos e a alguns já produzidos na Ulterior, as ânforas pertencentes à classe 67 e à classe 32. As produções do “círculo da B” continuam a dominar no que diz respeito à cerâmica de verniz negro no contexto seguinte, a UE [39], contudo aqui as cerâmicas de paredes finas ocupam já uma fatia muito maior das importações itálicas. O conjunto ânforico compõe-se de exemplares da classe 67, classe 32 e Haltern 70. Estes materiais remetem para um período de ocupação tardorepublicano, situado no 3º quartel do século I a.C. (FABIÃO e GUERRA, 1994, p.279, 280; FABIÃO, 1998).

Num contexto mais antigo encontramos Lisboa, Alcácer do Sal, Mértola, e Faro, cujos exemplares mais antigos dos conjuntos de cerâmica campaniense centram-se cronologicamente no 3º quartel do século II a.C. Hipótese sustentada pela presença de

formas tidas como produções clássicas, os casos das formas 6, 23, 27, 31 e 55 de Lamboglia, pela ausência ou raridade das produções do tipo B e B caleno e pelos contentores ânforicos do tipo greco-italico, Dressel 1 itálicas, Maña C2b e classe 9.1.1.1 que lhe estão associadas nos níveis do Castelo de São Jorge e em Faro, não esquecendo os escassos fragmentos de *kalathos* ibéricos que surgem em alguns destes sítios (PIMENTA, 2005; FABIÃO e GUERRA, 1984; LUÍS, 2003; VIEGAS, 2009).

Temos depois os exemplares provenientes da Alcaçova de Santarém, Mesas do Castelinho, Monte Molião e do Forte de São Sebastião de Castro Marim que se enquadram na instalação dos contingentes itálicos, aí, entre finais do século II a.C. e inícios do século I a.C. A presença, nestes sítios, da cerâmica campaniense do tipo A, sobretudo, sob as formas 5, 6, 27, 31, 36 e 55 de Lamboglia, em conjunto com uma menor percentagem de cerâmica campaniense do tipo B caleno, onde se apresentam as variantes mais antigas das formas, por exemplo, as taças Lamboglia 1 sem qualquer ranhura na parede externa e os fundos com uma carena bem marcada, como se verifica no conjunto do Monte Molião, os fabricos característicos do período republicano de cerâmica *kuass*, nas formas II, V, IX e X de Niveau de Villedary y Marinas, a fraca expressão das produções de paredes finas, representadas no Forte de São Sebastião sob a forma 1/2 de Mayet, dos fragmentos de *kalathos* ibéricos do Monte Molião e do Forte, e a variedade de ânforas típicas desta época, dentro dos tipos Greco-italico, Dressel 1, Maña Pascual A4, Maña C2 e Castro Marim 1, sustentam a cronologia referida para um primeiro momento de ocupação destas áreas durante o período romano republicano. (BARGÃO, 2006; FABIÃO, 1994, 1998; ARRUDA e PEREIRA, 2008; ARRUDA, LOURENÇO e PEREIRA, 2009, p.18).

No que respeita aos padrões verificados durante o século I a.C. é visível o aumento do consumo dos produtos itálicos, a cerâmica campaniense presente nestes sítios é disso exemplo. É notório o aumento da cerâmica de verniz negro romana integrável nas produções do “círculo da B”, os sítios da Alcaçova de Santarém, Mesas do Castelinho, Faro, Monte Molião e do Castelo de Castro Marim, mostram nos seus contextos essa mesma realidade. Dá-se, de facto, durante este século, um incremento nas importações de campaniense B, sobretudo calenas, e uma diminuição gradual da cerâmica campaniense do tipo A (BARGÃO, 2006; FABIÃO e GUERRA, 1994, VIEGAS, 2009).

Nesta centúria, multiplicam-se as formas do tipo B caleno, as formas 1, 3 e 5/7 de Lamboglia são recorrentes nos conjuntos referidos, surgem acompanhadas dos





fabricos tardios de cerâmica campaniense do tipo A, maioritariamente, as formas 5/7 e 31 de Lamboglia, muitas vezes apresentando vestígios de pintura a branco junto ao bordo, característica desta fase. A estas classes, junta-se a cerâmica campaniense de pasta cinzenta. Apresentam-se ainda, alguns fragmentos de cerâmica *kuass*, agora mais escassos e um aumento da cerâmica de paredes finas em meados da segunda metade do século I a.C., sob formas III e VIII de Mayet. Nos contentores de transporte, continua a grande diversidade de tipos, a maioria proveniente de Cádiz, mas também alguns exemplares de origem itálica e norte africana, estão assim em maioria os tipos Dressel 1, Maña C2 e Castro Marim 1, e a Classe 67 e 32, estas em menor número (ARRUDA, LOURENÇO, PEREIRA, 2008; FABIÃO e GUERRA, 1994, VIEGAS, 2009)

Há, ainda, contextos que demonstram a utilização destas cerâmicas finas até época tardorepublicana, como são os casos de Santarém, onde o consumo desta cerâmica perdura até ao reinado de Augusto, de Mesas do Castelinho, cujo contexto [39] permite aferir a chegada dos fabricos do “círculo da B” até cerca de 65 a.C., de Castro Marim, onde fabricos calenos surgem no nível datado de 50-30 a.C. e possivelmente do Monte Molião, onde surgem, apesar de fora do seu contexto de deposição primário, elementos que remetem para uma utilização do espaço até inícios da segunda metade do século I a.C., como por exemplo, exemplares de paredes finas de produção mais antiga, ânforas já produzidas na Ulterior dos tipos Maña C2, Castro Marim 1 e Classe 67 (BARGÃO, 2006; FABIÃO e GUERRA, 1994; VIEGAS, 2009).

Quanto à ligação destes dados com a geografia da conquista, na zona centro do actual território português, a presença mais antiga da cerâmica campaniense ligar-se-á com o mapa das ocupações militares romanas, sendo aí que se registam os mais antigos conflitos que levaram á conquista do território pelas tropas romanas, nomeadamente as campanhas de Décimo Júnio Bruto (ALARCÃO, 1974, 1988). Nesta região, a conquista reveste-se de um carácter puramente militar encontrando realidades diferentes do Sul da península, nomeadamente das áreas costeiras, já habituadas á urbanidade e civilização do Mediterrâneo e á circulação de gentes e mercadorias de diferentes origens, eles próprios consumidores directos dos produtos vindos do exterior.

Supondo-se, assim, que a cerâmica de verniz negro romana chegaria à costa algarvia, e em particular, ao Monte Molião através das rotas marítimas pré-estabelecidas e não através das legiões romanas, para a sua subsistência, que as introduziram a norte e nas zonas interiores da Península. A sua datação é com isso congruente, elas de facto marcam a mudança trazida para o extremo ocidente pelas tropas romanas, o consumo

dos produtos itálicos a partir de meados da segunda metade do século II a.C. é facto confirmado no extremo ocidente da Península Ibérica. Contudo o conflito a esta zona Sul do nosso território só chega, indirectamente, com os conflitos lusitanos e depois, no contexto das guerras sertorianas (ALARCÃO, 1974, p.27 a 19, 40; 1988, p.23 e 24; BLÁZQUEZ, p.123 e 124).

Na costa algarvia a cerâmica campaniense demonstra uma conquista pacífica do território, mais política e comercial do que pela força. As populações itálicas chegam e instalam-se, introduzem entre os autoctones os seus gostos, que se aliam aos costumes já existentes, pois os produtos gaditanos continuam a ocupar um lugar cimeiro nas importações, ao nível das ânforas e da cerâmica de uso comum, podendo dizer-se “que a influência gaditana sobre o Sul do actual território português (região algarvia) se mantém depois da transferência da órbita política e económica romana” (*Op. Cit.* VIEGAS, 2009, p.208). Mas, agora, parte do vinho é de origem itálica, assim como a cerâmica de mesa, onde a cerâmica campaniense ocupa o primeiro lugar, em detrimento das produções de *Kuass*, antes preferidas pelos indígenas do Monte Molião e remetidas, agora, para segundo lugar, realidade semelhante à que se apresenta em Castro Marim (VIEGAS, 2009).

Apoiando esta teoria podemos observar nos sítios referidos um primeiro momento de contacto e instalação de contingentes exteriores no nosso território, este referente aos últimos quartéis do século II a.C., relacionado com uma baixa percentagem de produtos itálicos nos sítios e com a presença das formas de campaniense A, seguindo-se a integração efectiva do território na hegemonia itálica, levando à intensificação do consumo dos produtos vindos do centro conquistador, falo do aumento da presença da cerâmica campaniense B calena e de outros produtos itálicos, no decorrer do século I a.C., bem como o aparecimento das produções anfóricas do alto Guadalquivir.

A ocupação romana de Valência corrobora a informação aqui contida, fundada no âmbito das campanhas de Décimo Júnio Bruto na Península Ibérica para a fixação dos soldados romanos licenciados, possui um considerável conjunto de cerâmica campaniense A respeitante à ocupação do sítio durante a segunda metade do século II a.C. A sua associação com alguns fragmentos do tipo B caleno de produção antiga e média, do tipo B etrusco, com fragmentos de ânforas do tipo Grego, Greco-itálico, Dressel 1A, Brindisi e Tripolitana antiga, entre outros e às formas 1 e 2 de Mayet de paredes finas confirmam a sua cronologia de fundação em 138 a.C.



A campaniense do tipo A diminuí bastante nos contextos relacionados com o século I a.C., até cerca de 75 a.C., data da destruição da cidade por Pompeio, segundo as fontes clássicas, onde a campaniense do tipo B de Cales é abundante, sob as formas 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 8 de Lamboglia integradas nas produções clássica e tardia, estas estão associadas a ânforas do tipo Dressel 1B, Lamboglia 2 e Maña C1 e C2 (MARÍN JORDÁ e RIBERA I LACOMBA, 2001, p.246 a 278; RIBERA I LACOMBA, 1998, p.36 a 38).

Conclui-se que é clara a integração do sítio de Monte Molião no ambiente romanizante que se fazia sentir na Península Ibérica em meados do século II a.C., a cerâmica campaniense presente nos níveis republicanos é a prova disso. A sua cronologia centra-se em finais do século II a.C., concordando com a entrada das populações itálicas no Sul de Portugal entre o 3º e 4º quartel desta centúria. A difusão inicial das peças de verniz negro do tipo A é substituída no século I a.C. pela chegada da cerâmica campaniense do tipo B caleno e da cerâmica campaniense de pasta cinzenta, esta em menor percentagem, evidenciando padrões de evolução no consumo deste produto, congruentes com os materiais que lhe estão associados.

Por fim, a grande quantidade de materiais importados presentes no sítio em período republicano, desde a variedade nos contentores ânforicos, a abundância da cerâmica fina, nomeadamente o verniz negro romano, com as produções do tipo A, B caleno e pasta cinzenta, a cerâmica *kuass* e os exemplares de paredes finas provenientes de diferentes mercados e ainda a grande quantidade de produções comuns gaditanas denotam a importância desta elevação junto à baía de Lagos e uma posição privilegiada numa zona costeira às portas do Mediterrâneo.

## 7. Bibliografia:

**ADROHER AUROUX, A. M. e LÓPEZ MARCOS, A.** (1996) - Las cerámicas de barniz negro. II. Cerámicas campanienses. *Florentia iliberritana: Revista de estudios de antigüedad clásica*. Granada: Universidad de Granada. Nº7. P. 11 a 37.

**ADROHER AUROUX, A. M. e LÓPEZ MARCOS, A.** (2000) - Contextos de barniz negro en la Alta Andalucía entre los siglos II y I a.C. In **AQUILUÉ ABADÍAS, X; GARCÍA ROSELLÓ, J; GUITART DURÁN, J** coords. (2000) – *La cerámica de vernis negre dels segles II i I a.C.. Centre productors mediterranis e comercializació á la Península Ibérica. Taula Redona* (Empúries, 1998). Mataró: Museu de Mataró/ Universitat Autònoma de Barcelona, p. 149-176.

**ALARCÃO, J.** (1974) – *Portugal Romano*. História Mundi, nº33. Lisboa: Editorial Verbo. 287p.

**ALARCÃO, J.** [et al] (1976) - *Fouilles de Conimbriga, VI. Céramiques diverses et verres*. Paris: Diffusion du Bocard, p. 21-26.

**ALARCÃO, J.** (1988) – *O domínio romano em Portugal*. Forum da História. Lisboa: Europa América. 244p.

**ALARCÃO, J** coord.(1996) – *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C. .* Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. 317p.

**ALARCÃO, J** (2002) – *O Domínio Romano em Portugal*. Lisboa: Europa América. 244p.

**ALMEIDA, R.; RAMOS, A. C.** (2005) – O complexo industrial conserveiro de época romana d Rua Silva Lopes. Principais resultados de uma intervenção de emergência no centro histórico de Lagos. *Xelb*. Silves. 5:1. P.101 a 118.

**ALBERTINI** (s.d.) - Supellex. In **SAGLIO, E.; POITIER, E.**, eds. *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines.Tome IV, 2eme partie*. Paris: Hachette, p. 1564.

**ALMEIDA, F. de** (1964) - Ruínas de Miróbriga dos Célticos (Santiago do Cacém). Setúbal: *Junta Distrital de Setúbal*.



**ALMEIDA, F. de** (1977) - Civitas Igaeditanorum et Egitania: municipium romain: ville épiscopale wisigothique. In *Themes de recherches sur les villes antiques d'Occident (Colloques internationaux du CNRS, Strasbourg, 1-4 octobre, 1971)*. Paris: CNRS, p. 39-45.

**ALMEIDA, C. A. B. de** (1990) - Proto-história e romanização da Bacia Inferior do Lima. *Estudos Regionais*. Viana do Castelo. Número especial 7/8.

**ALVES, L. F. D.** (1956) - Aspectos da arqueologia de Myrtilis. *Arquivo de Beja*. Beja. 13, p. 21-104.

**AMARO, C.** (1982) - Villa romana do Monte da Chaminé: seu enquadramento arqueológico. *Al-madan*. Almada. 0, p. 33-34.

**AMARO, C.; PINA, M. J.; RAMOS, S** (2008) – Villa Romana do Monte da Chaminé (Ferreira do Alentejo), oitava campanha arqueológica. *Al-madan*. IIª série.16. Almada. p.164 a 165.

**AQUILUÉ ABADIÁS, X; GARCÍA ROSELLÓ, J; GUITART DURÁN, J** coords. (2000) – *La cerámica de vernis negre dels segles II i I a.C.. Centre productors mediterranis e comercializació á la Península Ibérica. Taula Redona* (Empúries, 1998). Mataró: Museu de Mataró/Universitat Autònoma de Barcelona.

**ARASA I GIL, F.** (2001) – *La romanització a las comarques septentrionals del litoral Valenciá. Poblament Ibéric i importacions itáliques en els secles II-I aC.* Servicio de investigación prehistorica. Nº100. Valencia: Deputación provincial de Valencia. 302p.

**ARNAUD, J. M.** (1970) - O Castelo Velho de Veiros (Estremoz): campanha preliminar de escavações de 1969. In *Actas das I Jornadas Arqueológicas, II*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 309-328.

**ARRUDA, A. M.** (1987) - Castelo de Castro Marim. *Informação Arqueológica - 1986*. Lisboa. 8, p. 32-34.

**ARRUDA, A. M.** (1988) - Nota sobre a ocupação romano-republicana do castelo de Castro Marim. In *5o Congresso do Algarve*. Faro: Racial Clube, p. 13-17.

**ARRUDA**, A. M. (1993a) – A cerâmica fina. In **MEDINA**, J coord. (1993) – História de Portugal. Lisboa: Ediclube. Vol. II. P. 299 a 309.

**ARRUDA**, A. M. (1993b) - A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica peninsular. *Estudos Orientais (Actas do Encontro “Os fenícios no território português”)*. Lisboa. 4, p. 193-214.

**ARRUDA**, A. M. (1996) - O Castelo de Castro Marim . In *De Ulisses a Viriato. O Primeiro Milénio A.C.*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 95-100.

**ARRUDA**, A. M. (1997a) - *As cerâmicas áticas do Castelo de Castro Marim*. Lisboa: Colibri.

**ARRUDA**, A. M. (1997b) - Os núcleos urbanos litorais da Idade do Ferro no Algarve. In **BARATA**, M.F., ed. - *Noventa séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa: IPPAR, p. 243-255.

**ARRUDA**, A. M.; **GONÇALVES**, L. J. (1993) - Sobre a romanização do Algarve. In *II Congresso Peninsular de História Antiga: Actas*. Coimbra: Universidade, p. 455-465.

**ARRUDA**, A. M; **ALMEIDA**, R. R. de (1999) - As importações de vinho itálico para o território actualmente português: contextos, cronologias e significado. In **GORGES**, J.-G.; **RODRÍGUEZ MARTÍN**, F. G., eds. - *Économie et territoire en Lusitanie romaine*. Madrid: Casa de Velázquez, p. 307-337.

**ARRUDA**, A. M. (2000) – *Fenícios e mundo indígena no centro e sul de Portugal: séculos VIII-VI a.C.: em torno às histórias*. Tese de doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. 2 Volumes.

**ARRUDA**, A. M., **BARGÃO**, P.; **SOUSA**, E. (2005) – A ocupação pré-romana de Faro. Alguns dados novos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8:1. Lisboa. P.177 a 208.

**ARRUDA**, A. M. **LOURENÇO**, P; **SOUSA**, E. (2006) – *Relatório final dos trabalhos arqueológicos do sítio de Monte Molião* [Manuscrito]. Acessível na Biblioteca do IGESPAR. [inédito]



**ARRUDA, A. M.** (2007) – *Laccobriga* e o seu território. In *Laccobriga. A ocupação romana na Baía de Lagos*. Lagos: Câmara Municipal de Lagos, p. 7-48.

**ARRUDA, A. M; BARGÃO, P; LOURENÇO, P; SOUSA, E.** (2007) – *Relatório final dos trabalhos arqueológicos do sítio de Monte Molião* [Manuscrito]. Acessível na Biblioteca do IGESPAR. [inédito]

**ARRUDA, A. M; BARGÃO, P; LOURENÇO, P; SOUSA, E.** (2008) – Monte Molião (Lagos): Resultados de duas campanhas de escavação. In *Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve* (Silves, Outubro 2007). *Xelb*. 8: 1. Silves: Câmara Municipal de Silves. p. 137 a 168.

**ARRUDA, A. M. e PEREIRA, C. S. P.** (2008) - As ocupações antigas e modernas no Forte de S. Sebastião, Castro Marim. In *Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve*, (Silves, Outubro de 2007). *Xelb* 8:1. Silves: Câmara Municipal de Silves. p. 365-395.

**ARRUDA, A. M; PEREIRA, C.; LOURENÇO, P** (2008) – *Relatório final dos trabalhos arqueológicos do sítio de Monte Molião* [Manuscrito]. Acessível na Biblioteca do IGESPAR. [inédito]

**ARRUDA, A. M.; PEREIRA, C.; LOURENÇO, P** (2009) – *Relatório final dos trabalhos arqueológicos do sítio de Monte Molião* [Manuscrito]. Acessível na Biblioteca do IGESPAR. [inédito]

**ARRUDA, A. M.; PEREIRA, C.** (no prelo) - Fusão e produção: actividades metalúrgicas em Monte Molião (Lagos, Portugal). In *Actas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve*, (Silves, Outubro de 2009). *Xelb* 10. Silves: Câmara Municipal de Silves.

**ARTUR, M. de L. C.** (1983) - Meróbriga. Santiago do Cacém (Portugal). *Caesaraugusta*. Zaragoza. 57-58, p. 51-109.

**BARGÃO, P.** (2006) – *As importações ânforicas do Mediterrâneo durante a época romano-republicana na Alcaçova de Santarém*. Tese de Mestrado apresentada á faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 vol. 278p.

**BARGÃO**, Patrícia (2008) – Intervenção de emergência na Rua do Molião: primeiras leituras. In *Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve*, (Silves, Outubro de 2007). *Xelb. 8:1*. Silves: Câmara Municipal de Silves. P.169 a 190.

**BELTRÁN LLORIZ**, M. (1990) – *Guia de la Cerámica Romana*. Zaragoza: Libros Pórtico. 373p.

**BLÁZQUEZ**, J. María [et. al.](1988) – *Historia de España Antigua. Tomo II. Hispania romana*. Madrid: Cátera. 824p.

**BLOT**, M. Luísa (2003) – Os portos na origem dos centros urbanos. Contributo para a arqueologia das cidades marítimas e flúvio-marítimas em Portugal. *Trabalhos em Arqueologia 28*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 338 p.

**BONET ROSADO**, H.; **MATA PARRENÕ**, C. (1988) - Imitaciones de cerámicas campanienses en la Edetania y Contestania. *Archivo Español de Arqueología*. 61. P. 5 a 38.

**BONET ROSADO**, H.; **ALBIACH**, R.; **GOZALBES**, M. coords (2003) – *Romanos y Visigodos en Tierras Valencianas*. Valencia: Museu de prehistoria y de las cultur de valencia. 295p.

**BONNET**, C; **MESQUITA**, J. C. V; **VIEGAS**, M. A. T. R. (1990) - *Memória sobre o Reino do Algarve, Descrição Geográfica e Geológica*. Faro: Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura.

**BUGALHÃO**, J. (2001) - *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Lisboa. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 15).

**CALADO**, M; **DEUS**, M; **MATALOTO**, R. (1999) – O sitio dos Soeiros (Arraiolos), uma abordagem preliminar. *Revista Guimarães*. Vol. Especial II. Guimarães. P. 759 a 774.

**CARDOSO**, G.; **ENCARNAÇÃO** J. d' (1980) - Cascais. *Informação Arqueológica*. Lisboa. 3, p. 39-40.





**CARDOSO, J.L; MASCARENHAS, J. M; QUINTELA, A. C.** (1986) – *Aproveitamentos Hidráulicos romanos a sul do Tejo: contribuição para a sua inventariação e caracterização*. Lisboa: Ministério do Plano e da Administração do Território. P.103 a 106.

**CARVALHO, P. C.** (1998) - *O Forum de Aeminium*. Lisboa: Instituto Português de Museus.

**CAVACO, C.** (1976) - *O Algarve Oriental. As vilas, o campo e o mar*. Faro: Gabinete de Planeamento da Região do Algarve.

**CHAVES, L.** (1915) - Segunda exploração arqueológica do Outeiro da Assenta (termo de Óbidos). *O Archeologo Português*. Lisboa. 20, p. 258-271.

**COSTA, A. I. M. da** (1910) - Estação prehistorica dos arredores de Setúbal. Appendice. Homem protohistorico. Idade do bronze e do ferro no castro de Chibanes. *O Archeologo Português*. Lisboa. 15, p. 55-83.

**CRAVO, J.** (1979) - Amadora. *Informação Arqueológica*. Lisboa. 2, p. 24-25.

**DEL AMO, M.** (1970) - La cerámica campaniense de importación y las imitaciones campanienses de Ibiza. *Trabajos de Prehistoria*. 27. p. 201 a 258.

**DELGADO, M** (1970) – *Cerâmica campaniense em Portugal*. II Congresso Nacional de Arqueologia. Coimbra. Vol. II. P.403 a 419.

**DELGADO, M.** (1971) - Cerâmica campaniense em Portugal”. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. II. Coimbra [S.N.] p. 403-420.

**DELGADO, M.** (1975) - Céramiques campaniennes et de type campanien. *Conimbriga*. Coimbra. 14, p. 88-92.

**DIAS, L.** (1995) - Cerâmica comum de Tongobriga. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35:2, p. 325-340.

**DIOGO, A. M. D.** (1984) - O material romano da 1a campanha de escavações na alcáçova de Santarém (1979). *Conimbriga*. Coimbra. 23, p. 111-141.

**DIOGO, M; MARQUES, J.** (2008) – Sistemas defensivos do Molião – resultados preliminares de intervenção arqueológica na urbanização do Molião. *Xelb*, Silves. 8:2. P. 59 a 65.

**ESTRELA, S.** (1999) – Monte Molião, Lagos: intervenção de emergência (1998) e problemas da gestão do património em sítios arqueológicos classificados. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 2: n.º 1, p. 199-234.

**FABIÃO, C.** (1992-93) – Garum na Lusitania rural? Alguns comentários sobre o povoamento romano do Algarve. *Studia Historica, Historia Antigua*. Salamanca. 10-11, p. 227-252.

**FABIÃO, C.; GUERRA A.** (1994) - As ocupações antigas de Mesas do Castelinho (Almodôvar): resultados preliminares das campanhas 1990-92. In *Actas das V Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1993)*. Vol. II. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 275-289.

**FABIÃO, C.** (1996) - O povoado fortificado da Cabeça de Vaiamonte (Monforte). *A Cidade*. Lisboa. Nova série. 11, p. 35-84.

**FABIÃO, C.; GUERRA, A.** (1996) – A cerâmica campaniense do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil). *Ophiussa*. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa. 0. P.109 a 131.

**FABIÃO, C.** (1998) - *O Mundo Indígena e a sua Romanização na área céltica do território hoje português*. 3 vols. (tese de dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa).

**FABIÃO, C.; GUERRA A.** (2008) – Mesas do Castelinho (Almodôvar), um projecto com vinte anos. *Al-madan*. IIª série.16. Almada. p.92 a 105.

**FEIO, M.** (1949) – *Le Bas Alentejo et l'Algarve*. In Congrès International de Géographie, Lisbonne.

**FERREIRA, O. da V.** (1971) - Cerâmica negra de tipo grego encontrada em Portugal. *Arqueologia e História*. Lisboa. 5ª série. 3, p. 313-326.



**GAMITO, T. J.** (1982) - A Idade do Ferro no Sul de Portugal: problemas e perspectivas. *Arqueologia*. Porto. 6, p. 65-78.

**GAMURRINI, G.F.** (1879) - Les vases étrusco-campaniens. *Gazette Archéologique*. Paris. p. 38-50.

**GIRÃO, A. de A.** (1960) – *Geografia de Portugal*. Porto: Portucalense Editora.

**GOMES, J. J. F.; DOMINGOS, J. B. B.** (1983) - A “xorca” da Serra de Ripas (Alenquer). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4ª série. 1, p. 287-300.

**GOMES, Rosa Varela** (2004) – *Silves (Xelb), uma cidade do Garb Al-Andalus: a Alcáçova*. *Trabalhos em Arqueologia* 35. Lisboa: Instituto Português da Arqueologia. 526p.

**GUERRA, A.** (1995) – *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*. Lisboa: Colibri.

**HARRIS, E.** (1979) – *Principles of archeological stratigraphy*. Londres: Academic press. 136p.

**IMPERIAL, F. N. L. F.** (1998) - *Cerâmicas romanas de Maiorca*. (Tese de mestrado em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra).

**LAMBOGLIA, N.** (1950) - *Gli scavi di Albintimilium e la cronologia della ceramica romana (parte prima: campagna di scavo 1938-1940)*. Bordighera: Istituto Internazionale di Studi Liguri.

**LAMBOGLIA, N.** (1952) - Per una classificazione preliminare de la ceramica campana. In *I Congresso Internazionale di Studi Liguri*. Bordighera: Istituto Internazionale di Studi Liguri, p. 139-206.

**LAMBOGLIA, N.** (1958) - Lo studio della ceramica campana. *Rivista di Studi Liguri*. Bordighera. 24:1-2, p. 187.

**LEWIS, C. SHORT CARLTON T.** (1879) – *A latin dictionary*. Oxford

**LUÍS, L** (2003) – *As cerâmicas campanienses de Mértola*. *Trabalhos em Arqueologia* 27. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 149p.

**LUÍS, L.** (2010) – Cerâmica Campaniense. In **ALARCÃO, J; CARVALHO, P; GONÇALVES, Ana** coords (2010) - *Studia Lusitana 5. Castelo da Lousa, intervenções arqueológicas de 1997 a 2002*. Mérida. p.111 a 135.

**MAIA, M.** (1980) - Escavação na estação romana de S. Marcos, Cacém (Sintra). *Clio*. Lisboa. 2, p. 158-159.

**MAIA, M.** (1987) – *A romanização do território hoje Português a sul do Tejo (218 a.C. a 14 d.C.)*. Tese de Doutoramento a apresentada á faculdade de Letras de Lisboa. 2 vol. 548p.

**MANTAS, Vasco** (1990) – Villes et villas de Lusitanie. Interactions-échanges-autonomies. in **GORGES, J.-G.** (org.). *Les villes de Lusitanie Romaine*. Paris: CNRS. p. 91 a 113.

**MARÍN JORDÁ, C; RIBERA I LACOMBA, A** (2001) – Las ceramicas de barniz negro de Cales en Hispania ( y las Galias). in **PEDRONI, Luigi** dir. (2001) – *Ceramica Calena a vernice nera*. Prudozioni idiffusioni. Cittá di Castello: Pedruzzi editore. P. 246 a 295.

**MARTINS, M.** (1990) - *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

**MELA, Pompónio** - *De Chorographia. Livro III*.

**MINGAZZINI, P.** (1966) - Vernice nera (vasi a). In *Enciclopedia dell' Arte Antica Classica e Oriental. VII*. Roma: Instituto della Enciclopedia Italiana.

**MOLINA VIDAL, J.** (1995) – *Las Relaciones centro-periferia. El comercio entre Itália e Hispânia durante la época tardorrepública*. Tesis doctoral. Univerdad de Alicante. 665p.

**MOREL, J.-P.** (1965) - *Céramique à vernis noir du Forum romain et du Palatin*. Roma: École Française de Rome.

**MOREL, J.-P.** (1967) - Céramiques d'Hippone. *Bulletin d'Archéologie Algérienne*. Paris. 1, 1962-1965, p. 107-139.



**MOREL, J.-P.** (1968) - Céramiques à vernis noir du Maroc. *Antiquités Africaines*. Paris. 2, p. 55-76.

**MOREL, J.-P.** (1978) - A propos des céramiques campaniennes de France et d'Espagne. *Archéologie en Languedoc*. LOCAL. 1.p. 149-168.

**MOREL, J-P** (1980) – La céramique campanienne: acquis et problèmes. In LEVÊQUE, P; MOREL, J-P dir. (1980) – *Céramiques hellénistiques et romaines*. França: Annales Littéraires de l'Université de Besançon. 242. P.85 a 122.

**MOREL, J.-P.** (1981) - *La Céramique Campanienne. Les Formes*. Bibl. Ec. Fr. d'Athènes et Rome. 2 vols. Roma.

**MOREL, J-P** (1986) - La ceramique â vernis noir de Carthage, sa diffusion, son influence. *CEA XVIII. CARTHAGE VIII*. Quebec, pp. 25-68.

**MOREL, J-P; PICON, M** (1994) – Les céramiques étrusco-campaniennes; recherches en laboratoire. In OLCESE, G dir. (1994) - *Ceramica romana e archeometria : lo stato degli studi*. Florence: Atti delle giornate internazionali di studio (Castello di Montegufoni, 1993). p.23-46.

**MORILLO, Ángel e AURRECOECHEA, Joaquín** [eds.] (2006) – *The roman army in Hispania. An archeological guide*. León: Unversity of Leon. 492p.

**NOLEN, J.** (1994) - *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares, Balsa*. Lisboa: IPM.

**NUNES, J** (1900) - A necrópole Luso romana dos arredores de Lagos. *Archeologo Português*. Lisboa. S1, volume 5. P.102-103.

**PAÇO, A.** Do [et. al.] (1967) - Castelo da Lousa (Mourão). *Boletim da Junta Distrital de Évora*. Évora. 6.

**PEDRONI, Luigi** (1986) - *Ceramica a vernice nera da Cales*. Nápoles: Liguori. 408p.

**PEDRONI, Luigi** (1990) - *Ceramica a vernice nera da Cales II*. Nápoles: Liguori. 296p.

**PEDRONI, Luigi** dir. (2001) – *Ceramica Calena a vernice nera*. Prudozioni idiffusioni. Città di Castello: Pedruzzi editore.

**PEREIRA, A. R.; DIAS, J. M.; LARANJEIRA, M. M.** (1994) - *Contribuições para a geomorfologia e dinâmicas litorais em Portugal*. Centro de Estudos Geográficos. Lisboa. Rel. n.º 35, p. 75-89.

**PÉREZ BALLESTER, J.** (2009) – La cerâmica de barniz negro. In BERNAL CASASOLA, D; RIBERA I LACOMBA, A. Coords. (2009) – *Ceramicas Hispanorromanas. Un estado de la question*. (Actas do XXVI Congreso Internacional de la Asociación Rei Cretariae Romanae Fautores). Universidade de Cádiz. p. 263 a 275.

**PIMENTA, J.** (2005) – *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Trabalhos em Arqueologia 41. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 163p.

**PIMENTA, J.; MENDES, H.; NORTON, J.** (2008) – O Povoado Tardo-Republicano do Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira). *Al-madan*. IIª série.16. Almada. p.26 a 37.

**PONTE, S.** (1988) – A villa rústica de São Pedro de Caldelas. Tomar. P.81 a 82.

**PRINCIPAL-PONCE, J.** (1998) - Las importaciones de vajilla fina de barniz negro en la Cataluña Sur y Occidental durante el siglo III a. C. in *BAR Intern. Series 729*. Oxford.

**PUIG, A.; MARTÍN, A.** (2006) - *La colònia grega de Rhode (Roses, Alt Empordà)*. *Sèrie Monogràfica*, 23. Girona: Museu de Catalunya Girona.

**PY, M.** dir.(1993a) - *Lattara 6, Dicocer: dictionnaire des céramiques antiques (VIIème s. av. n. è. - VIIème s. de n. è.) en Méditerranée nord-occidentale (Provence, Languedoc, Ampurdan)*. France: Edition de l'Association pour la recherche archéologique en Languedoc oriental.

**PY, M.** (1993b) - Campanienne A. In PY, M. (dir,) - *Lattara 6. Dicocer – Dictionnaire des Céramiques Antiques (VII s. av.n. e – VII s. de n.e.) en Méditerranée nord-occidentale (Provence, Languedoc, Ampurdan)*. Lattes, p. 146-150.



**PY, M.** (1993c) - Campanienne B. In PY, M. (dir.) - *Lattara 6. Dicocer – Dictionnaire des Céramiques Antiques (VII<sup>s</sup> av.n. e – VII<sup>s</sup> de n.e.) en Méditerranée nord-occidentale (Provence, Languedoc, Ampurdan)*. Lattes, p. 151-152.

**PY, M.** (1993d) - Campanienne C. In PY, M. (dir.) - *Lattara 6. Dicocer – Dictionnaire des Céramiques Antiques (VII<sup>s</sup> av.n. e – VII<sup>s</sup> de n.e.) en Méditerranée nord-occidentale (Provence, Languedoc, Ampurdan)*. Lattes, p. 155.

**PY, M.** (1993e) – Céramique Campanienne à pâte grise du type de l'épave de Giens. In PY, M. (dir.) - *Lattara 6. Dicocer – Dictionnaire des Céramiques Antiques (VII<sup>s</sup> av.n. e – VII<sup>s</sup> de n.e.) en Méditerranée nord-occidentale (Provence, Languedoc, Ampurdan)*. Lattes, p. 153-154.

**PY, M.; ADROHER AUROUX, A.M.; SANCHEZ, C.** (2001) - *Corpus des céramiques de l'Age du Fer de Lattes (fouilles 1963-1999)*. 2 vol. France: Edition de l'Association pour la recherche archéologique en Languedoc oriental. 1305 p.

**QUEIROGA, F. M. V. R.** (1985) - Escavações arqueológicas no castro das Ermidas: a campanha de 1983. *Boletim Cultural*. Vila Nova de Famalicão. 6.

**RAMOS, A. C.** (2008) – Novos dados sobre a ocupação antiga do Centro Histórico de Lagos. A intervenção na Rua 25 de Abril, n.ºs 53-55. *Xelb*. Silves. 8:2. P.87 a 98.

**RIBEIRO, O.** (1998) – *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Livraria Sá da Costa. 189 p.

**RIBERA i LACOMBA, A.** (1998) - *La fundació de València. La ciutat a l'època romanorepublicana (segles II-I a. de C.)*. Estudios Universitarios 71 (Valencia).

**ROCA, M; GARCIA, M.** Coords. (2005) – *Introducción al estudio de la cerámica romana, una breve guía de referencia*. Málaga: Universidad de Málaga. 464p.

**ROCHA, A. S.** (1906): Necrópole luso-romana do Molião. *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*. Figueira da Foz. Tomo I, n.º 3, p. 103-105.

**RODRIGUES, Sandra** (2002) – *A Rede Viária Romana do Algarve*. Tese de Mestrado em Pré-história e Arqueologia apresentada á Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. 2 volumes.

**RODRIGUES**, Sandra (2004) – *As vias romanas do Algarve*. Faro : Centro de Estudos do Património da Universidade do Algarve. 108p..

**SANMARTÍN**, E. (1978) - La cerámica campaniense de Emporion y Rhode. *Monografies Emporitanes* .IV. 2 vols. Barcelona.

**SANTOS**, M<sup>a</sup> Luisa A. (1971) – *Arqueologia Romana do Algarve*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 404p..

**SERRA**, M; **SOUSA**, E. (2006): Resultado das intervenções arqueológicas realizadas na zona de protecção do Monte Molião (Lagos). *Xelb*. Silves. 6: 1, p. 5-26  
**RIBERA I LACOMBA**, A.; **CALVO GALVEZ**, M. (1995) - La primera evidencia arqueológica de la destrucción de Valentia por Pompeyo. *Journal of Roman Archaeology* 8. E.U.A: Ann Arbor. P. 19-40.

**SILVA**, C. T.; **SOARES**, J. (1973) - Ocupação do período proto-romano do povoado do Pedrão (Setúbal). *Actas das II Jornadas Arqueológicas. I*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 245-305.

**SILVA**, C. T. (1978) - Ocupação da II Idade do Ferro da Pedra da Atalaia (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 4, p. 117-132.

**SILVA**, C. T.; **SOARES**, J. (1979) - Cerâmica pré-romana de Miróbriga (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 5, p. 159-184.

**SILVA**, A. C. Ferreira da (1986) – *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira.

**SILVA**, C. T. da; **SOARES**, J. (1986) - *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: Serv. Nac. Parques, Reservas e Conservação da Natureza.

**SILVA**, C. T. ; **Soares**, J. (1991) - Ilha do Pessegueiro: estabelecimento romano da costa sudoeste. *Correio da Natureza*. Lisboa. 11, p. 10-16.

**SILVA**, C. T. ; **SOARES**, J.; **BEIRÃO**, C. M.; **DIAS**, L. F.; **COELHO-SOARES**, A. (1980) - Escavações arqueológicas no castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, 149-218.





**SOARES, J.**, (1978) - Nótula sobre cerâmica campaniense do castelo de Alcácer do Sal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 4, p. 133-143.

**SOUSA, E. M. de** (1996) - Cerâmicas ditas campanienses e de imitação conservadas no Museu Regional de Sintra. *Conimbriga*. Coimbra. 35, p. 37-58.

**SOUSA, J. J. R. de** (1966) - Inventário de materiais para a arqueologia bracarense. *Bracara Augusta*. Braga. 20: 55-56, p. 165-178.

**VASCONCELLOS, J. L. de** (1918) – Pelo Sul de Portugal. *O Archeologo Português*. Lisboa. 23, p. 104-138.

**VASCONCELLOS, J. L. de** (1917) – Monte Molião – Lagos. *O Archeologo Português*. Lisboa. XXII, p. 128.

**VEIGA, E da** (1891) - *Antiguidades monumentaes do Algarve*, IV, Lisboa: Imprensa Nacional.

**VEIGA, E. da** (1910) - Antiguidades monumentaes do Algarve. Cap. V: Tempos históricos. *Lacobriga. O Arqueólogo Português*. Lisboa. XV, p. 220-222.

**VENTURA MARTÍNEZ, J. J.** (1985) - La cerámica campaniense “C” yseudocampaniense de pasta gris en la Provincia de Sevilla. *Lucentum*. Alicante. 4. p. 125-132.

**VENTURA MARTÍNEZ, J. J.** (1992) - Cerámica campaniense en la Corduba romana. *Anales de Arqueologia Cordobesa*. Córdoba.3. p. 137-170.

**VENTURA MARTÍNEZ, J. J.** (2000) - La ceràmica de barniz negro de los siglos II – I a.C. en Andalucía Occidental. In AQUILUÉ ABADÍAS, X; GARCÍA ROSELLÓ, J; GUITART DURÁN, J coords. (2000) – *La ceràmica de vernis negre dels segles II i I a.C.. Centre productors mediterranis e comercializació á la Península Ibérica. Taula Redona* (Empúries, 1998). Mataró: Museu de Mataró/Universitat Autònoma de Barcelona. p. 177-215.

**VIANA, Abel; FORMOSINHO, J; FERREIRA, O. Veiga** (1952) – Alguns Objectos Inéditos do Museu Regional de Lagos, Monte Molião. *Revista Guimarães*. Guimarães. Nº62. P.133 a 142.

**VIANA, A.; FERREIRA, O. da V.; SERRALHEIRO, P.e A. (1956)** - Apontamentos arqueológicos dos concelhos de Aljustrel e Almodôvar. In *Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. XXIII Congresso Luso-Espanhol. Coimbra, 1956. Tomo VIII - 7a secção, Ciências Históricas e Filológicas*. Coimbra, p. 453-459.

**VIANA, Abel (1960)** – Notas Históricas Arqueológicas e Etnográficas do Baixo Alentejo. Senhora da Cola. *Revista Arquivo de Beja*. Vol. XVII. Beja. P. 138 a 231.

**VIEGAS, Catarina (2009)** - *A ocupação romana do Algarve: estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Tese de doutoramento em Arqueologia, apresentada á Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 vols. 657p.

**ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da V.; SANTOS, M. C. (1968)** - Acerca do campo fortificado de “Chões” de Alpompe (Santarém). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 3a série. 2, p. 49-57.

**CARTA MILITAR DE PORTUGAL: FOLHA 602** [material cartográfico] /serviços cartográficos do exército – Escala 1: 25000. Lisboa. S.C.E., 1970.

**CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: FOLHA 52 – A** [material cartográfico] / Direcção geral de minas e serviços geológicos - Esc. 1: 50000. Portimão. D.G.M.S.E., 1975.

Base de Dados de sítios arqueológicos, inserido no programa operacional de cultura(POC). Disponível em <http://arqueologia.igespar.pt/POC/?sid=sitios>